

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano II – N. 2 – COGNÓPOLIS – Setembro 2015

SUMÁRIO

EDITORIAL 3

ÁFRICA

Rute Pinheiro – Viagem Turística à África do Sul: Sondagem Consciencial ao Velho Continente 5

Jeffrey Lloyd – Interassistance in Africa 13

Antônio Fontenele e Marília Sant Anna – Uma Experiência Retributiva na África do Sul 17

AMÉRICA

Fabiana Carvalho – Intercâmbio em Harvard 25

Mirella Salgues de Carvalho – Quando o Mundo se Torna o Lar 29

ÁSIA

Frederico Falcão – Balanço de Experiências Conscienciológicas na Ásia 33

EUROPA

Julio César Gonçalves Dias – Democracia Pura do Brasil à Europa 40

Fernanda Schweitzer – Viagem ao Sul da França e Itália 48

OCEANIA

Izabel Conceição – Vivências na Austrália: desafios de conviver em outra cultura, sem o domínio do idioma 54

MAIS VIVÊNCIAS INTERNACIONAIS

Magali Ornellas – Casal Intercultural 63

Jörn Schmidt – Intercontinental Move – an evolutionary technique? 67

Jörn Schmidt – Interkontinentalwechsel – eine evolutive Technik? Ein Resümee nach drei Jahren .. 73

AUTO-ORGANIZAÇÃO EM VIAGEM

Check List do(a) Intercambista À África do Sul 81

Sites e Contatos Úteis: 89

OVERVIEW DA ÁFRICA DO SUL 90

CONSCIENCILOGIA E COGNÓPOLIS 92

Expediente

INTERCÂMBIO – Publicação de Experiências Cosmopolitas
Ano II – N. 2 – Cognópolis – Setembro 2015
ISSN 2447-293X

Copyright © 2015 – Associação Internacional Editares
Os direitos autorais dessa edição foram graciosamente cedidos
à Editares para comercialização da publicação.

Editores: Kátia Arakaki e Tony Musskopf.

Revisores: Else Trafny (Alemão), Jeffrey Lloyd (Inglês),
Sebastião Feitosa (Português), Tathiana Mota (Inglês).

Capa: Ernani Brito

Diagramação: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.



Instituição sem fins lucrativos voltada à conexão das demandas
internacionais interassistenciais com voluntários especialistas.

Facebook: <https://www.facebook.com/intercons>

E-mail: intercambioconscienciologico@gmail.com

Site: www.interconsglobal.org Telefone: (45) 3028.4102



Associação Internacional Editares

Av. Felipe Wandscheer, 6.200, sala 107, Cognópolis

Foz do Iguaçu, PR – Brasil – CEP: 85856-530

Tel/Fax: 45 2102 1407

E-mail: vendas@editares.org

Website: www.editares.org.br

EDITORIAL

Nesta edição da Revista Intercâmbio você, leitor ou leitora, irá conhecer diferentes modalidades de itinerâncias internacionais realizadas por voluntários e voluntárias da Conscienciologia nos 5 continentes: América, Europa, África, Ásia e Oceania.

As diversas casuísticas aqui apresentadas constituem genuínos experimentos conscienciológicos internacionais, explicitados em primeira mão pelos seus protagonistas: verdadeiras *conscinscobaias-viajantes*.

Conseguimos reunir, de modo inédito, relatos de múltiplas categorias de viagens: de curto, médio e longo prazo; de caráter profissional e voluntário; de natureza educativa e acadêmica; com objetivos culturais, turísticos e de autopesquisa; de assistência ao egocarma (individual), grupocarma (grupal) e ao policarma (coletiva). A edição também apresenta os desafios do casal evolutivo internacional e da mudança definitiva de país.

Ao ler estes depoimentos e autopesquisas conclui-se que a interassistência conscienciológica internacional não acontece apenas por meio da itinerância docente, ou seja, pela interação entre professor-aluno. A tares (esclarecimento), o desassédio (desintrusão) e as recins (reciclagens pessoais) também ocorrem pela presença física e atuação do conscienciólogo no Exterior quando este se dispõe a ultrapassar as fronteiras geográficas, idiomáticas, culturais, mesológicas e interconscienciais.

Em síntese, há lugares mais necessitados da presença de conscienciólogos – exemplaristas, tenepepistas, infiltrados, epicentros – do que da ciência Conscienciologia propriamente dita.

Por fim, esta edição traz um guia com orientações práticas de intercâmbio para você organizar sua viagem para a África do Sul, além de dicas de como doar livros naquele país.

Boa leitura e boa viagem!

Tony Musskopf - Editor da INTERCONS

Autor do livro *Autenticidade Consciencial*

ÁFRICA

VIAGEM TURÍSTICA À ÁFRICA DO SUL: SONDAGEM CONSCIENCIAL AO VELHO CONTINENTE

Rute Pinheiro

INTRODUÇÃO

Convite. Em junho de 2014, durante um jantar, surgiu o convite para irmos com um grupo à África do Sul no final de março de 2015, o que gerou várias repercussões energéticas por ter conversado com algumas amigas justamente naquela semana sobre o trabalho da INTERCONS e o interesse em colaborar de alguma maneira com ele. No dia 20 de agosto, já estávamos com o pacote fechado para realizar a viagem.

Desafios. Considerando os desafios apresentados por Eliana Manfroi na primeira publicação do Painel África, de *conhecer o Continente Africano* para poder posteriormente colaborar com a *assistência* a esse continente através do processo de reurbanização do planeta, dentro da premissa de *retribuição* às vivências pretéritas e futuras, a viagem à África do Sul mostrou-se como oportunidade ímpar dentro do fluxo de preparação para fazer assistência em dimensões menos favorecidas após a *dessoma*, ou seja, ao passar pela morte biológica.

Sondagem. Além do caráter turístico e cultural, a viagem teve como objetivo a realização de sondagem prévia ao continente Africano, no intuito de perceber *in loco* o padrão de pensamentos, sentimentos e energias e as repercussões íntimas decorrentes da interação energética direta, ao modo de reconhecimento de área para futuras atividades conscienciológicas mais objetivas.

Período. A viagem ocorreu no período de 27/03/2015 a 06/04/2015, totalizando 11 dias em território africano, tendo a cidade de Johannesburg como porta de entrada e de saída.

Roteiro. Contemplou a visita a cinco locais – Resort Sun City, Parque Nacional Pilanesberg, Pretória, Cape Town e Johannesburg, alguns dos quais com uma breve passagem, típica de viagens em excursões grupais, com roteiros pré-definidos.

Províncias. Das nove províncias da República da África do Sul (Eastern Cape, Free State, Gauteng, KwaZulu-Natal, Limpopo, Mpumalanga, Northern Cape, North-West, Western Cape), visitamos apenas duas: Gauteng (Sun City, Pilanesberg, Pretória e Johannesburg) e Western Cape (Cape Town).

Bibliodiáspora. Considerando a impossibilidade de levar os *Léxicos de Ortopensatas* para doação às bibliotecas na África, devido ao peso e a parada em Johannesburg ser no final da viagem, foram levados apenas cinco livros pequenos de autoria do Prof. Waldo Vieira (*Projeções da Consciência*, *Nossa Evolução*, *Manual da Dupla Evolutiva*, *Manual da Proéxis* e *Manual da Tenepes*), como contribuição inicial ao *Camel Travel*.

EM TERRAS SULAFRICANAS

Chegada. O roteiro iniciou-se com a chegada ao Aeroporto Internacional de Johannesburg com uma visão da paisagem encoberta por uma névoa, trazendo de imediato a ideia de estar descortinando a África.

Sensação. Ao aterrissar, a sensação que tive foi de expansão, tranquilidade e acolhimento. Uma alegria íntima sem euforia nem emocionalismo.

Aridez. Na estrada, vendo a cidade de Johannesburg de passagem, com áreas de favelas e outras de condomínios superprotegidos (cercas elétricas e concertinas), percebi uma mudança no padrão energético que me causou estranheza e sensação de aridez.

Lesedi. Saímos do aeroporto direto para a Vila Cultural Lesedi, a cerca de 1 hora de Johannesburg, na qual se encontra a recriação de moradias e das culturas ancestrais de cinco aldeias africanas típicas – Xhosa, Zulu, Pedi, Ndebele e Basotho, apresentando aspectos da vida tribal, inclusive culinária, cantos e danças tradicionais. Apesar de interessante por proporcionar uma visão geral sobre a cultura e hábitos da África do Sul, tem um caráter muito turístico e em alguns momentos artificial.

Repercussão. A apresentação final de danças e músicas gerou algumas repercussões energéticas, principalmente nos momentos em que as mulheres emitiam gritos típicos durante as danças, nos quais pareciam vivenciar breves momentos de transe.

Sun City. Seguimos para Sun City, um imenso *resort* turístico voltado para o lazer na Província Noroeste, a 190 km de Johannesburg, fundado em 1979, com quatro hotéis, sendo um deles o famoso *Palace of the Lost City* (Palácio da Cidade Perdida). Ambiente bonito e suntuoso, mas também muito turístico (parece um parque temático), propício para viagens familiares ou com fins de repouso.

Vegetação. Ao caminhar por Sun City no primeiro dia, tive a forte sensação de familiaridade. A vegetação similar a do Nordeste do Brasil, me fez sentir em casa. Para onde olhava, identificava árvores e arbustos que vejo no meu dia a dia, no Parque das Dunas e nas ruas de Natal (RN, Brasil), bem como na região do interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Pangeia. Ocorreu-me, naquele momento, a lembrança da Pangeia, continente único que se separou há milhões de anos durante a era Paleozoica através da deriva continental, gerando, ao final, os continentes atuais. Nesse *puzzle* continental, o Rio Grande do Norte, na curva do Brasil, se encaixava no Golfo da Guiné africano.

Animais. Devido à vegetação exuberante e bem cuidada nas áreas do complexo hoteleiro, havia uma grande quantidade de pássaros e também macacos babuínos por todos os lados.

Recantos. Existiam alguns recantos, próximos a pequenas cachoeiras artificiais e a áreas de mata mais fechada, excelentes para sentar e expandir as energias, possibilitando ficar imersa nos sons das águas, pássaros e outros animais.

Fitoenergia. Apesar da diversidade de energias no ambiente, esta autora considera que neste local visitado a predominância era da fitoenergia, ou energia das plantas.

Contrastes. Na saída de Sun City rumo ao Parque Nacional de Pilanesbeg, vimos várias favelas com pequenas casas feitas de zinco, as quais ficam quentes demais no verão e muito frias no inverno, e onde residem muitos dos funcionários que trabalham no suntuoso resort.

Beleza. Independente da condição socioeconômica, a beleza e produção dos sulafricanos, principalmente das mulheres, chamava a atenção, pela elegância e variedades de penteados.

Pilanesberg. O Parque Nacional de Pilanesberg fica nas proximidades de Sun City, localizado numa cratera de um vulcão extinto no período pré-histórico, tendo sido criado em 1979 para beneficiar o povo local e preservar diversas espécies de mamíferos e de outros animais. Existe, atualmente, cerca de 7.000 animais, com mais de 300 espécies de pássaros e 65 espécies de répteis.

Expansão. O hotel localiza-se dentro da reserva no sopé de um dos montes da região, rodeado apenas por uma cerca elétrica. A abundância de energia da natureza promovia sensação de vibrações energéticas espontâneas, também conhecidas como estados vibracionais, e facilitava a expansão das energias e maior interação com consciências extrafísicas técnicas em assistência (amparadores). Apesar de muita energia das plantas (fitoenergia) e dos animais (zooenergia), a percepção maior foi de energia da terra (geoenergia).

Safáris. Durante os safáris de observação, realizados a tarde e ao amanhecer, foi possível contato mais direto com os animais, livres no seu habitat, sendo perceptível a postura de respeito que o povo local tem por eles, em uma convivência harmoniosa, bem diferente da relação de subjugação e confinamento que costumamos ver em zoológicos.



Parque Nacional Pilanesberg –África do Sul.

Aromas. O pôr do sol nas savanas africanas, com a paisagem reluzente do capim alto que se espalhava por extensas áreas, acrescido de um aroma que surgia com a umidade da noite, me encantou e conquistou, remetendo a imaginação de como teria sido a vida ali nos primórdios da humanidade.

Troca. A equipe de funcionários do hotel era muito hospitaleira e interativa, tendo havido uma boa troca de informações idiomáticas, na qual ensinamos palavras em Português e aprendemos outras no idioma local. A mais usada foi *kealeboga*, que significa *obrigada*.

Pretória. Saímos de Pilanesberg direto para Pretória, capital administrativa fundada em 1855, onde fizemos uma visita rápida com *city tour*, sem paradas nos pontos turísticos, uma vez que muitas ruas estavam interditadas devido a obras. Descemos apenas em frente ao *Union Buildings*, Sede do Parlamento (prédio em estilo vitoriano), com uma breve visita aos jardins, no qual se encontra uma imensa estátua de Nelson Mandela.



Estátua de Nelson Mandela em parque localizado na frente do Union Buildings, em Pretória.

Jacarandás. Segundo a guia turística, na primavera, a cidade fica toda colorida com as flores dos cerca de 70 mil Jacarandás, trazidos do Brasil em 1888, que circundam as avenidas do local.

Hotel. Ficamos em um hotel do outro lado dos jardins do *Union Buildings*, com vistas para o Prédio do Parlamento, mas apesar de ainda estar dia claro (por volta das 17h), recebemos a recomendação de não sairmos do hotel para caminhar e de preferencialmente jantarmos no próprio hotel, por questões de segurança.

Opressão. A impossibilidade de caminhar pela cidade gerou uma sensação de opressão, de limitação e cerceamento da liberdade. O padrão energético era muito denso, mas o pouco tempo na cidade não permitiu uma maior interação com a população e o ambiente local.

Cape Town. Partimos cedo para o aeroporto de Johannesburg, de onde saímos para Cape Town, cidade turística com forte influência holandesa, britânica e nativa, que lhe confere ares mais cosmopolitas. Nessa cidade, observa-se uma diversificação da população devido a uma maior miscigenação.

Table Mountain. A visão das formações rochosas que envolvem a cidade, principalmente do marco mais famoso, a *Table Mountain* (Montanha da Mesa), é impactante. A geoenergia presente na região é quase palpável e complementada pela aero, fito e hidroenergia, torna a cidade um local agradável e acolhedor.



Vista da cadeia de montanhas que circundam a cidade de Cape Town.

Turismo. A cidade é um dos pontos turísticos mais importantes da África do Sul, sendo comparada ao Rio de Janeiro. Possui muitos prédios históricos bem conservados. Apesar da necessidade de cuidados com segurança, é possível caminhar pelas áreas turísticas sem tanta preocupação, principalmente na parte do *Waterfront*, região do cais revitalizado, onde se encontram muitos restaurantes, lojas, *shopping centers*, aquário e espaços culturais e de lazer.

Arredores. Vale a pena realizar passeios pelos arredores de Cape Town. Há belíssimos lugares onde se podem fazer piqueniques e visitar cidades históricas universitárias, com casas em estilo holandês, georgiano e vitoriano, bem conservadas.



Casa (pousada) em estilo vitoriano em Stellenbosch, cidade universitária nas proximidades de Cape Town.

Educação. Segundo o guia local, está havendo um incremento do investimento em educação na região e isso tem permitido que filhos de trabalhadores braçais, das fazendas de frutas ou vinhedos, se formem e voltem para assumir postos de gerência nessas mesmas propriedades em que seus pais trabalham.

Cabo da Boa Esperança. Também conhecido como Cabo das Tormentas, atualmente dentro de uma área de reserva natural, é uma boa opção a ser visitada, inclusive pela viagem histórica, que nos faz remontar a época das grandes navegações. A subida ao farol, através de um funicular, propicia uma vista espetacular. O percurso que vai bordeando a Península do Cabo, passa por outras reservas naturais, inclusive uma colônia de pinguins, onde se podem observar esses animais bem de perto.



Vista do alto do farol, no Cabo da Boa Esperança.

Johannesburg. Para finalizar a viagem, voltamos para Johannesburg no início da manhã e realizamos um *city tour* panorâmico, com parada apenas no *Nelson Mandela Square*, local onde havia uma estátua de Mandela em meio a shopping center. No restante do passeio, passamos por áreas degradadas no centro da cidade, com casas antigas de teto de zinco, contrastando com outras áreas repletas de mansões suntuosas e prédios modernos.

Visão superficial. Devido ao pouco tempo e a falta de segurança para sairmos sozinhos, não foi possível conhecer a cidade de Johannesburg, nem encontrar voluntários da INTERCONS que também estavam lá no mesmo período. Desta maneira, será necessária outra visita à cidade para de fato conhecê-la.

Livros. Os livros levados foram deixados com a guia local, uma portuguesa que reside em Johannesburg há muito tempo, que gentilmente, os entregou a equipe da INTERCONS.

Considerações Finais.

Excursões. Existem vantagens e desvantagens de visitar um país em excursões grupais. Na opinião desta autora, tais excursões só valem a pena quando a viagem for a um país de cultura bastante diferente ou exótica, com idiomas não dominados pelo viajante, principalmente em um primeiro contato. Contudo, viagens em grupos restringem o livre-arbítrio do viajante, que muitas vezes fica impossibilitado de aprofundar o contato com o padrão de pensamentos, sentimentos e energias de algum local de interesse, bem como pode perder tempo em atividades consideradas por ele desnecessárias.

Guia. Tivemos o privilégio de contar com excelentes guias, tanto em Pretória e Johannesburg quanto em Cape Town, com bastante tempo de residência na África do Sul e cultura ampl. Eles nos passaram uma visão da realidade sul-africana nem sempre encontradas nos livros ou na Internet.

Apartheid. As mudanças que vem ocorrendo desde o final do Apartheid, em 1994, estão se dando de maneira lenta, mas já se observam avanços gradativos.

Escrita. Durante toda a viagem, procurei fazer registros sempre que possível, no hotel, ao final do dia, ou mesmo durante os trajetos nos ônibus. Este era o momento em que percebia maior conexão com amparadores e também quando ocorriam vários *insights*.

Insights. A principal ideia que me veio foi a de registrar ao máximo todas as informações para compartilhar experiências que possam auxiliar futuros viajantes e contribuir com o fluxo de intercâmbios internacionais, além de servir de ganchos mnemônicos para autopesquisa.

Resumo. Não foi possível relatar tudo nesse artigo que traz um resumo da viagem, ficando esta autora comprometida em escrever, posteriormente, um relato mais completo sobre essa primeira viagem ao Continente Africano.

Projeção. Em várias ocasiões, sentia-me como se estivesse projetada, invisível, observando aquele ambiente humano sem, contudo, ser percebida pelas consciências presentes.

Amparadores. No período em que estive na África do Sul, identifiquei mais especificamente dois amparadores: um com aspecto masculino, *grandão*, com padrão de energia muito firme e intenso; e uma amparadora, com um padrão mais acolhedor, tranquilo e de energias mais sutis e refinadas.

Bolha. Durante toda a viagem, tive a sensação de que o grupo estava blindado, dentro de uma grande bolha energética, e chamou-me a atenção o fato de não ter ocorrido nenhum acidente de percurso com ninguém em um grupo de 30 pessoas.

Demanda energética. Em alguns momentos da viagem, ocorriam Exteriorizações de energias mais intensas sem maiores repercussões, tendo havido apenas um dia, na última noite em Cape Town, véspera da viagem para Johannesburg, em que ocorreu uma maior demanda, com necessidade de trabalhos energéticos mais ostensivos.

Aclimação. As viagens a países do Continente Africano podem propiciar uma excelente oportunidade de aclimação para aqueles que consideram a possibilidade de uma próxima vida na África. Vale a pena experimentar.

Predisposição. Esta autora, aplicando a técnica do autoencantoamento cosmoético, se disponibiliza, desde já, perante os evolucionólogos, a contribuir, de acordo com suas competências, com as atividades inerentes ao megadesafio de reurbanização da África.

Natal, 21 de junho de 2015.

Brasileira, Bióloga (UFRN), Especialista em Neurociências (FATERN-Universidade Estácio de Sá), Mestre em Psicobiologia (área de Psicologia Fisiológica, Linha de Pesquisa Psicobiologia dos Processos Cognitivos, UFRN), Funcionária Pública Estadual da Secretaria de Saúde do RN, voluntária da Associação Internacional dos Campi da Conscienciologia – INTERCAMPI. Residente em Natal, RN.

E-mail: rutemrpinheiro@gmail.com.

INTERASSISTANCE IN AFRICA

Jeffrey Lloyd

I lived alone in Africa for an extended period (129 days) in a new environment, accompanied by very few personal items, and where essentially each day had the same structure, diet, timings, - commitments and involved encounters with the same people in the same contexts. Although this may sound tedious, it provided a profound opportunity to discern nuances within my own manifestation and in the external environment. In this manner, an elaboration of self and heteroconscientuality and self and interassistance was facilitated.

Previously I had only thought superficially about Africa, but during an energization as part of Conscius' *Jornada de Consciencimetrologia* (6 July 2014) an extraphysical helper telepathically asked me if I wanted more responsibility. In response I said I could assume more if it was necessary. A brief conversation ensued and ended with the word "AFRICA" clearly appearing in my mental screen. Quite surprised, upon returning to my chair I began to consider how I could connect more to the extra-physical and intraphysical work required, whatever that may be. 3 days later (9 July 2014) I received an urgent request from an old work colleague asking me if I had availability to accept a short term assignment in Africa, specifically in Cape Town, South Africa. Obviously, I accepted and a unique educational and interassistential opportunity began to unfold.

As mentioned, of the 129 days I spent in Cape Town the vast majority were exceptionally similar, at least from the perspective of my intraphysical schedule. Other noteworthy characteristics of the experience were:

Quiet. A quiet ground floor hotel apartment in a semi-rural neighbourhood.

Solitude. Being alone in the apartment for all but 2 weeks.

People. Encountering the same hotel staff and the same work colleagues at essentially the same times, every day.

Roads. Driving the same way to work at essentially the same time, every day.

Tasks. Performed the same tasks at work.

No energetic rubbish. No personal energetic rubbish was present. Only a minimum of personal effects were taken to South Africa.

You may see how together all of these provided a relatively clean canvas on which parapsychic experiences could be more clearly discerned.

SURVIVAL.

One of the major influences we experience in life is that of the misology, or cultural environment. From among the myriad of holothosenes encountered in Africa, ranging from desperation to

superstition to renewal to arrogance to happiness, the most potent I felt and therefore the most influential was that of *survival*.

Intermingling with these holothosenes led to a number of personal changes and realizations, the most dramatic physical change was a substantial change in corporal weight, increasing from 95kgs to 104kgs. I half-jokingly say that my body thought it was going to starve and needed to build up a larger reserve. The reality may not be so far from this idea. In a response to this more palpable holothosene of survival that exists on the African continent, my holosomatic reaction could well have been one of eating more. Although logically I did not need to eat as much as I did, I typically felt hungry and the Hotel's room service and buffet breakfast did not help the situation.

BIOENERGIES.

There is also another logical explanation for this weight gain, one that involves a holosomatic reaction to frequent and intense Exteriorisations of ectoplasm while in Africa. Over the period I experienced approximately 65 prolonged sessions of Exteriorisation of ectoplasm. With a session lasting from a couple of hours to more than 4 hours on numerous occasions.

In addition, it took one month for my penta to “settle down”. What I mean with this is that the intensity of the penta sessions, the level of demand for energy and the degree of dis coincidence entered into was consistently greater over the first month than normal.

So, the high demand for bioenergy was very clear, and despite the sensations that accompanied the Exteriorisation it did not disturb my intraphysical efforts or attention in any way. And, as you can image, it was a pleasure to be of assistance.

SELF-RECONCILIATION.

Beyond the bioenergetic aspects it seems the helpers used this clean slate and new context to stimulate specific recollections of my past in this life, assisting in the process of expanding my self-understanding and self-reconciliation. Numerous examples of this have been identified and detailed in an article written by this researcher in Conscius's Journal, *Glasnost*. One “coincidence” that I initially banalized and largely ignored, a colleague's ringtone, has subsequently led to a more accurate self-diagnosis on an important aspect of my adolescence (consciential basement), releasing denser energies from the cardiochakra's area and generating relief in my psychosphere.

INTERPERSONAL MOMENTS.

Reflecting now it is worth mentioning some of the most special interpersonal moments I shared with others include meeting a young man in Windhoek, Namibia, who I strongly suspect is an intermissivist; chatting with a positive lady at work who dedicates free time to helping those in lower socio-economic groups; joking with people at work - regardless of whether colleagues, managers, or the cleaning staff; and exploring the surrounding countryside with my partner/evolutionary duo Magali.

INTRACONSCIENTIAL DEVELOPMENT

Based on this new clean personal environment and in conjunction with the interaction between external organization and self-organization, it was observed that these highly structured days facilitated various perceptions and personal developments such as:

Bait. Clearer perception of the condition of Assistential Bait.

Bibliotinerancy. Although a seemingly simple activity, the presence of an extraphysical helper was obvious when engaged in the activity of donating books to local libraries, which made me reflect on the depth, importance and future consequences of the task.

Energies. Clearer perception of energies in general.

Holothosenes. Clearer perception of personal or collective holothosenes.

Identification. Faster identification of the day's holothosene.

Self-reconciliation. Further development of my level of self-reconciliation, intimate pacification and acceptance of my past and my actions that I did not like at the time I performed them. This self-reconciliation deepened my personal level of self-deintrusion and simultaneously enhanced the strength of my internal locus of control.

Xenothosenes. Clearer perception of xenothosenes, development of the ability to discriminate between my thosenity and hetero xenothosenity and the influence of holothosenes I was connected to. In many cases this discrimination was possible because of a difference in the cosmoethical quality of the thosenes perceived. Self-knowledge and a Personal Code of Cosmoethics helping in this instance.

SUMMARY

In the professional environment the interassistential rapport and empathy based on consistent good humour, good intentions, openness, willingness to confront the most difficult cases and the best of personal discernment opened the door to deeper trust, interassistance and sincere friendship.

Overall the space, time and multidimensional context experienced, in combination with the conscientiological tasks performed while in Africa, facilitated a great deal of reflection, recycling and intimate satisfaction even though it opened a large number of questions about this current life and past lives. The realizations obtained and recyclings initiated, especially in relation to the fundamental keys of self-organisation, self-discipline and self-reconciliation, have proved important to improve energetic discrimination, personal holosomatic homeostasis and in contributing to an expansion of one's cosmovision and desire to ask less for oneself and more for others.

ADDENDUM - TOURISM OPTIONS.

Cape Town. In my opinion one of the few cities that deserves a weeklong visit, almost regardless of the time of the year. The number of interesting sites and major natural features to explore are well above the average. I alone, and together with Magali, enjoyed numerous experiences in this area and can thoroughly recommend it to anyone interested.

Namibia. A huge and sparsely populated country. One colonized by Germans, invaded by South Africans and now recuperating and slowly building a mostly harmonious society. The country is mostly desert but still features some of the most impressive, barren scenery and distinctive tribal peoples you can find - but you will have to drive, or be driven, a very long way to enjoy the best bits.

Jeffrey Lloyd is a holder of an Economics degree and two Graduate Diplomas, one in Management and the other in Information Technology, and has been a Conscientiology teacher since 2001 and a volunteer since 1999 (currently volunteering for ISIC, Conscius and Ectolab); verbetographer; penta practitioner.

Email: jblloyd@gmail.com

UMA EXPERIÊNCIA RETRIBUTIVA NA ÁFRICA DO SUL

Antônio Fontenele e Marília Sant Anna

INTRODUÇÃO

Relato. Este relato refere-se às vivências singulares do casal na condição de voluntários e interassistentes em continente africano, no período de dezembro de 2014 a janeiro de 2015, durante 35 dias consecutivos.

Contribuição. Considerando a bagagem consciencial singular de cada experimentador, buscou-se relatar as percepções obtidas antes, durante e após a viagem à África, impressões extraídas em diferentes contextos, o trabalho significativo da Bibliodiáspora, distribuição gratuita de livros para bibliotecas no mundo (INTERCONS), na condição de líder interassistencial em contexto multicultural e multidimensional da África do Sul.

Análise. O detalhamento desta viagem gerou técnicas de autoavaliação bem como posteriores reflexões e análises de utilidade aos colegas intermissivistas, principalmente àqueles que pretendem iniciar desde já o preparo interassistencial pré-intermissiológico na África e colocar a *(para)mão na (para)massa* para interassistir os colegas africanos.

Descrenciologia. Considera-se a proposição fundamental e insubstituível do princípio da desencrença, sugerindo ao leitor que não acredite em nada, nem mesmo no que está escrito neste relato, mas que tenha suas próprias experiências.

I – A DECISÃO E O PREPARO

Referencial. Desde 2013 houve uma aproximação gradativa com os trabalhos da Intercons entre a África e o Brasil. Foram sendo desencadeadas, pouco a pouco, iniciativas que aceleraram e catalisaram decisões futuras. Uma delas foi o interesse em querer contribuir assistencialmente com este trabalho, estando presencialmente no continente africano.

Plano. A viagem para a África, *a priori*, era um plano do casal para dois anos à frente, projeto este alterado e antecipado para dezembro de 2014. A mudança de planos foi decorrente de *insights* pessoais na tenepes (tarefa energética pessoal diária) e na Dinâmica Parapsíquica da África, somada à contingência e ao momento evolutivo (de um dos membros da dupla), abrindo possibilidades para repensar a data da itinerância.

Decisão. Vivenciamos o processo positivamente, houve prontidão e posicionamento rápido por parte do parceiro quanto à reformulação e assunção da nova proposta. A decisão foi tão amparada que em menos de quatro dias tínhamos toda documentação, vacinação, passagens, hotel e o roteiro da

viagem delineado. A definição foi um ponto chave para fortalecer a conexão com a equipe de trabalhos intrafísicos (nesta dimensão material) e a equipe de trabalhos extrafísicos, intensificada dia após dia.

Organização. Após o posicionamento do casal fizemos a divisão de tarefas neste momento inicial, tínhamos que pensar na infraestrutura da viagem, dispor de uma organização detalhada, desde malas, roupas, bagagens, mapas, dinheiro, e até embalar os livros para doação. Fomos orientados pela Intercons e este foi um ponto fundamental para que fossemos bem assistidos e evitássemos contrafluxos no período.

Parceria. Para maior sinergismo da dupla, decidimos atuar com base na competência de cada um, como cada perfil poderia auxiliar mais, incluindo desde a disponibilidade de tempo, a organização, o detalhismo, o calculismo, o continuísmo e, sobretudo, o suporte financeiro para a viagem, que neste momento era “inesperada” exigindo, portanto, ajustes.

Estudos. Em paralelo, decidimos dedicar algum tempo à leitura e estudos sobre a África do Sul, sobre os mecanismos da reurbanização extrafísica, trabalho realizado pela equipe extrafísica em parceria com as consciências nesta dimensão, a fim de reorganizar os espaços urbanos e áreas rurais melhorando as condições da vida humana. O foco central foi buscar ampliar a compreensão acerca da trajetória evolutiva do povo africano, religando com a proposta de retornar a este continente num futuro próximo.

Saúde. Ambos havíamos feito um *check up* somático recentemente para avaliar a saúde física e dentária. O passo seguinte foi passar pela assessoria médica da equipe da Intercons para receber as informações pertinentes aos cuidados antes e durante a estada na África do Sul.

Comunicação. Uma próxima ação foi comunicar a viagem à nossa família. Tudo ocorreu favoravelmente. Recentemente havíamos estado com estes familiares (que residem em outras cidades) e havíamos atendido às necessidades afetivas presencialmente.

Pioneirismo. Apesar de os voluntários e voluntárias da Conscienciologia pioneiros que estiveram antes de nós, na África do Sul, nos sentimos “*pioneiros*” conjuntamente com os que estiveram antes. Em oportunidades futuras, pretendemos repetir esta experiência avançando nos trabalhos interassistenciais na África e, quem sabe, em outras localidades.

II – A EXPERIÊNCIA INTERASSISTENCIAL

Recepção. A viagem aérea ocorreu bem e chegamos à África no horário previsto. Fomos recebidos no aeroporto pela equipe da Intercons que nos assessorou fornecendo a infraestrutura essencial para que pudéssemos nos tornar autônomos o mais rápido possível. Tivemos suporte para chegar até ao hotel, reduzindo o estresse da logística, compra de *chip* para obter um número de celular local, além de todos os cuidados com a segurança e fatores evitadores de possíveis problemas futuros.

Impressões. As primeiras impressões da cidade foram favoráveis, eu (Marília) ao chegar a Johannesburg, lembrei-me dos tempos que morei em Curitiba: uma cidade bastante organizada, limpa e moderna. Sentimo-nos em casa, fomos acolhidos com a empatia característica dos africanos. Estar neste contexto multicultural com tantos costumes e características linguísticas mostrou ser algo natural e conhecido para ambos.

Base Física. A escolha do hotel foi uma das indicações da Intercons e optamos por dispor de

serviços essenciais com ambiente favorável, acessível financeiramente, bem localizado e de fácil acesso. Escolhemos um quarto no hotel que permanecemos durante toda a estada em Johannesburg, decisão que contribuiu muito na fixação e bom desempenho dos trabalhos na tenepes nesse período.

Geografia. Johannesburg é uma cidade com bairros bem estruturados e um centro relativamente pequeno, com edifícios altos e um cinturão de subúrbios gigantescos ao redor, uma cidade bastante arborizada com limitados recursos de transporte coletivo. O principal recurso é o uso de táxis (*cabs*), o trem local que é de primeiríssima linha, o *Gautrain*, cujas estações são assistidas por várias linhas de ônibus que atendem às necessidades do turista, exceto nos finais de semana e feriados.

Desenvoltura. Uma das orientações da Intercons era a de não dirigir veículos no período evitando maiores problemas, principalmente pelo fato dos carros utilizarem a mão inglesa. O custo com transporte extrapolou nossas previsões, pois tínhamos como plano conhecer e visitar outros ambientes ao redor da cidade.

Constatação. Verificamos por meio das visitas locais, museus, pontos turísticos que a África do Sul constitui uma nação à parte no continente africano onde as condições de vida são boas, com áreas de pobreza localizadas nas *townships*, tal como existe no Brasil. Vimos que esse “país” viveu intensa e profundamente o *Apartheid* e absorveu um percentual da cultura inglesa em seu cotidiano.

Somática. Para o turista sem carro vivenciar Johannesburg no dia a dia é imprescindível dispor de uma boa condição somática. Sendo esse um dos nossos pontos fortes que nos permitiu ter uma boa *performance* para realizar caminhadas diárias, carregando mochila e outros pertences.

Interação. A facilidade para atração e interação de pessoas com diferentes etnias e multiculturas foi uma experiência marcante para nós. É fato que os sulafricanos demonstram afinidade com os brasileiros em geral, mas o que queremos ressaltar é sobre a condição favorável das ocorrências. Pela higidez de pensamentos, sentimentos e energias, era possível conectar-se ao fluxo da interassistência. Tudo tendia a convergir e sincronizar: as pessoas, as situações, os fatos e parafatos.

III. EXPERIMENTOLOGIA E BIBLIDIÁSPORA

Exemplarismo. É sabido que o primeiro autor a disponibilizar tratados na Conscienciologia para esclarecimentos foi o Prof. Waldo Vieira. O desafio maior na ida para África foi auxiliar na tarefa de distribuição dos livros, principalmente levar os tratados nas principais bibliotecas da África.

Logística. A primeira etapa começou no Brasil com ações organizadas e detalhadas tais como receber, embalar, transportar (alfândega), recepcionar e armazenar os livros até o local de chegada, na África. Posteriormente, em Joburg (abreviação de Johannesburg), tivemos que aguardar a abertura de algumas bibliotecas locais em janeiro de 2015. As próximas atividades foram selecionar, etiquetar, definir a quantidade de livros por temas e localidades para posterior distribuição. Todas essas foram atividades exaustivas que compuseram o passo a passo da entrega dos livros até que os mesmos chegassem às prateleiras das bibliotecas.

Providências. O contato prévio com os bibliotecários em nosso caso não foi o mais decisivo para sermos bem sucedidos na doação dos livros nos principais pontos definidos. Um somatório de ações confluiu para que pudéssemos ser completistas: o planejamento prévio, um motorista de táxi assistencial e experiente para conduzirmos com segurança aos principais locais, não pensar mal de ninguém, muito pelo contrário, bons pensamentos para enfrentar as adversidades e conexão com a equipe extrafísica do trabalho e amparo pessoal para decidir o que fazer diante de cada situação singular

(parapsiquismo e autoconfiança interassistencial).

Distribuição. Consultando o diário, constatamos que a nossa primeira tentativa na distribuição de livros ocorreu no dia 07 de janeiro, porém inicialmente não foi possível deixar nenhum livro devido às condições locais inapropriadas em termos de segurança. Constatamos que o bairro escolhido era foco de imigrantes africanos e a biblioteca parecia funcionar no meio do caos como ponto de esclarecimento na comunidade. Naquele momento o contexto não favoreceu, sendo assim, fomos até o local, mas não chegamos a descer do táxi e, deste local, continuamos para a próxima biblioteca selecionada, no bairro de *Rosebank*.

Leitura. Na sequência e nos dias consecutivos, ocorreram as distribuições em outras bibliotecas, inclusive foi possível em uma delas ler para as bibliotecárias o conteúdo de um dos livros doados, especificamente para crianças, favorecendo com que as mesmas pudessem multiplicar a informação, já que não compreendiam nada o idioma Português.

Visitações. Fizemos algumas visitas onde não foi possível doar os livros, apenas apresentamos as publicações conscienciológicas, pois nestas bibliotecas comunitárias predominavam livros sobre romances, revistas e o público frequentador não conhecia a língua portuguesa. Estivemos em várias bibliotecas: Mayfair Library, Brixton Library, Alexandra Library e Rivonia Library (Johannesburg). Já na National Library of South Africa e no Centre for the Book (ambas em Cape Town) não foi possível doar livros, pois não dispúnhamos no momento de nenhum exemplar em mãos, porém deixamos dados sobre o contato para uma futura doação.

Resultados. Foi possível a visita e entrega de 50 livros da Conscienciológica, dentre eles tratados do professor Waldo Vieira e livros de outros autores, em 4 bibliotecas de Joburg: Purkhurst Library, Johannesburgo City Library, Rosebank Library, Orange Grove Library. Trabalho que rendeu e gerou sentimentos fraternos de gratidão, uma espécie de retribuição ao que já recebemos.

Fortalecimento. Apesar de a maioria dos livros conscienciológicos estarem na língua original, o Português, tais distribuições foram de grande valia, pois há disseminação do holopensene (soma-tória dos pensamentos-sentimentos-energia agregados, consolidados) de cada um dos seus autores, revisores, amparadores extrafísicos e coadjuvantes em suas elaborações finais.

Sensação. Para nós, que esperávamos por este momento, após todo o trabalho, houve a sensação de missão cumprida, uma alegria íntima e uma espécie de completismo parcial. Os passeios tornaram-se recompensas ou complementariedade da ida à África.

IV – EXPERIMENTOLOGIA E AUTOAVALIAÇÃO TÉCNICA

Experimentologia. Além da técnica da tenepes, técnica energética interassistencial pessoal, cada elemento do casal utilizou suas próprias metodologias de registro e autopesquisa na viagem. Destacamos duas principais utilizadas abaixo:

Autodiário (Antonio). A técnica descritiva do autodiário com objetividade foi um recurso fundamental para mim, ao fazer qualquer viagem distante, por exemplo, quando vou a Rio Branco. Nesta viagem, não poderia deixar de fazer o mesmo, embora em poucas palavras e, logicamente, num dos idiomas do local, o Inglês, pois através dos registros, sei com quem estivemos, para onde fomos e quanto gastamos em cada passeio.

Autoconscienciometria (Marília). Antes de viajar intencionava aproveitar este momento para pesquisar-me tecnicamente (autopesquisa). Optei pela autoconscienciometria, selecionando qualidades que pudessem auxiliar no foco da minha auto-observação nos momentos da vivência interassistencial em campo. O interesse era extrair informações sobre *performance* intraconsciencial e interassistencial, visando posteriores renovações íntimas. Foram selecionadas algumas variáveis e indicadores para a autoavaliação.

Variáveis. Eis abaixo 30 variáveis dispostas em ordem alfabética capazes de auxiliar na autoafeição fornecendo indicadores qualitativos da *performance* intraconsciencial e interassistencial pessoal, naquele contexto:

Autodesassediabilidade. A capacidade de solução de conflitos sem assediar-se;

Autoliderança. O autogoverno cognitivo, emocional, energético e somático;

Auto-organização. A auto-organização dos pensamentos, sentimentos, energias, organização financeira, com os cuidados nutricionais e organização espacial;

Conectividade. A conexão interassistencial com os colegas evolutivos e equipe extrafísica de amparadores, no momento certo;

Cooperatividade. A doação pessoal, a capacidade de abrir mão do meu ego em prol de todos;

Convivialidade. A habilidade, qualidade, intensidade, significado das interações, os vínculos iniciados, os encontros e reencontros, os resgates realizados;

Cosmoeticidade. A concessão, respeito, aceitação das diferenças conscienciais, o abertismo e os níveis de compreensão.

Cosmovisão. O grau pessoal de cosmovisão, integração dos fatos e parafatos;

Duplismo. O grau de entrosamento, cooperação, auxílio e compreensão mútua;

Equanimidade. O grau de imparcialidade e isenção praticado nas interrelações;

Fitoconvivialidade. O grau de afinidade e interação com as plantas e vegetais;

Grafopensenidade. O grau de autodisciplina para registrar minhas vivências;

Grupocarmalidade. A qualidade da interação com os colegas evolutivos;

Holossomaticidade. A autoconsciência dos pensamentos, sentimentos e energias;

Homeostaticidade. O grau de serenidade íntima para vivenciar as adversidades, as soluções e encaminhamentos hígidos;

Imperturbabilidade. A atenção para a anticonflitividade e as reatividades;

Interassistencialidade. A assistência pontual e assistência extra-sustentada;

Ortopensenidade. O grau de estabilidade dos pensamentos e emocionalidade;

Paraperceptibilidade. Os atributos, as principais qualidades parapsíquicas empregadas;

Paradiplomacia. A habilidade para tratar pessoas, reduzir, eliminar conflitos existentes com assertividade;

Psicomotricidade. O grau de inquietude somática roubando tempo mentalsomático;

Proatividade. O grau de atitudes antecipatórias úteis, capazes de prevenir situações problema e otimizar desempenhos pessoais e conjuntos;

Produtividade. O percentual, a qualidade dos resultados obtidos a partir de ações interassistenciais variadas, considerando o megafoco da viagem;

Responsabilidade. O teor, a qualidade, o estilo de resposta de enfrentamento, a gratidão, retribuição pelas ações interassistenciais dos colegas evolutivos;

Sincronicidades. As coincidências providenciais, indicadoras das afinidades;

Sociabilidade. O grau de desenvoltura, a língua, bom tom nas interações;

Temperamentabilidade. O autotemperamento e as principais reatividades;

Tenepessibilidade. A autodisciplina, disponibilidade interassistencial prática;

Versatilidade. A capacidade de ajustamento ao ambiente, à cultura, aos hábitos locais, o saber moldar-se aos critérios de convivência local;

Zooconvivialidade. O nível de interação com vários tipos de animais.

Síntese (Marília). Na condição de conscienciômetra, identifiquei o investimento ostensivo do amparo no período em que estive em campo. Houve a assunção de trafores ociosos, a aplicação das potencialidades parapsíquicas e da liderança interassistencial, assim como o investimento na qualificação da interação com a dupla evolutiva para otimizar a interassistência, avançando na reciclagem do temperamento e na conquista da maturidade emocional e afetiva. É inevitável investir na desperticidade, na refratariedade reversa a fim de chegar a uma prática interassistencial sustentável.

Parapercepções (Antônio). Apesar de minhas parapercepções não serem representativas, houve notável diferença entre estar no Brasil e na África. O fluxo energético foi mais intenso, quando me preparava para tal finalidade assistencial.

V- REFLEXÕES E CONCLUSÕES

Atribuição. A premissa básica quanto à atribuição do intermissivista nesta vida é atuar na interassistencialidade evolutiva, justamente por ter sido aluno do Curso Intermissivo pré-ressomático e assumir a responsabilidade para retribuir o que foi recebido.

Mitridatismo. Ter estado na África na condição de doadores, qualificando-se a favor da interassistência, permitiu tornarmo-nos mais fortes e sustentáveis na assistência, além de deixarmos rastros positivos em cada local transitado.

Tenepes. A prática da assistência diária neste período funcionou ao modo de curso para autocapacitação e aprimoramento da interassistência. A percepção ostensiva da presença dos amparadores apoiando todo o trabalho foi notória, assim como o *up grade* dado após chegar no Brasil. Atividade que resultou em uma série de providências posteriores a fim de qualificar a prática da tenepes.

Mecanismo. Considerando a probabilidade de a África ser o futuro cenário existencial para algumas consciências da Conscienciologia, o protagonismo literário e o exercício da liderança interassistencial são imprescindíveis. Sendo assim, a meta é colocar esforços aqui e agora para utilizar os mecanismos que integrem as ações do presente-futuro. Dentre as metas, destacamos a escrita de um livro como sementeira para uma próxima vida na África.

Potencialização. A vivência conjunta da dupla evolutiva centrada em um único propósito aliada à interassistência recebida dos colegas evolutivos e da equipe de amparadores, a retomada à nossa origem – o berço africano –, possibilitou desenvolver novas sinapses, potencializando novos enfrentamentos e reciclagens evolutivas, inclusive contemplando medidas necessárias para os próximos passos na África.

Tradução. Com as traduções futuras, principalmente para a língua inglesa, os tratados e as informações de ponta da Conscienciologia poderão ser acessadas tanto na África do Sul quanto em outros países africanos, permitindo chegar aos leitores o esclarecimento esperado. A obra presensifica o autor e deixa rastros energéticos positivos onde estiver.

África. Estar na África é uma experiência marcante, inesquecível, que merece ser repetida. Vimos, na prática, a importância dos livros como fonte de informação e avanço no processo evolutivo de todos, principalmente para auxiliar nos esclarecimentos dos nossos colegas evolutivos hoje e sempre.

Antonio Pinto Carneiro é engenheiro civil, formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e psicólogo, graduado pela Universidade de Marília (Unimar). Exerceu a engenharia profissionalmente por quase 30 anos em Rio Branco, Acre, enquanto empresário da construção civil. É voluntário da Conscienciologia desde 1995 e atualmente atua na Conscius.

Marília Sant Anna é psicóloga formada pela Universidade Tuiuti, em Curitiba, PR, especialista em Psicologia Médica (Universidade Estácio de Sá, RJ), Terapia Cognitivo-Comportamental, (International Coaching Community, RJ), com MBA em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas. É voluntária da Conscienciologia desde 1993 e atualmente atua na Conscius e contribui com os trabalhos da Intercons.

AMÉRICA

INTERCÂMBIO EM HARVARD

Fabiana Carvalho

Em 2014, participei de um intercâmbio viabilizado pelo governo brasileiro, para alunos matriculados em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Universidades Federais, cujo objetivo principal era possibilitar o desenvolvimento de parcerias e cooperação com instituições de excelência no Exterior.

A viagem fez parte do programa intitulado: *Missão científica de curta duração no Exterior para estudantes dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)* e foi realizada em outubro de 2014.

O intercâmbio ocorreu no Laboratório de Neuromodulação, no Departamento de Medicina Física e Reabilitação do *Spaulding Rehabilitation Hospital, Harvard Medical School*, em Charlestown – Boston, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Quando soube desta modalidade de intercâmbio de curta duração, ideal para minha realidade no momento, intimamente me abri a esta possibilidade. Alguns encaminhamentos deveriam ser feitos, pois não tinha passaporte e também precisaria definir a viagem com meu duplista. Além disso, também precisaria ser indicada pelo meu orientador e, o fator crucial era o governo abrir o edital com as vagas.

Ao conversar com o duplista, além do apoio necessário para o intercâmbio, ele se dispôs a viajar comigo, era interesse dele também realizar a primeira viagem internacional para os Estados Unidos.

Apenas 2 dias após nossa decisão, o edital abriu e fui conversar com meu orientador que concordou em me indicar para pleitear a bolsa. O fato de eu ter um posicionamento claro, com objetivos específicos me ajudou neste processo. O processo seletivo foi tranquilo e encaminhei toda documentação solicitada, as autorizações e os documentos para visto da instituição a ser visitada.

Eu e o duplista escolhemos as datas da viagem, enviei os documentos para o processo seletivo e demos entrada no passaporte e visto. A organização foi decisiva, pois precisávamos agendar as entrevistas, porém sem ainda ter o resultado da seleção. Como a viagem deveria ser realizada em prazo especificado, quando saísse o resultado não teríamos tempo hábil para agendar as entrevistas, então tivemos que nos organizar frente ao tempo disponível.

O resultado saiu e consegui a bolsa. Com os documentos prontos e toda a organização prévia, realizamos as etapas do visto sem entraves.

A viagem transcorreu sem problemas e o fato de viajar em dupla ajudou muito porque nos apoiamos no país estrangeiro. Quando chegamos a Cambridge, cidade contígua à Boston, fomos recebidos pelo amigo Renato Serzanink, voluntário da Conscienciologia, atuando profissionalmente lá. Ele foi crucial para nos ambientar no local e nos explicar o funcionamento dos deslocamentos, indicar

restaurantes, nos apresentar aos pontos turísticos da cidade. Essa foi nossa primeira grande viagem internacional e o apoio e acolhimento dele fez toda a diferença.

Também foi possível atualizá-lo sobre as neoideias conscienciológicas e atividades do CEAEC. Esta troca auxilia quem está no Exterior, que costuma sentir falta dos companheiros evolutivos para debater experiências sobre a Conscienciologia.

Tive dois objetivos bem claros nesta viagem. O primeiro foi quanto à profissão, este intercâmbio daria um *upgrade* em minha carreira e também me qualificaria em relação ao projeto da tese de doutorado. O segundo objetivo foi relacionado à autopesquisa. Aproveitei o momento e experiências vividas para aprofundar a pesquisa sobre serioxologia (estudo de vidas sucessivas), pois a viagem teve relação com meus temas de pesquisa. Também saliento que algumas reciclagens foram o meu foco, além de vislumbrar a possibilidade de intercâmbio futuro com vistas ao voluntariado da Conscienciologia.

Particpei das atividades do Laboratório de Neuromodulação, onde tive os seguintes objetivos: a) participação em discussões relacionadas ao projeto da tese, reuniões do grupo de pesquisa e discussão de artigos científicos; b) Elaboração de novo projeto visando à continuidade da cooperação entre os grupos; c) Treinamento técnico de neuromodulação com equipe especializada; d) Participação em palestras e aulas.

Embora o laboratório não fosse no *campus* principal da Harvard, em Cambridge, estivemos lá e foi muito interessante com muitas percepções, sensação de bem-estar e ampliação da cognição.

A importância desta vivência para minha formação, tese e currículo foi uma oportunidade ímpar, pois a possibilidade de contatos e orientações foi importante para o desenvolvimento do processo de escrita, primordial para o doutorado e outros objetivos de vida.

Além da questão acadêmica, fizemos turismo e conhecemos outra cidade: Washington DC. Nesta cidade, encontramos o amigo Luciano Melo, também voluntário da Conscienciologia, que nos mostrou a cidade e nos deu apoio. A interassistência promovida na visita ao Luciano foi bastante rica consciencial e culturalmente. Novamente, as visitas culturais que fizemos na cidade foram acompanhadas de debates e interações sobre a Conscienciologia.

O retorno ao Brasil foi tranquilo e durante toda a viagem não tivemos nenhum momento de descontentamento ou problemas, indicador que a viagem foi bem organizada e sem contrafluxos. No retorno, apresentei a vivência do intercâmbio aos alunos de pós-graduação, oportunizando aos alunos interessados informações sobre a viagem.

A seguir, destaco 7 consequências do intercâmbio:

1) **Poliglotismo.** Este ponto é decisivo em viagens para o Exterior, pois a comunicação é necessária em todos os momentos. Para mim, ainda é uma condição a ser aperfeiçoada, então o investimento em outros idiomas, especialmente no inglês, é uma das minhas prioridades.

2) **Cultura.** O conhecimento de culturas e ambientes oportuniza uma abertura da visão de mundo, com novas perspectivas e aprendizados. O intercâmbio de ideias e a assimilação dos pontos

positivos da cultura estadunidense foram muito oportunos. Isto facilita o *rapport*, quando em uma assistência específica.

3) **Profissão.** Sem dúvida um dos objetivos e um resultado da viagem foi a qualificação profissional e acadêmica. Ter a oportunidade de discutir o projeto da tese com professores qualificados foi bastante enriquecedor. Além disso, participei de treinamentos e aulas os quais geraram conhecimento e aproveitamento imediato em minha área de atuação.

4) **Contatos.** Outro quesito importante foi a rede de contatos estabelecida na viagem. O trabalho em conjunto com pesquisadores de instituições renomadas possibilita um contato para futuros intercâmbios em outras universidades e com mais tempo de permanência.

5) **Autopesquisa.** A experiência de intercâmbio favoreceu a reciclagem do *trafar* da dificuldade de autoexposição. O fato de me expor em outro idioma e em universidade de excelência, obrigatoriamente fez com que eu me pusesse à mostra, sem ter como fugir. Isto reverbera até hoje. Também ressalto a pesquisa seriexológica, forte fator motivador desta viagem.

6) **Amizades.** O fato de encontrar amigos em cidade estranha auxiliou muito nossa estada lá, além de estreitar os laços de amizade e de auxílio mútuo.

7) **Assistência.** A assistência feita pela tenepes (técnica energética interassistencial), mesmo que adaptada ao contexto da viagem, e por nossas energias conscienciais homeostáticas em outro país, aumenta a rede de assistência e ajuda no resgate de consciexes afins. Esta assistência pode ser maior em locais onde temos forma holopensênica ou, deixamos rastro em algum momento de nossa história passada.

Não tivemos contratempo neste período e as sincronicidades, *insights* e percepções antes, durante e após o retorno me fizeram pensar que esta experiência foi necessária para mim, muito além da questão acadêmica e profissional, mas principalmente a consciencial. Eu ainda não havia tido oportunidade de viajar para fora do Brasil, e ter esta vivência conduzida desta maneira, foi muito gratificante.

Esta viagem foi um aporte existencial, um recurso recebido constituído de ferramentas úteis, aprendizados e condições favoráveis ao bom desempenho das tarefas interassistenciais. Ainda desconheço o alcance da viagem na proéxis pessoal (programação de vida) visto que os contatos realizados poderão propiciar intercâmbios mais longos e, quem sabe, voluntariado e docência conscienciológica em outro país, antes impensáveis para mim.

Fabiana Carvalho (1976–). Professora universitária, graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista do Sul (2001); Especialista em Acupuntura pela Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo (2005); Mestre em Reabilitação e Inclusão pelo Centro Universitário Metodista do Sul (2010); Doutoranda em Ciências Médicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pós-graduanda em Dor e Cuidados Paliativos no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Participa do grupo de pesquisa em Dor e Neuromodulação do HCPA e colabora com pesquisa multicêntrica da USP. Brasileira, natural de Porto Alegre, RS; voluntária da Conscienciologia desde janeiro de 2000.



Hall de entrada do laboratório do *Spaulding Rehabilitation Hospital*



Wil e Renato – Campus Principal Harvard



Casa Branca - Washington DC



Washington DC, com Luciano Melo

QUANDO O MUNDO SE TORNA O LAR

Mirella Salgues de Carvalho

Desde o dia quando descobri que existia um lugar chamado Canadá, senti uma necessidade enorme de conhecê-lo. Naquela época, ainda criança, eu não sabia dizer o motivo. Hoje, entendo que minha ligação com esse país maravilhoso vai além de uma vontade inexplicada.

Durante o ensino médio, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio (2008-2009) e vi aquilo como o momento ideal para eu finalmente conhecer o lugar que tanto queria. Morei durante cinco meses em uma cidade pequenininha, em uma província do leste, chamada Nova Escócia. Lá tive contato com pessoas de locais e culturas diferentes, principalmente pelo fato dessa província receber com frequência estudantes de todos os lugares do mundo. O respeito e curiosidade que os canadenses demonstravam em relação aos alunos internacionais só aumentou meu amor por conhecer novos destinos e confirmou a ligação com o Canadá.

Morar fora de casa aos 16 anos foi um desafio e tanto. Não ter meus pais sempre que precisasse, não ter quem me levasse de carro para outros lugares com frequência e não ter nem a possibilidade de pegar um ônibus, por morar afastada do centro urbano foram um grande choque para mim. Além disso, depender unicamente do meu despertador para acordar, me arrumar e estar pronta quando o ônibus escolar passasse também foi muito importante para aumentar meu senso de responsabilidade. Contudo, o fato das escolas funcionarem como as universidades, onde você escolhe as matérias que quer estudar, foi algo que eu achei muito interessante.

Alguns anos depois, já como estudante universitária, ouvi falar de um programa de intercâmbio financiado pelo Governo Federal Brasileiro, o *Ciência sem Fronteiras*. Aproveitando a oportunidade de estudar em universidades e trabalhar em centros de pesquisa mais bem desenvolvidos que no Brasil, decidi me inscrever no processo seletivo junto com meu namorado. O processo de seleção e organização para viajar é uma loucura! Precisei correr atrás de dar entrada em um processo de seleção interno na minha universidade de origem, garantir uma nota do ENEM, traduzir histórico, conseguir duas cartas de recomendação de professores, ter em mãos um comprovante de participação em um projeto de iniciação científica, e provavelmente mais alguns documentos que esqueci de citar. A espera do resultado parece não ter fim, porém depois de confirmada a minha bolsa precisei dar entrada no visto canadense, comprar passagens, adquirir dólares canadenses, renovar passaporte, comprar malas, criar *check list* para ter certeza de que eu não ia esquecer nada... Enfim, muita correria e alguns fios brancos a mais, mas o esforço foi recompensado!

Cheguei ao Canadá no final de Agosto de 2014, cerca de duas semanas antes do início do período letivo da Carleton University – a universidade que iria me receber pelos próximos meses. Por precaução, já havia assinado contrato de local pra ficar enquanto ainda estava no Brasil, então pude ir diretamente para minha nova casa e descansar depois de tantas horas viajando. Acordei após o horário do almoço e decidi explorar as redondezas, na tentativa de encontrar algo para comer. Acabei parando

em uma pizzaria, onde consegui me comunicar perfeitamente bem com os funcionários, apesar do receio de falar algo errado, e ainda recebi elogios sobre a roupa que usava.

O apartamento que aluguei fica a cinco minutos da entrada da universidade. Apesar de ser bem pequeno e mais caro que o desejado, optei pela praticidade de não precisar pegar transporte todos os dias para ir às aulas. Outra vantagem é a parada de ônibus quase em frente à casa, extremamente útil durante o inverno de temperaturas sempre negativas. O fato de dividir o apartamento com meu namorado também foi muito bom no sentido de ter ajuda em todos os afazeres domésticos, como cozinhar, limpar e fazer compras.

Durante as primeiras semanas, dependi muito do meu celular - e quando eu digo celular me refiro ao aparelho, com acesso à internet quando eu encontrava uma rede disponível e que, finalmente, me fez valorizar a função “Mapas”. Minha maior alegria foi descobrir que eu não precisava de internet para o GPS funcionar! Foi esse aparelhinho que me permitiu pesquisar sempre quando eu tinha alguma dúvida e me ajudou a encontrar todos os lugares procurados, mesmo ainda sem um chip com número local.

Outro aspecto interessante do intercâmbio é, na maioria das vezes, temos medo de não entender as pessoas e de não conseguirmos nos comunicar. Eu, estudante da língua inglesa desde os meus oito anos, tive exatamente as mesmas preocupações, mas garanto que frente à necessidade de pedir algo do menu de um restaurante ou perguntar ao motorista do ônibus se ele passa em tal rua, o receio vai se desfazendo. Com o tempo você vai ficando mais confortável com aquilo tudo até o ponto quando passa a ser natural perguntar em inglês onde tem um banheiro ou responder quando alguém te pergunta que horas são.

Uma experiência em uma nova cultura nos faz perceber a quantidade de pessoas boas que existem no mundo. No Canadá, contudo, isso parece ser multiplicado. Digo isso porque é notável a simpatia e vontade de ajudar das pessoas, mesmo que não seja sempre aparente. Algo que costumava me deixar muito feliz era como os funcionários do banco me tratavam, sempre com um sorriso enorme no rosto, fazendo piadas e perguntando se eu precisava de algo mais. Além disso, outra característica marcante do povo canadense é como eles se desculpam por tudo. Tudo mesmo! Se eu pisar sem querer no pé de alguém, por exemplo, essa pessoa provavelmente vai se desculpar. Não faz muito sentido, mas é assim que eles são e, sem dúvida alguma, foi uma coisa que incorporei rapidamente.

Outro aspecto no qual muitas vezes não pensamos, e eu digo isso porque nunca foi uma preocupação real minha antes do intercâmbio, é o que faremos em nossos horários livres. Por mais que as aulas, os estudos e até mesmo as tarefas de casa (novidades para mim) ocupassem boa parte do meu tempo, eu sempre terminava “entediada” em algum momento, sem saber o que fazer. Meus amigos tinham horários diferentes dos meus e o clima nem sempre contribuía para poder dar uma volta no bairro, então eu acabei criando o hábito de ler livros e assistir a filmes e séries em inglês. Esse meu novo hobby foi importantíssimo para que eu me forçasse a fazer conexões e entender novas palavras, além de me deixar muito mais confortável com o idioma.

Quanto às aulas, não senti dificuldades para entender os professores. O estilo de aula é muito parecido com o que eu tinha no Brasil, onde os professores dão palestras e usam apresentações de *slides* para facilitar o entendimento e as anotações. A principal diferença observada foi o fato de, muitas vezes, o material ser passado aos alunos antes mesmo das aulas começarem. Para mim, o maior problema

foi não ter tido algum tipo de preparação sobre o estilo de prova nem sobre o formato dos trabalhos, que costumava variar de acordo com o professor, então o melhor a se fazer era enviar o trabalho com antecedência para os tutores da disciplina e esperar orientações deles. Apesar disso, tive a oportunidade de assistir a aulas de professores excelentes e de ter contato com conhecimentos extremamente interessantes de diversas áreas da saúde, o que me levou ao meu estágio.

O ano letivo no Canadá vai, basicamente, de Setembro a Abril; o período do verão, de Maio a Agosto, é considerado o período de férias. Grande parte dos alunos usam as férias de verão para visitar seus pais, adiantar alguma disciplina ou trabalhar para juntar dinheiro. No meu caso, por causa do meu programa de intercâmbio, eu precisava fazer um estágio durante esses 4 meses em uma área relacionada à minha graduação. Conversei com a professora Dra. Maria DeRosa, coordenadora dos estudos sobre aptâmeros em seu laboratório, e ela aceitou que eu ficasse com a equipe durante o verão. Neste estágio, tenho conhecido pessoas maravilhosas e aprendido muito sobre teoria e prática dentro do laboratório, já pensando na possibilidade de usar os conhecimentos para um possível mestrado depois da graduação.

Esses meses de intercâmbio tem sido incríveis e me mostrado da necessidade de confiar mais em mim. Superei desafios, cresci de diversas formas e conheci muito mais das coisas que o mundo tem a oferecer. É uma experiência única e, se eu pudesse escolher, todos passariam por ela. A vida é muito mais do que conhecemos! Devemos ser sempre abertos às novas experiências e sempre nos preocupar com o próximo. Em um país com tanta diversidade, devemos lembrar que é essencial respeitar os diferentes costumes, além de aproveitarmos como exemplo a simpatia e a vontade de ajudar dos moradores. Afinal, todos nós dependemos uns dos outros para evoluir.

Mirella Salgues de Carvalho é estudante de graduação em Biomedicina na UFRN e, atualmente, intercambista em Ottawa, no Canadá.



Mirella Salgues de Carvalho no *campus* da Carleton University

ÁSIA

BALANÇO DE EXPERIÊNCIAS CONSCIENCIOLÓGICAS NA ÁSIA

Frederico Falcão

OBJETIVO:

O objetivo desse artigo é de relatar uma reflexão sobre os pontos positivos e negativos, ou difíceis, da experiência de uma conscin professora de Conscienciologia de residir no Exterior, Ásia, Cingapura, por dois anos.

RELEVÂNCIA:

A exposição desse balanço visa assistir a dois propósitos principais:

1. Muitos conscienciólogos cogitam tomar um caminho similar de morar no Exterior por um tempo. Esse artigo talvez possa ajudar nessa tomada de decisão.
2. Esse material somar-se-á a outros para formar rico banco de dados para futuros pesquisadores poderem estudar o assunto e melhor esclarecer esse tema, ampliando e aprofundado os detalhes do mesmo.

CONTEXTO:

Com poucos anos de Conscienciologia, a conscin objeto do relato, Frederico Falcão, tinha conquistado importantes reciclagens que pressionaram necessária mudança de vida. A vida que o mesmo tinha construído a sua volta: trabalho, amigos, hobbies e namorada não mais lhe preenchiam e satisfaziam. Então, encontrou-se frente a difícil decisão para realizar a mudança com fins prioritariamente evolutivos:

1. Mudar-se para Foz do Iguaçu imediatamente, tornando-se professor universitário e, portanto, abdicando da vida de luxo que vivia, além da perda do status;
2. Ir estudar fora numa faculdade de renome para:
 - a) ter um tempo e se afastar de seu mundo – influências e pressões – para repensar melhor as opções de vida e profissionais;
 - b) adquirir um título que viabilizasse mudar de profissão sem muitos ônus.

Após muita reflexão, diversos cursos da Conscienciologia, gescon, viagens à Foz, maratona de laboratórios e dinâmicas parapsíquicas, consciencioterapia, preceptoria parapsíquica, Seapex e algumas conversas com Prof. Waldo, entendi que o melhor seria a opção 2 acima, portanto, fui fazer

um *MBA – Master in Business Administration* na INSEAD (Institut Européen d'Administration des Affaires).

BALANÇO:

A primeira oportunidade evolutiva da viagem, devo dizer, começa na busca pela resposta se deve-se ir ou não. Recomendo a todos ponderar bem antes de tomar a decisão, utilizando todos os recursos disponíveis. O motivo é que no fundo não se está só avaliando ir ou não para o Exterior, mas qual caminho evolutivo tomar, influenciando diversos fatores e parafatores proexológicos interrelacionados que terão consequências benéficas ou estagnadoras.

Pode-se fazer uma analogia com o baile de gala mnemônico, onde as pessoas tiveram que pesquisar para escolher e confeccionar suas fantasias, servindo de grande ferramenta motivadora de autopesquisa. Logo, não perca a oportunidade de trabalhar bem a decisão de viajar ou não, o que fazer no Exterior (exemplo: estudar, trabalhar), para onde ir (ex: Paris, Tokio, NY, Londres, Egito, Sydney, Dubai, etc.) e, principalmente, quais são seus objetivos. Lembre-se de alinhar os objetivos com a proéxis e pensar multidimensionalmente. Provavelmente, considerando-se a complexidade multidimensional, nenhuma viagem terá somente um propósito intrafísico, tipo capacitação profissional. Muito provavelmente envolverá aspectos multidimensionais como refazimento cármico com algum grupo (conscins e consciexes), minirreurbex, resgate de intermissivistas, etc.

Segue enumeração sintética dos maiores aprendizados que formaram o balanço da viagem numa reflexão inicial:

01. Dinâmica do Cosmos ou maximecanismo de ajuste de intencionalidade:

- ✓ O processo de ir estudar fora demonstrou uma dinâmica interessante. Inicialmente houve duas tentativas de ir estudar fora com uma intencionalidade egoística e não deram certo. Quando finalmente abdiquei desse processo egoístico para optar por outro caminho mais assistencial, as portas abriram-se facilmente. O aprendizado foi de que se tentar adquirir bônus evolutivos com intenção de usar para ganho pessoal terá as portas fechadas. No entanto, ao reciclar e estar disposto a trabalhar com o amparo, as portas se abrem naturalmente. Essa dinâmica ocorreu 3 vezes no total ao longo dessa caminhada. Sempre a mesma coisa, enquanto a intencionalidade estava distorcida, as portas não se abriam, porém assim que o traço distorcendo a intencionalidade fosse reciclado e eu estivesse profundamente disposto a abdicar daquilo, então acontecia.

02. Vivência dos bastidores do intrafísico:

- ✓ Nos primeiros meses da viagem, houve uma expansão consciencial e parapsíquica que possibilitou um sobreaparecimento de todo o contexto vivido, uma cosmovisão da dinâmica grupal, uma parapercepção do holopense local e suas alterações, um acoplamento espontâneo e profundo com as conscins, uma autoconfiança superior possibilitando posicionamentos firmes e difíceis, uma assertividade na tares, um sentimento de maxifraternismo e universalismo, um maior grau de imperturbabilidade, dentre outros. Julgo isso ter sido consequência de equipex específica para o trabalho a ser feito lá, assim como já ouvi de outros conscienciólogos que viajaram pela Consciencologia e relataram terem tido experiências

similares enquanto estavam desenvolvendo o trabalho. Porém, ao voltarem, acabou todo o aporte. A melhor analogia que ouvi do Prof. Waldo quando fui a Foz durante as férias no meio do ano, era a da sensação de estar vivendo a vida nos bastidores, percebendo tudo que ocorria, os motivos, as causas, etc. Era como se a vida intrafísica e as pessoas fossem fáceis de compreender e lidar.

03. Refazimento Cármico:

- ✓ Toda viagem, considerando-se estar na proéxis, é uma grande oportunidade de encontrar antigos algozes e vítimas para desfazer interprisões cármicas, tanto no intrafísico quanto no extrafísico. O refazimento cármico se dá por dois meios devido a lei de ação e reação: ou recebes o mal que cometeu ou assiste. No intrafísico, há a oportunidade de assistir através da tares, tacon, posicionamentos cosmoéticos, exemplarismo, desassédios energéticos (ex: doação de ECs ou AVC), etc. Já no extrafísico a assistência, além das atitudes no intrafísico, também contabilizam as reciclagens, ortopensenidade e neoposturas impregnadas na holosfera e ECs do conscienciólogo viajante. Refazimento cármico estará contemplado em qualquer proéxis tendo em vista que é elemento essencial para a melhoria da FEP e para virar CL (a condição para tornar-se CL é não ter mais nenhuma interprisão, por isso o nome Consciência Livre).

04. Diversidade de Convivialidade:

- ✓ Essa faculdade escolhida é a 1ª em diversidade de alunos entre as Top 10 do *Financial Times MBA Ranking*. Havia alunos de todos os continentes, incluindo países sem grande cultura de internacionalização, tipo Mongólia. Esse fator exacerbou esse benefício da diversidade de convivialidade, porém qualquer vivência no Exterior já propiciará certa diversidade. O exercício de convivialidade é fundamental para a evolução pessoal por diversos fatores, dentre eles a prática da interassistencialidade, a mensuração da sua imperturbabilidade, a exposição mais clara dos seus tráfeses, etc. No entanto, a diversidade amplia a convivialidade, pois trás muito mais oportunidades de aprendizado. É simples avaliar isso, basta comparar o caso da interação entre 5 conscins com muitos pontos em comum (ex: mesma cidade, mesma profissão, mesmos hobbies) e o caso da interação entre uma advogada brasileira, um banqueiro finlandês, um engenheiro de telecomunicações chinês, um cineasta indiano e uma bióloga americana. Lidar com tamanha diversidade exige esforço e não é fácil, mas pesquisas comprovam que times mais diversificados tem maior potencial de criação e resolução de problemas. *Convivialidade diversificada sadia é Universalismo*.

05. Cultura & Língua:

- ✓ A vivência de culturas diferentes, não como turista, mas mais imerso na cultura estrangeira, amplia os benefícios acima citados, por exemplo, certas autocorruptões culturais podem passar despercebidas por toda uma vida de uma conscin que nunca saiu de seu ambiente cultural. Uma forma de melhor compreender esse ponto é a metáfora do peixe, em que perguntaram para o peixe: “-Como está a água?” e o peixe respondeu: “- Água? O que é água?”. A vivência de uma cultura diferente pode ajudar a quebrar paradigmas, crenças, valores profundos, enraizados e fossilizados, aquelas coisas que nunca se percebeu, pensou a respeito ou julgava-se ser da natureza de todos os seres humanos ... até verificar numa outra cultura que aquilo é bem diferente. A língua é importante parte de uma cultura e sua visão da re-

alidade e do mundo, influencia a forma como aquele povo interpreta e interage com mundo. Aprender outra língua permite compreender essa importância, como por exemplo, no Vietnã o povo fuma muito, quando fui descobrir que o léxico na língua deles para cigarro traduzido literalmente é fumaça-medicinal, ou seja, é mais difícil convencer esse povo de parar de fumar se o vocábulo do próprio cigarro trás uma associação com saúde. A língua também faz muita evocação de vidas passadas. Há relato de conscienciólogos que tem dificuldade de aprender certas línguas, pois tem um passado deficitário relacionado aquela língua. Assim, toda vez que vão estudá-la acabam apagando devido às evocações.

06. Resgate de Intermisivistas e Eletrônicos Afins:

- ✓ A viagem para o Exterior, principalmente aquelas que possibilitam uma convivência mais permanente, aumenta as chances de encontrar intermisivistas perdidos pelo mundo afora para resgatá-los. Seja através de palestras, aulas, bate-papos num jantar ou uma amizade que vai se desenrolando devido ao debate contínuo do tema. Cada vez mais haverá intermisivistas nascendo em diferentes locais no mundo, devido ao crescente número de intermisivistas ressomando, assim diminuindo a possibilidade de todos nascerem perto das Cognópolis da Conscienciologia. Além de alguns também terem prioridades em relação ao grupocármica consanguíneo no Exterior. Outros personagens interessantes para todo viajante estar atento são os “eletrônicos afins”. Certas conscin eletrônicas podem não ter afinidade à Conscienciologia, mas podem ser peças importantes para diversos projetos da Conscienciologia em prol do Estado Mundial, a exemplo da Universidade Privada Gratuita (Uniamérica), a Democracia Pura (hoje iniciando com a candidatura do EPICON Phelipe Mansur), o Megacentro Cultural Holoteca, o Hospital Privado Gratuito e a chegada dos extraterrestres trazendo as tecnologias avançadas. Muitos desses eletrônicos podem ser de grande ajuda na implementação desses Megaprojetos. Alguns desses serão “resgatados” através do contato com conscienciólogos viajantes.

07. Maturidade e Holomaturidade:

- ✓ A vivência no Exterior, quando sozinho ou em dupla, referindo-se sem os pais ou maiores tomando conta, pode assistir a conscin a ganhar maturidade e holomaturidade. No primeiro, a vivência na mesma cidade ou perto dos pais e familiares provê, para alguns, muitas facilidades e conforto. Isso pode deixar a conscin dependente, ou mesmo mimada, o que trará dificuldades e muitos conflitos na vida. Em relação ao segundo, a vivência longe das Cognópolis da Conscienciologia, afastado dos cursos, dinâmicas, laboratórios, em alguns casos, até completamente isolado de qualquer companhia de conscienciólogo, exige desse conscienciólogo maior *alertismo consciencial* e atenção dividida, maior sustentabilidade energética, dentre outras coisas. O fato de não ter ninguém a quem recorrer para um arco voltaico ou uma dinâmica ou curso para ir se desassediar, deixa tudo na mão do indivíduo. Tendo, o mesmo, que aprender a se sustentar sozinho em ambientes não favoráveis (certamente não será nenhuma cognópolis otimizada). Caso a conscin consiga manter esse esforço, há o potencial dela ganhar muita autoconfiança no parapsiquismo e estofo energético.

08. Recuperação de Cons e Retrocognição:

- ✓ Conforme dito anteriormente, essa experiência no Exterior, provavelmente, possui um cunho extrafísico muito importante, talvez maior do que a motivação intrafísica. O conscienciólogo bem intencionado quanto ao trabalho com os amparadores de assistência estará

se disponibilizando para o amparo e ajudar a ter mais lucidez em relação a essa missão proexológica no Exterior. Assim, inicia-se um processo de recuperação de cons e retrocognições para que a conscin possa compreender melhor seu papel e objetivo multidimensional nessa viagem. Aquelas que morarão no Exterior, elucidar-se-ão quanto ao teatro intrafísico do qual participarão e como devem agir tal qual infiltrados cosmoéticos lúcidos.

09. Reurbex:

- ✓ A presença de um conscienciólogo em um local já exerce algum grau de reurbanização extrafísica. Há diversas formas de gerar esse efeito em maior ou menor grau podendo ir desde o conscienciólogo morando no Exterior e fazendo tenepes até o turista impactando o extrafísico e as consciexes locais através do seu rastro pensênico impregnado com o paradigma consciencial, autopesquisas, reciclagens, voluntariado, etc. O rastro pensênico é algo muito sério e pouco abordado nas publicações conscienciológicas até hoje.

10. Teática, Exemplarismo e Assistência:

- ✓ Viver no Exterior, sozinho ou em dupla, é uma grande oportunidade para uma autoavaliação mais explícita de todo investimento feito na Conscienciologia e evolução pessoal, as reciclagens. Quando estamos longe do ambiente otimizado da Conscienciologia, ou até inacessível, criar-se-á um ambiente mais propício para demonstrar mais claramente o quanto a conscin age de uma forma quando em ambiente conscienciológico e de outra forma na socin. Quando isolado de qualquer ambiente conscienciológico institucional ou social, a autocobrança para agir cosmoeticamente não tem uma válvula de escape (o voluntariado e docência), assim começa uma autocobrança maior para colocar em prática no dia a dia. Não havendo mais essa divisão, a autocobrança permeia o dia inteiro, possibilitando a pessoa de ficar mais autoimperdoadora e cosmoética, melhorando seu exemplarismo e esforçando-se mais a praticar a assistência permanentemente.

11. Restrição e Confinamento:

- ✓ Nem tudo é positivo na vivência no Exterior. Um ponto que apresentou-se bem desagradável foi o isolamento. Passar muito tempo em ambientes que não há como conversar, debater ou desabafar sobre suas vivências multidimensionais e multiexistenciais, pode ser sufocante e angustiante. O ser humano precisa interagir, trocar ideias, debater para tentar melhor fazer sentido dos fenômenos que lhe ocorrem e compreender a realidade à sua volta. Após perceber e vivenciar uma realidade maior, a multidimensional, não poder mais interagir com o seu entorno em nenhuma ocasião (caso nem dupla tenha acompanhando-o/a), sob esse aspecto gera uma sensação de constante restringimento e confinamento. A conscin precisa ficar se monitorando para falar com os demais somente as questões intrafísicas, ficando frustrada de não poder compartilhar a riqueza e magnificência dos parafatos.

12. Uma Andorinha Não Faz Verão:

- ✓ O holopensene de um país tende a ser bem forte, portanto, é difícil se manter por muito tempo num ambiente adverso holopensenicamente, sem nenhum refúgio conscienciológico mais otimizado por perto para contar nas horas de maior pressão holopensênica, assédios mais pesados e limpeza de energias gravitantes. Pode-se fazer uma analogia com uma consciex visitando a baratrofera: dizem que se ficar muito tempo lá, se não for de nível evolutivo

elevado, tal qual um serenão, pode acabar sendo engolido pelo holopensene, obnubilando-se e ficando preso. Esse é o motivo pelo qual este autor atribui ter-se esvaecido do estado comentado no item 2 acima.

13. Conclusão:

- ✓ Entende-se com o atual nível de lucidez que a viagem teve um balanço bem positivo com ganhos em maturidade, holomaturidade, volição, confiança parapsíquica, autossustentação energética, liderança interassistencial, cultura, língua estrangeira, convivialidade, dentre outros, incluindo os últimos dois pontos negativos que também são grandes aprendizados. Este autor sentiu-se mais preparado para viver em Foz, chegando agora em sua fase executiva.

Frederico Falcão é engenheiro de Telecomunicações e Produção, Mestre em Administração de Empresas pela PUC-Rio e INSEAD, Mestre em Gestão de Organizações sem Fins Lucrativos pela Université de Lyon Trabalhou nos setores de Telecomunicações, Esporte, Incorporação e Construção, com fins lucrativos, sem fins lucrativos, *startup* e *turnaround*. Atuou nas áreas de TI, Engenharia, Gerenciamento de Projetos, Marketing e Vendas, Financeiro/Tesouraria. Morou 2,5 anos no Exterior: EUA e Cingapura.

EUROPA

DEMOCRACIA PURA DO BRASIL À EUROPA

Julio César Gonçalves Dias

ATÉ CONHECER A DEMOCRACIA PURA.

Militei em vários segmentos da sociedade sempre no campo político e social, fundando sindicatos, cooperativa habitacional, cooperativa de alimentos, associações de moradores, confederações de associações de moradores, partido político, instituições filosóficas e científicas. Anos depois de atividades de militância, conheci os princípios e conceitos da Democracia Pura através de seu proponente, o Prof. José Vasconcelos. Percebi então o quanto estava equivocado, pois, entendi que as práticas da Democracia Representativa não oportunizaram a participação da população ou associados nas decisões de maneira racional, direta, empoderada e cidadã. Seus representantes em muitas situações manipulam, formam pequenos grupos com práticas oligárquicas, onde poucos decidem por muitos.

MUDANÇA DE FOCO.

Quando fiz o curso de “Identificação das Diretrizes da Proéxis” pela Associação Internacional da Programação Existencial (APEX), ficou claro o que eu deveria fazer para resolver pendências deixadas pelo exercício distorcido de Democracia Representativa. Por meio de atuação no fomento de organização de instituições e de associações ou afins, utilizando meu histórico de experiência de militância, resolvi dedicar-me aos objetivos de proporcionar maior participação popular, oficinas, debates esclarecedores e estímulo à autonomia do sujeito. Uma das formas encontradas foi a reestruturação estatutária de associações onde se proporcionasse e permitisse as práticas da Democracia Pura.

DEMOCRACIA PURA NAS ORGANIZAÇÕES DE BAIRRO.

O projeto do Professor J. Vasconcelos veio de encontro às minhas aspirações e indicou a possibilidade de colocar em prática uma autêntica democracia, catalisadora do empoderamento da população. Entretanto, percebi que esse projeto deve passar por etapas onde o professor não especifica em seu livro (V. Bibliografia). Iniciei este processo no Bairro Cognópolis em Foz do Iguaçu, em seguida minha esposa, Médica de Família e Comunidade convidou-me para auxiliá-la nos bairros onde fazia um trabalho de cidadania com 1.095 famílias. Esta comunidade em sua maioria é composta de donas do lar, diaristas, aposentados ou em benefício e pedreiros (de acordo com dados coletados do diagnóstico situacional local da equipe de saúde da família de referência). Sua proposta era proporcionar aos cidadãos do local, ou seja, da área adstrita que ela era responsável, em um território com 3.500 pessoas, que vivenciassem participação social e política para conseguir melhorias estruturais e organizacionais nos seus bairros.

Logo, convidei o Advogado Alinor Vieira e o Psicólogo Ivan Ramos para participar e ajudar a organizar essas sociedades e em seguida vieram outros voluntários. Na primeira reunião de nossa equipe

com um dos líderes do bairro, este último desestimulou-nos, referindo que não conseguiríamos adesão da população a estas ideias, pois, até então ele sozinho é que organizava e fazia tudo. Convidamos a população a comparecer às reuniões semanais, de início vieram poucos, mas, logo tínhamos mais de 40 pessoas.

OFICINA DE DEMOCRACIA PURA.

Ao atingir um número considerável de frequentadores ativos (em torno de 40) nas reuniões, organizamos uma oficina de Democracia Pura, que aconteceu com a presença do prof. Vasconcelos. A organização e o acontecimento da oficina foi o primeiro marco que iniciou o processo de compreensão e conhecimento da Democracia Pura nesta área de abrangência. Utilizamos métodos andragógicos de participação popular, resgate de conhecimentos e experiências prévias dos participantes para a construção de novas ideias e práticas baseadas na Democracia Pura.

Houve, portanto, entendimento do processo obsoleto e antidemocrático hegemônico que se configurava com a permanência no poder, sem alternância durante anos e da forma de escolha de seus diretores. A população interessada que participava ativamente das reuniões semanais com os voluntários, entendeu que havia necessidade de reformular este processo por meio de alterações do estatuto das associações de moradores do local e ainda experienciar esta prática em Democracia Pura nas escolhas prioritárias de suas demandas e de seus diretores.

ELEIÇÃO NAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES.

Usando os princípios e conceitos da Democracia Pura deve haver alternância de poder nos cargos, com permanência neles no máximo por dois anos (VASCONCELOS, 2007). Esta estratégia oportuniza a todos os interessados a experienciar a coordenação de uma pasta, como por exemplo, em Associação de Moradores, oferece renovação de ideias, de práticas inovadoras, varia o modelo de coordenação e amplia o *background* de cada participante. Proporciona, portanto, o amadurecimento dos participantes e dos interessados em construir uma sociedade mais empoderada, compromissada com seus vizinhos, cidadã e justa.

O processo de esclarecimento do mecanismo de eleição durou em torno de um ano. As reuniões foram encorpadas com mais moradores, chegamos a mais de 100 pessoas em várias ocasiões até ocorrer todo o processo de oficialização das eleições. No dia da Assembleia para Eleição foi apresentado, adequado de acordo com sugestões e votado por aclamação, cada item do estatuto com as devidas modificações baseadas na Democracia Pura. Em primeiro momento ocorreu a modificação do estatuto da Associação de Moradores do Bairro Jardim São Roque I, II e III de Foz do Iguaçu e respectiva eleição baseada no Sistema SHP, Sistema de Habilitação e Pontuação, tivemos na Assembleia a presença de 135 pessoas. Posteriormente, houve o mesmo processo em outro bairro vizinho, Jardim Vitória e, em seguida a este, moradores de outra localidade adjacente de nome Jardim Niterói nos procuraram para que realizássemos o mesmo processo e ajudássemos a criar uma terceira associação de moradores com o embasamento estatutário da Democracia Pura.

MÉTODO DA PONTUAÇÃO (SHP) NA ESCOLHA DE PRIORIDADES DA POPULAÇÃO.

Outro grande marco da Democracia Pura nas Associações de Moradores que foram criadas ou refeitas com esta nova estratégia foi a escolha de prioridades da comunidade. Demandas pontuadas

pela população com o objetivo dos moradores focarem nas estratégias para lograrem êxito em demandas que realmente espelhassem as reais necessidades de sua comunidade e não somente o que o presidente ou alguns diretores pensassem ser o melhor para todos.

O sistema de pontuação para escolhas foi aplicado em um processo com dois momentos. No primeiro momento, houve uma reunião com a participação da população para um *brainstorming* de demandas da comunidade. Como houve uma repercussão positiva dos que estavam presentes no primeiro momento, pois suas demandas sobre o bairro foram ouvidas, na segunda reunião planejada para o processo, houve a participação de mais de 120 pessoas. Além dos convites entre vizinhos, foi realizada chamada pública por meio de carro de som nos três bairros adjacentes.

De posse da lista de necessidades elencadas pelos participantes da primeira reunião de levantamento de demandas, em uma segunda reunião do processo de escolha, foi aplicado um documento com a listagem numerada de demandas para serem escolhidas pelos participantes. Entretanto, com alternativas de respostas dispostas em escala tipo Likert de 5 itens. Considera-se que a Likert contribui para o processo de escolha mais racional. A resposta de uma escala é composta de quatro estágios em que o respondente (1) interpreta o item, (2) recupera pensamentos e sentimentos relevantes, (3) formula um julgamento baseado nestes pensamentos e sentimentos, e (4) seleciona uma resposta, segundo (TOURANGEAU E RASINSKI, 1988). Para facilitar o processo os respondentes tendem a simplificar a tarefa com o uso de heurísticas. O aumento da complexidade das opções de respostas tende a estimular o uso de decisões heurísticas (SWAIT e ADARNOWICZ, 2001).

Apresentado à população dos três bairros as demandas numeradas e com a escala do tipo *Likert* para a escolha, em seguida foi realizada a contagem de pontos por uma comissão, resultou em 10 itens mais pontuados escolhidos por mais de 120 pessoas. Curiosamente a fala entre os participantes durante o processo era que o campinho de futebol iria ganhar, pois era uma aspiração de antigos diretores. Contudo, dentre as 24 demandas elencadas, o campinho de futebol não estava entre as 10 primeiras. As 3 primeiras escolhidas foram, em ordem: unidade de saúde da família (a referência de unidade de saúde que utilizavam distava 7 km dos bairros), creche (distava mais de 5 km e não havia ônibus que os levassem) e agrupar todos os loteamentos para criar um bairro único. Portanto, escolhas que realmente refletiam necessidades básicas de saúde, educação e fortalecimento social.

Esta experiência nos mostra que mesmo uma população desprovida de saber científico ou portadora de poucos anos de escolaridade pode fazer suas escolhas de forma racional e de acordo com suas reais necessidades, sem interferência política ou de manipulação externa. Destas demandas, a primeira dentro de dois anos de trabalho já está sendo construída no bairro, a segunda prometida e a terceira em andamento.

CONVITES.

O voluntariado social e a experiência nestes bairros de Foz do Iguaçu foram reconhecidos e considerados relevantes pelo prof. José Vasconcelos devido à aplicação do método SHP em comunidades de base, motivo que o levou a convidar-me para palestras em condição de dupla. Enquanto ele fala da proposta de suas ideias, a meu cargo ficam as oficinas com uso de métodos ativos e andragógicos aplicados usando necessidades da realidade local.

Em Fevereiro de 2015, o professor recebeu um convite da Universidade de Direito de Lisboa, Portugal, para explanar e demonstrar suas ideias e experiências em Democracia Pura. Nesta ocasião

recebi seu convite para um *tour* de 15 dias na Europa nos seguintes países: Portugal, França, Suíça e Alemanha. Foi uma incrível experiência proexológica e de troca de conhecimentos. Sou profundamente grato ao professor Vasconcelos, aos meus amigos, voluntários da Conscienciologia e à minha duplista evolutiva, pois foram eles que possibilitaram esta viagem.

PORTUGAL

Palestra na Universidade de Lisboa. O professor apresentou os princípios e conceitos da Democracia Pura, exemplificou com o fato histórico dos motivos da deflagração da 1ª Guerra Mundial e depois argumentou apresentando uma pontuação do SHP de como o povo teria decidido sobre a Guerra.

Neste evento, realizei uma oficina com um tema em discussão naquele momento em Portugal, “a maioria penal neste país”, pois havia sido alterada por um pequeno grupo de juristas e pela Igreja católica recentemente. Propus este tema para pontuação e aplicação do SHP, concluímos que se a população fosse consultada de forma democrática e racional havia grande possibilidade de ter outro resultado. Em seguida, apresentei a experiência nas comunidades e associações de moradores nos Bairros de Foz do Iguaçu, Brasil, utilizando a Democracia Pura e o SHP para os residentes da área fazerem suas escolhas de acordo com suas reais necessidades. Passei dois vídeos com depoimentos de componentes da comunidade sobre a importância do aprendizado das Oficinas de Democracia Pura e da participação da sociedade nas demandas comunitárias e reorganização social.



Palestra na Universidade de Direito de Portugal

Visita à cidade de Santarém – Portugal. Visitamos um importante político que participa de um movimento sobre Democracia Direta em Santarém. Em seu escritório conversamos muito sobre sua candidatura a prefeito nesta cidade e nos falou dos movimentos em Lisboa que ele participa, relatando que geralmente começa com muitas pessoas e com o passar do tempo poucas pessoas conduzem o processo. relatei sobre as experiências em Foz do Iguaçu onde ocorreu o sentido inverso, pois ao utilizar a Democracia Pura em estatutos de instituições comunitárias através de práticas do SHP nas suas decisões, a população se sente dona da decisão, empoderada e, portanto, valoriza sua participação cidadã, toma em conta e mantém o processo.

Entre muitos assuntos, tive oportunidade de relatar um projeto novo, caminho inicial do estabelecimento da Democracia Pura e embrião ainda de pequena monta do “Estado Mundial” (PEREIRA, 2007), que é o projeto “políticos voluntários” para Foz do Iguaçu, que além dos candidatos eleitos ou escolhidos pela sociedade de recusarem ganhos monetários para exercer seu mandato, se faz uso dos métodos da Democracia Pura e SHP para escolhas e votações de interesse da população. Neste projeto, a proposta é lançar 11 vereadores voluntários, candidato a Prefeito, Vice-Prefeito e Secretários Voluntários. Para Secretários auto-habilitados e voluntários, uma equipe desenvolve um programa de informática com uso do SHP, próprio para ser realizada pela população em suas residências para a escolha deste cargo.



Cidade de Santarem, Portugal

FRANÇA

Viagem a Paris – França. Para este país, eu e o professor Vasconcelos traçamos estratégias para levar a Democracia Pura aos cidadãos parisienses. Distribuímos livretos explicativos sobre Democracia Pura nos trens, metrô e na Universidade de *Sorbonne* para alunos e professores de Direito e Filosofia, além de conhecer a Torre *Eiffel*, é claro.

Numa destas tarefas, avistei um transeunte francês que possuía um livro em suas mãos, entreguei-lhe um livreto, o cidadão me interpelou, referindo que não existia democracia. O professor Vasconcelos respondeu em francês e “coincidentemente” por coincidência o senhor que fora abordado falava português e nos disse que estava indignado porque, segundo suas palavras: “a democracia praticada na Europa era uma grande enganação, pois se tratava de verdadeira oligarquia”. Admiramo-nos de encontrar um francês com entendimento de democracia hegemonicamente praticada e conceituada como oligarquia, base de toda mudança para a Democracia Pura.



Torre Eiffel, Paris

VIAGEM PARA ZURIQUE - SUÍÇA.

Hospedamo-nos em um hotel em que o recepcionista era brasileiro, nos deu uma ótima dica, visitar a Alemanha, Cidade Waldshut, onde eu e o professor comemos salsicha típica, muito gostosa e na volta para Suíça já era noite de Lua cheia.

Andamos de bondes e comemoramos a nossa viagem bem sucedida no bar alemão com uma banda alemã regada à comida e música típica alemã.

Apreciamos e debatemos sobre a organização, limpeza, sinalização, excelente transporte urbano e ordem da capital Suíça. É admirável o respeito e confiança no cidadão. Na tarefa de divulgação das ideias, visitamos a universidade de Zurique onde distribuimos livretos sobre Democracia Pura para alunos e professores de Direito e Filosofia.



Faculdade de Filosofia de Zurique

Em final de viagem, depois de vários encontros com pessoas, culturas e formas de organização de várias cidades e governos, sentamos em um Café na Suíça para falarmos das experiências da viagem. Nesta ocasião, o professor Vasconcelos explanou um conceito muito interessante, que denominou “efeito objeto-sentimento”. Define-se quando políticos utilizam um objeto (algo) e o sentimento (relacionado a este algo) para manipular o povo e assim conseguem sua eleição ou o que desejam. Assunto que se relaciona com o tema de estudo conscienciológico Manipulações Conscienciais (TELES, 2011). A exemplo, podemos destacar: em 2014 com a morte de Roberto Campos (objeto), candidato a Presidência da República, Marina, candidata a vice-presidência promoveu-se, utilizando os sentimentos de fragilidade, solidariedade, simpatia e compaixão (sentimentos) do povo quanto ao trágico acidente do candidato. Conseguiu a transferência destes sentimentos para ela, pois a candidata estava ligada a Roberto Campos pela candidatura. Com essa estratégia, a candidata subiu nas pesquisas e, em determinado momento, a mídia a classificou como vencedora do 1º turno. Com o passar do tempo o povo a esqueceu e ela perdeu.

Semelhante processo foi desencadeado pela então candidata Dilma. Aécio Neves despontava como possível vencedor, entretanto, no debate na TV Globo o candidato Aécio levou a candidata Dilma a ficar desorientada (objeto), então a candidata passou mal em cena (voluntariamente ou não, não sabemos) e deste modo, houve um estímulo que desencadeou na população (sentimentos) de pena, caridade e compaixão à candidata e repulsa ao candidato Aécio, por “não ter respeito pela mulher de mais idade e enferma”. Este fato foi relevante para ela vencer. Se a eleição durasse mais alguns dias, talvez ela tivesse perdido, pois, o “efeito objeto-sentimento” poderia ter esvanecido e causar menor influência.

CONCLUSÃO

Espetacular, promissora, acolhedora, esclarecedora e fomentadora de *insights* foi a experiência na Europa. É uma honra viajar e palestrar em parceria com professor Vasconcelos. Homem de muitas experiências e ideias. Tivemos muitas oportunidades de debate e constatações frente à sincronicidade de situações, ideias, percepções e aspirações. Debater ideias de cunho evolutivo, libertário e inovador em ambientes que já alcançaram certo nível de organização política e social, constatar que em qualquer lugar que possamos encontrar pessoas, existem necessidades, condutas e formas de pensar semelhantes, surpreendeu-me e percebi familiaridade nisto. Considero que esta viagem serviu para ampliar a visão e manter-me em caminho de esclarecimento e implantação da Democracia Pura com perspectivas no Estado Mundial.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, J.; O Estado Mundial Cosmoético: Evolução de um Conceito; Artigo; Revista; Conscientia; Trimestral; Vol. 11; N. 3; 9 refs.; 1 info.; Jul-Set. 2007.

RUIZ, V.; Organizaciones Comunitarias y Gestión Asociada; pref. Jorge L. Karol; 165 p.; 5 caps.; 1 tab.; 85 refs.; 21 x 13 cm; br.; Editorial Paidós; Buenos Aires, Argentina; 2004.

SWAIT, J. Swait e ADAMOWICZ, W. The Influence of Task Complexity on Consumer Choice: A Latent Class Model of Decision Strategy. *Journal of Consumer Research*. v. 21, n. 1, p. 189-199, 2001.

TELES, M.; Profilaxia das Manipulações Conscienciais; pref. Flávia Guzzi; 346p.; 44 caps.; 2 índices; 344 refs.; glos. 187 termos; Alf.; ono.; 21 x 14 cm; br.; 2ª Ed.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.

TOURANGEAU, R. e RASINSKI, K.A. Cognitive processes underlying Context effects in Attitude measurement. *Psychology Bull.* n. 103, p. 299–314, 1988.

VASCONCELOS, J.; Democracia Pura; pref. Antonio Silvio Curiati; 223 p.; 13 caps.; 102 refs.; 23 x 16 cm; br.; 2ª Ed.; Nobel; São Paulo, SP; 2011.

VIEIRA, K. M. e DALMORO, M.. Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: o Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados? XXXII Encontro da ANPAD (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração) em 6 a 10 de set 2008. Disponível em 18/6/2015 em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A1615.pdf>

Julio Dias é pedagogo, representante da Democracia Pura no Paraná-Brasil, voluntário da Associação Internacional de Expansão da Conscienciologia (AIEC) e comentarista do Programa na Rádio Cultura em Foz do Iguaçu: “A Hora do Voluntário”.

VIAGEM AO SUL DA FRANÇA E ITÁLIA

Fernanda Schweitzer

Proposta. Há 10 anos, realizamos nossa primeira incursão parapsíquica pelo Sul da França e Itália, meu companheiro e eu. Nossa proposta inicial era conhecer algumas das cidades que tinham afinidades com nossas pesquisas pessoais.

Priorização. A seleção das cidades não foi tarefa simples, pois diversas são as atrações e histórias relacionadas a cada lugar, exigindo naturalmente nossa priorização.

Customização. Ainda durante a preparação do roteiro, surgiram aquelas cidades que, mesmo não sendo essenciais, se harmonizavam com o cronograma e nos chamavam a atenção.

Retorno. Depois desta viagem, voltamos a algumas das cidades visitadas, o que ampliou nossa compreensão de cada lugar.

Objetivo. As experiências marcantes vivenciadas durante a viagem são sintetizadas neste relato, objetivando contribuir com a preparação e aproveitamento das viagens pelos pesquisadores itinerantes.

Roteiro. Iniciamos nosso roteiro por Roma, e seguimos para Florença, Salon-de-Provence, Avinhão, Carcassone, e Foix, listados em ordem cronológica de visitação. De passagem para estas cidades, também entramos em Marselha e Toulouse, mas que nem chegamos a explorar.

A. Roma. Capital da Itália e do extinto Império Romano, Roma foi nosso ponto de chegada à Itália.

Receptivo. Ao aterrissarmos lá, já encontramos muita dificuldade para ir do aeroporto ao hotel. Devido ao atraso do voo, não havia mais trens no horário em que chegamos, e havia pouquíssima sinalização para chegar ao ponto de ônibus que nos levaria até a cidade. Os taxistas nos cercavam, mas não tinham qualquer interesse em nos ajudar a descobrir onde os ônibus ficavam.

Cenário. Havia poucas pessoas que nos pudessem dar informações, e nossa impressão era que, em frente aos taxistas, ninguém ousaria falar nada que pudesse nos ajudar. Era um cenário persecutório e coercitivo, que nos trouxe muito desconforto e nos fez insistir em buscar pelos ônibus. Enfim, pudemos achar o ponto do ônibus, e fomos para o hotel.

Prenúncio. Nossa dinâmica receptiva, sincronicamente, nos renunciou o que estávamos por vivenciar lá.

Humor. Meu humor, durante o período em Roma, mudou bruscamente. Sendo médica, já diagnostiquei e acompanhei muitos casos de depressão nesta vida. E no segundo dia, no hotel, reconheci

em mim alguns traços de quadro depressivo, que não havia experimentado ainda nesta vida. Em especial, me marcaram a anedonia, caracterizada pelo completo desinteresse por tudo o que me cercava, e uma tristeza, sem qualquer causa definida.

Eutímia. A postura de observadora de si mesma, discernindo o que me era intrínseco e o que era resultado das interações com o ambiente e as energias do lugar, somado à decisão firme em retornar ao meu padrão eutímico, ao exercício com as energias, e à assistência extrafísica¹ recebida me permitiram alcançar um equilíbrio tênue do humor, mantido durante o restante da estada na cidade.

Empatia. Tal experiência ampliou ainda mais minha empatia com as pessoas que vivem com transtorno depressivo; e minha compreensão da interação prática com o ambiente e as consciências² extrafísicas na expressão das doenças mentais.

Retorno. Em 2010, retornamos à Roma, desta vez apenas de passagem, e não senti mudança no meu estado emocional.

Atrações. Entre os locais visitados, três merecem destaque:

1. Coliseu. Ao nos aproximarmos do Coliseu, optamos por não entrar. As energias, mesmo à distância, nos eram negativas e repulsivas. Apesar de grande atração turística, para nós era verdadeiro bagulho energético a céu aberto, coerente com os 4 séculos de extermínio humano e subumano.

2. Vaticano. Visitamos, ainda, a praça de São Pedro e os Museus do Vaticano, onde estão expostos ambientes e objetos colecionados pela igreja. Pudemos ampliar, dessa forma, nossa compreensão quanto à atuação da igreja, e seu acúmulo de conhecimento e de riqueza, ao longo dos séculos.

3. Via Ápia. A famosa estrada, construída e utilizada pelo Império Romano, ainda conserva as energias gravitantes da época.

B. Florença. Capital da região da Toscana, a cidade nos atraiu por ter sido o berço do Renascimento Cultural e residência da família Médici.

Receptivo. Ao chegar na cidade, o sentimento de familiaridade com o lugar e as pessoas predominou, mantendo-se durante toda estada.

Reconhecimento. Entre os lugares visitados, a *Galeria degli Uffizi* foi o ambiente em que mais me senti alegre e à vontade. Nos corredores, o museu expõe dezenas de retratos da família Médici, nos trazendo a impressão de serem pessoas que conhecemos. Entre eles, um chamou minha atenção: o retrato de uma moça jovem, por volta dos 17 anos, e a certeza íntima de tratar-se de uma personalidade famosa da época. Não havia identificação nas pinturas, e buscamos pelas legendas espalhadas no corredor para verificar se seria quem eu pensara. Ao verificar na legenda, minha percepção se confirmou.

Familiar. Houve ainda o reconhecimento de uma personalidade, entre as retratadas na *Uffizi*, que é nosso parente na vida atual, o que ampliou a compreensão quanto a nossa relação com essa pessoa, desde aquela vida, facilitando nossa inter-relação no presente.

Capela Médici. Visitamos também a cripta da Capela Médici, onde houve o reconhecimento de algumas das consciências enterradas nos túmulos ali presentes. Não havia qualquer morbidez, ou sentimento fúnebre. Nos sentíamos entre pessoas conhecidas.

Capela dos Príncipes. No interior da Capela Médici, está a Capela dos Príncipes, uma construção com mosaicos de mármore e ricamente decorada que, apesar dos múltiplos elementos decorativos, nos era harmônica denotando nossa afinidade com o senso estético da época.

Ponte Vecchio. Visitar a ponte *Vecchio* nos trouxe uma disparidade: mesmo em frente às vitrines de joalherias tão sofisticadas e modernas, a sensação era de estar caminhando entre mercadores de tempos antigos, que expunham seus produtos nas bancas que antigamente eram montadas ali.

Palácio Vecchio. A visita ao Palácio *Vecchio* me trouxe uma certa estranheza. O ambiente, hoje sede da prefeitura de Florença, abriga também um museu. E meu sentimento, ao entrar lá, era de que ele estava muito diferente da época em que fora residência dos Médici.

C. Salon-de-Provence. Cidade no sul da França, possui uma casa onde morou Nostradamus, atualmente transformada em museu.

Hospedagem. Entre as opções de hospedagem em Salon, buscamos uma próxima à região central e que nos aproximasse da vida local. Escolhemos então um pequeno hotel, mas não nos ocorreu que poderíamos ter dificuldade em encontrar pessoas que falassem inglês por lá. E, para nossa surpresa, realmente os moradores não falavam quase nada de inglês, e por nós não falarmos francês, a alternativa foi se comunicar como era possível, principalmente em italiano, no hotel e com algumas pessoas para quem pedíamos informação na rua.

Acolhimento. Mesmo com a dificuldade do idioma, fomos muito bem acolhidos na cidade. A amabilidade de todos e a percepção de sentir-se em casa nos marcaram.

Museu. Visitamos o Museu Nostradamus, e pudemos perceber a presença das energias dele na casa, em especial no cômodo de onde eram feitas as previsões.

Túmulo. Fomos até a Igreja de São Lourenço (*Collegiale Saint-Laurent*), para ver o túmulo de Nostradamus, mas a encontramos fechada. Ao contrário de muitas igrejas que conhecemos, esta é aberta ao público em horários restritos, e que não coincidiram com nossa curta estada lá. Nos contentamos então em observar a igreja de fora, entre as belas árvores do local. A pacificação íntima, serenidade e as energias que senti lá, naquele momento, me marcaram profundamente.

D. Avinhão. Mais conhecida por *Avignon*, é cidade no sul da França onde está o Palácio dos Papas.

Palácio. Patrimônio mundial da ONU, o Palácio foi residência Papal no século XIII, e permaneceu propriedade papal até 1791. Após, foi utilizado como quartel e prisão. Atualmente abriga um museu nacional, desde 1906.

Paradoxo. Apesar da popularidade da cidade e do palácio, não gostamos de praticamente nada lá. Desde nossa chegada, percebemos as energias da cidade negativas, pesadas, e o ambiente hostil. Esse padrão se intensificou no Palácio, que possui muito pouco internamente para ser visto, além da própria arquitetura.

E. Carcassonne. A cidadela de *Carcassonne*, patrimônio mundial tombado pela UNESCO, atraiu nosso interesse por ser onde se passa o romance espírita *Cristo Espera por Ti*, psicografado por Waldo Vieira.

Receptivo. Nossa recepção extrafísica foi ostensivamente acolhedora, nos acompanhando por toda estada.

Cemitério. Começamos nossa visita pelo cemitério, buscando nomes conhecidos do romance. E apesar de não termos encontrado nenhum dos personagens, o ambiente era tranquilo e agradável.

Narbonnaise. Entramos na cidadela pela porta *Narbonnaise*, e a autenticidade histórica das ruas e construções, por si só, já evoca o passado e a sensação de estar em outra época.

Castelo. Ao chegarmos para visitar o castelo, tivemos uma grata surpresa, que ratificou a sincronia da visita à cidadela: a única visita guiada em inglês do dia, língua com a qual temos mais familiaridade depois do português, estava prestes a começar. Se a tivéssemos perdido, nenhuma das outras visitas em francês nos atenderia.

F. Foix. Comuna francesa, nos interessou por ter sido ocupada pelos cátaros, e pelo castelo incrustado sobre uma colina rochosa.

Castelo. Conhecemos o castelo, cuja história se confunde com a da própria cidade. Antes de hospedar o castelo, a colina foi ocupada pelos celtas e pelos romanos, para depois, em torno do século X, receber o castelo. Seus atrativos são a arquitetura da construção, e a harmonia com que se assenta sobre a rocha.

Vista. A vista da cidade, a partir do castelo, facilitou a conexão energética com os cátaros, em especial por possibilitar a observação das montanhas verdes com rochas incrustadas ao redor.

Conclusões. Ao final da viagem, coletamos vários aprendizados, dos quais merecem destaque:

Planejamento. A organização dos roteiros, e conhecimento da realidade local, dos idiomas falados, do horário das atrações e pontos turísticos, é essencial para o aproveitamento da viagem.

Repercussões. A afinidade e interação com cada local visitado e seu impacto nas experiências vividas.

Autopesquisa. A pesquisa pessoal, tanto de vidas passadas quanto da vida atual, é potencializada durante a viagem. Os diferentes contextos, locais e culturas, reforçam a importância da auto-observação contínua para compreender o que é intrínseco a si e o que é efeito dos ambientes e interações energéticas.

Pesquisa. A viagem possibilitou maior direcionamento e aprofundamento das pesquisas pessoais, a partir do conhecimento *in loco* e ampliação da conexão com os ambientes visitados, e com os grupos que ali viveram e ainda vivem.

Miniglossário:

Extrafísica é a designação relativa ao que tem origem ou se manifesta nas dimensões não físicas, também conhecidas por dimensões espirituais, além da dimensão física estudada pela ciência convencional.

Consciência é o princípio inteligente presente no Universo, também conhecido por *ego*, *self* ou personalidade, que pode se manifestar através das energias, tanto na dimensão física quanto nas dimensões extrafísicas.

Fernanda Cabral Schweitzer é especialista em Medicina do Trabalho (AMB/ANAMT); graduada em medicina (UFSC). Voluntária da Conscienciologia desde 1999, atuando hoje na Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia (AIEC) e na Associação Internacional de Intercâmbio Conscienciológico (INTERCONS), docente em Conscienciologia desde 2001.

OCEANIA

VIVÊNCIAS NA AUSTRÁLIA: DESAFIOS DE CONVIVER EM OUTRA CULTURA, SEM O DOMÍNIO DO IDIOMA

Izabel Conceição

INTRODUÇÃO

Viagem. Durante o primeiro trimestre de 2015, tendo empreendido uma viagem à Austrália, apresento algumas ponderações sobre aquela cultura, que em algum grau têm contribuído para ampliar minha visão de mundo, mais notadamente, quanto à qualidade de vida, como valor primordial de um povo.

Objetivo. O objetivo deste relato é mostrar situações com as quais uma pessoa pode se deparar quando em trânsito em outro país, ainda mais, sem dominar o idioma. Além de analisar o holopense predominante, desse país-continente, que é a Austrália.

Motivação. Contingenciada pela necessidade de acompanhamento na recuperação da saúde de meu filho, que para lá fora a trabalho desde dezembro de 2014, não tive dúvidas quando surgiu a demanda assistencial grupocármica e para lá me desloquei, imediatamente.

Seções. Para melhor encadeamento ideativo, o texto está construído a partir das experiências vividas desde o momento em que soube da doença, a decisão da viagem, a viagem em si, a permanência, até o retorno ao Brasil, 90 dias depois. Neste sentido o artigo está dividido em 8 seções: I Da Doença do filho; II - Da Viagem de Ida; III - Do Hospital; IV - Da Recuperação em casa; V - Do Retorno ao Brasil; VI - Da Austrália; VII - Da leitura do Holopense local; e das VIII - Considerações Finais.

I – DA DOENÇA

Sonho. Tendo meu filho conquistado a oportunidade de realizar um antigo sonho de ter uma experiência profissional no Exterior, após cumpridas todas as exigências legais internacionais, ele e a esposa foram para Austrália final do ano de 2014.

Doença. Ainda em Dezembro de 2014, ao sofrer intoxicação alimentar, ele fora internado e dentre os exames de praxe, foi descoberto a existência de um tumor próximo ao duodeno, o qual requereria intervenção cirúrgica, o quanto antes.

Decisão. Em 22 de janeiro de 2015, ao tomar conhecimento dessa necessidade e em comum acordo familiar, ele decidiu voltar para operar no Brasil tendo, portanto, providenciado a compra de passagens de retorno.

Crise. Mas, nas vésperas do retorno, teve uma segunda crise, que o levou ao hospital e, desta vez, não teve alternativa, precisou sofrer a cirurgia, a qual se deu no dia 26.01.2015.

Ação. Até certo ponto estava tranquila, em face de todo o trâmite de retorno por parte deles, porém, ao me deparar com a inevitabilidade cirúrgica, optei em ir até ao encontro de meu filho e minha nora, e neste sentido, agi de imediato nas providências legais de obtenção do visto de saída do país e entrada em outro.

Família. A família foi de fundamental importância neste momento, tendo contribuído substancialmente em todos os sentidos: emocional, financeiro e logístico. Dois de meus irmãos se deslocaram de Mato Grosso do Sul para virem até o Paraná e me ajudarem na agilização dos documentos, nas pendências do cotidiano e, no suporte afetivo, para que eu pudesse ir sem gerar problemas ao meu contexto familiar e profissional, o que foi feito em 24 horas.

Recorde. Agiram em tempo recorde, pois eles chegaram no dia 26.01 e, já no dia 27.01, só retornaram à MS quando eu me encontrava embarcada no avião rumo a São Paulo, onde aguardaria a liberação do visto da Embaixada da Austrália, permitindo o ingresso naquele país.

Visto. Para liberar o Visto, foi uma maratona energética, pois dia 26.01 era o *Australia Day*, de modo que a documentação hospitalar que justificaria o ingresso em situação emergencial, só foi liberada no dia 27.01. Assim, o visto só saiu efetivamente dia 29.01, quando então, pude prosseguir viagem.

II - DA VIAGEM

Hotel. Hospedada há 2 (dois) dias em São Paulo, após supridas as exigências das Embaixadas brasileira e australiana, no sentido da obtenção do visto, no dia 29.01.15, embarquei pela empresa Singapore Airlines.

Aeroporto. Saí do Aeroporto Internacional de São Paulo em avião lotado de paraguaios que vivem em Barcelona e estavam vindo de Assunção onde haviam realizado negócios.

Barcelona. Em Barcelona, na Espanha, desembarquei e após algumas horas, empreendi novo trecho da viagem, desta feita para Singapura. Nestes dois trajetos, ouvir o idioma espanhol ainda soava como familiar.

Singapura. Singapura é um local belíssimo, permeado com a mais nova tecnologia, o aeroporto gigantesco era um show à parte. Nesse ambiente, foi o tempo de espera mais longo e cansativo, principalmente em função de não compreender os idiomas falados, numa profusão multicultural sem precedentes até então.

Indianos. O forte contingente humano de indianos e indianas trouxe certo acolhimento pelo fato inusitado de reconhecimento energético. Era notável a forma como me tratavam, pois manifestavam um carinho singular de afetividade e respeito. Vale ressaltar que os indianos falam fluentemente inglês, por ser a língua oficial de seu país.

Chegada. Cheguei de viagem em Brisbane, Austrália, no dia 31.01.15 às 23h, praticamente 3 (três) dias depois. A minha nora me recepcionou no aeroporto e desde a internação de meu filho, fora o primeiro dia em que esta iria dormir em casa.

Curiosidade. No trajeto SP - Brisbane, o catálogo do cardápio indicava a mudança de fuso horário, quando em determinado dia servira almoço, e, depois quando seria jantar, novamente servia almoço.

Fuso. A diferença de fuso horário entre estes dois destino é de 12 (doze) horas.

Jet lag. Vencido o espaço e ultrapassada a distância, faltava superar o ajuste biológico do corpo físico. Em tese, a cada uma hora de fuso horário, o corpo demora 1 dia para reajuste do seu biorritmo. Assim, nesse caso, levaria 12 dias para o perfeito ajuste do corpo físico ao novo horário. Isso é o efeito *jet lag*, e, no meu caso, foi isso que aconteceu. Tinha sono de dia e de noite dormia pouco, ficava horas acordada e na maioria das vezes com necessidade de comer, pois sentia fome.

III – DO HOSPITAL

Hospital. A partir do dia 01.02.15, iniciou-se a imersão diuturna de vivência nos bastidores de um hospital daquela localidade. A minha nora já estava vivendo aquela realidade há 6 dias, tendo inclusive acompanhado o paciente na própria UTI.

Trajetos. O tempo de trajeto entre a casa deles e o hospital durava em torno de 40 minutos de ida e outro tanto de volta. Felizmente, era em meio a uma paisagem belíssima, sob arcos floridos, jardins e gramados imensuráveis. Com trechos circundando a praia artificial, ladeada por lanchonetes, lojas de *souvenirs* e calçadão, onde nos finais de semana ocorria feirinha de artesanatos com música e gastronomia local.

Interlocução. Obviamente que toda e qualquer interlocução por mim estava restrita ao filho, quando não sedado, e à nora, pois só estes falavam português. Com os demais, a comunicação se dava por meio de sorrisos e olhares de compreensão e solidariedade.

Médicos. Os médicos e enfermeiros se comunicavam diretamente com o paciente, em face ao domínio deste do idioma local, e dentro do possível, este nos traduzia, para não ficarmos tão alheios ao que de fato ocorria com ele.

Autoencantoamento. A nora que já tinha boa noção do inglês, perdeu a inibição e enfrentou a conversação pela situação emergencial na qual se encontrava.

Estresse. Depois do estresse de várias mudanças de enfermarias, até mesmo de salas de isolamento em virtude de infecções, chegou o momento da obtenção de “alta” do hospital.

Tempo. Em meu caso, foram 15 dias de imersão no hospital, indo às 8h30 e retornando em torno das 20h00. Nesse período, o mundo se restringia as paredes do hospital.

Cenário. Lá foi o palco dos cenários de todo aquele teatro interassistencial, primeiro entre nós três – únicos membros da família naquela localidade – depois, de nós com os profissionais da saúde de convívio diário, e por fim, com os pacientes que adentravam ao hospital para os tratamentos específicos.

Alta. Perfazendo 21 (vinte e um dias) no Hospital, finalmente meu filho teve alta e fomos para casa.

IV – DA RECUPERAÇÃO EM CASA

Adaptação. Ao chegar em casa, sem o aparato tecnológico do hospital, foi preciso toda paciência do mundo de todos os envolvidos para superar a nova fase. Naturalmente, teve os prós e contras, tais como: a alimentação, o próprio ambiente, o carinho, a rotina, dentre outros fatores.

Caminhar. Gradativamente, numa conquista diária, o filho foi retomando o domínio do corpo e dos espaços. Começou caminhando 10 minutos por dia, de 2 a 3 horas nos sábados até no 30º dia estar em condições físicas para voltar ao trabalho.

Trabalho. Tendo retornado ao trabalho, mesmo de maneira lenta nas primeiras semanas, não interrompeu o fluxo e reconquistou sua autonomia, liberando-nos para seguir o curso normal da vida.

Nora. Minha nora começou seu curso de inglês em escola conceituada na Austrália.

Biblioteca. Comecei a frequentar a biblioteca pública diariamente, com vistas ao estudo e à escrita.

Rotina. A rotina da família ficou bem delineada: ele ia para o trabalho, ela para a escola de idiomas, e eu para a “Library”, onde ficávamos o dia inteiro. À noite, preparávamos a alimentação do dia seguinte, víamos filmes e, nos finais de semana, fazíamos compras no supermercado num dia e no outro, íamos conhecer algum ponto turístico da cidade.

Idioma. Em maior ou menor grau, de alguma forma, todos aproveitavam o tempo livre para praticar o inglês.

Social. A parte social com vizinhos e novos amigos foi inserida na rotina, e os passeios começaram a ser em grupo, tornando a estada naquela cidade melhor.

Conscienciologia. Como Austrália é um país continental, os voluntários da Conscienciologia estão longínquos uns dos outros, todavia isso não impedia os encontros virtuais com regularidade. Assim, duas pessoas de Sidney, mais três de Brisbane e, posteriormente, mais dois de Adelaide, compunham a equipe pró-Conscienciologia. Muitas ideias geradas naquelas reuniões semanais, algumas bem plausíveis de serem levadas a bom termo.

V – DO RETORNO AO BRASIL.

Volta. Decidi o meu retorno ao Brasil após vencidos os 3 (três) meses do Visto de turista e quando constatei que as coisas estavam bem encaminhadas.

Data. Assim, dia 29.04.2015 empreendi a volta, pelo mesmo trajeto de ida, via Singapura, Barcelona, São Paulo e Foz do Iguaçu.

Viagem. A viagem de retorno ocorreu sem maiores transtornos, até certo ponto bem tranquila, já com maior domínio do idioma e maior desenvoltura interativa com estrangeiros em geral.

Foz. Cheguei em Foz do Iguaçu dia 01.05.15 e, a seguir, viajei para Mato Grosso do Sul, para o encontro com a minha família, só retornando de fato, dia 12.05.2015, já recuperada do efeito do *jet lag*.

CCCI. Com outra perspectiva no tocante ao *modus operandi* no voluntariado, fui retornando às atividades na CCCI - Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional.

VI – DA AUSTRÁLIA

País. A Austrália é um país de florestas tropicais e matas arborizadas; de praias douradas e desertos áridos.

Cultura. Sua cultura indígena (povos Aborígenes) é das mais antigas culturas contínuas do mundo. Têm vivido aqui desde há 40.000 a 60.000 anos.

Nação. Ao mesmo tempo é uma jovem nação (227 anos - data base: 2015); uma nação de imigrantes. Pessoas de mais de 200 países escolheram a Austrália para se estabelecerem. Como resultado, a sua sociedade é uma das mais diversas do mundo.

Colonização. A colonização europeia iniciou quando os primeiros 11 navios de degredados, que se tornaram conhecidos como a “Primeira Frota”, chegaram da Grã-Bretanha a 26 de Janeiro de 1788. Nessa altura, as leis britânicas eram severas e as prisões já não tinham lugar para o grande número de pessoas encarceradas pelos seus crimes. Para resolver este problema, o Governo Britânico decidiu transportar estes degredados para o outro lado do mundo; para a nova colônia de Nova Gales do Sul. Foi uma prisão a céu aberto, livre de grades. A real prisão fora o degredo da Inglaterra.

Origem. Os primeiros colonos *livres* vieram da Grã-Bretanha e da Irlanda. Esta herança britânica e irlandesa teve uma importante influência na história, cultura e instituições políticas da Austrália.

Imigrantes. Os chineses foram o primeiro grande grupo de imigrantes sem ser da Europa. Em 10 anos, a população mais do que duplicou. Hoje, a Austrália tem uma população de cerca de 23 milhões de pessoas. Mais de 1/4 (um quarto) destas pessoas nasceram no Exterior.

Língua. A língua nacional da Austrália é o inglês. A comunicação em inglês é importante para se tirar o maior proveito da vida e do trabalho na Austrália, porém, as outras línguas também são apreciadas. Na sociedade diversa australiana, falam-se mais de 200 línguas.

Símbolos. Os animais símbolos são o *canguru* e o *koala*. A flor nacional da Austrália é a *mimosa dourada*. As cores nacionais da Austrália são o *verde* e o *amarelo* dourado, as cores da mimosa dourada. E *opala* é a pedra preciosa nacional da Austrália.

Religião. A Austrália tem uma herança judaico-cristã e muitos australianos consideram-se cristãos. Porém, o governo da Austrália *não tem uma religião nacional oficial*. O governo trata todos os cidadãos da mesma maneira, independentemente da sua religião ou crença. Todavia, algumas práticas religiosas ou culturais, tais como ser casado com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, são contra a lei australiana.

Pontos negativos. Os jovens são relativamente aliciáveis. Exemplo 1: o islamismo tem sido introduzido ao modo de “convencimento” a muitos jovens australianos, em plena praça pública. Exemplo 2: há um número expressivo de jovens com tatuagens por todo o corpo.

Pontos positivos. Os jovens podem começar a trabalhar aos 13 anos, como aprendizes. E é cultural saírem de casa para serem independentes em torno dos 18 anos. A partir de então, eles que arcam com seus custos pessoais, inclusive o custo com educação. E também costumam se desligarem do convívio familiar. A impressão que dá é que os pais cumpriram com a “missão” de povoamento do país.

Política. A sociedade australiana é pacífica e democrática. O sistema de governo estável e os australianos respeitam a autoridade e as leis do governo. Os australianos acreditam na dignidade

e liberdade de cada indivíduo, na igualdade entre homens e mulheres e na supremacia da lei. Têm orgulho de terem construído uma nação coesa e unificada, e fazem tudo para que ela continue assim.

Expressão. Na Austrália, os australianos são livres para se reunirem em lugares públicos ou privados para discussões sociais ou políticas. Podem criticar o governo, protestar contra decisões do governo e fazerem campanhas para mudar as leis. Porém, todos os protestos devem ser de acordo com a lei. Isto significa que eles devem ser pacíficos e não devem lesionar qualquer pessoa nem danificar propriedade alheia.

Constituição. A união nacional foi uma dura conquista, mas, em 1º de Janeiro de 1901, as colônias uniram-se numa federação de estados. E a Lei da *Constituição da Commonwealth* da Austrália de 1990 é o documento legal que estabelece as regras básicas para seu governo.

Monarquia. A Austrália é uma monarquia constitucional, ou seja, é um país cujo chefe de estado é um rei ou uma rainha, mas este(a) tem de agir de acordo com a constituição. O Chefe de Estado da Austrália é a Rainha da Austrália, Sua Majestade Isabel II (Rainha da Inglaterra).

Brasileiros. Já são quase 20 mil os brasileiros que escolhem este país *anualmente* para desenvolver novas habilidades – desde o inglês até pesquisa de ponta.

Área. Em área, a Austrália é o 6º maior país do globo, logo após o Brasil. Por seu tamanho e por ser completamente rodeada por mar, a Austrália é muitas vezes chamada de “continente-ilha”.

IDH. Segundo a ONU, em 2012 a Austrália ocupava o 2º lugar na lista de países com maior Índice de Desenvolvimento Humano do mundo, perdendo apenas para a Noruega.

População. A população do país é de 23,3 milhões de habitantes, com cerca de 37% concentrados em Sydney e Melbourne. Sua capital é Camberra.

Intercâmbio. Os estrangeiros são cerca de 20% dos alunos das universidades, e o país é o 4º destino preferido para cursos de graduação e pós-graduação, atrás apenas dos Estados Unidos, Reino Unido e Canadá.

Nobel. Um claro sinal da qualidade do ensino superior da Austrália é o fato de a sua comunidade científica já ter conquistado doze prêmios Nobel nas áreas de Medicina, Física, Química, Economia e Literatura.

Qualidade de Vida. A Austrália têm 4 dentre as 10 melhores cidades do mundo para se viver em qualidade de vida. As cidades foram avaliadas levando em consideração 30 fatores qualitativos e quantitativos em cinco grandes categorias: estabilidade; saúde; cultura e meio ambiente; educação e infraestrutura. São elas: 1ª. Melbourne; 6ª. Adelaide; 7ª. Sidney; e 9ª. Perth.

VII – DA LEITURA DO HOLOPENSENE AUSTRALIANO

Eis uma breve análise do holopense de Brisbane, sob a minha ótica, o qual infiro que possa refletir o holopense australiano:

1. **Abertismo consciencial** nítido. É um local privilegiado nesse sentido;
2. **Acolhimento.** Bancos de jardim em todos os lugares; praia artificial; grande número de parques e jardins;

3. **Alimentação.** Saudável, priorizam orgânicos e *gluten free*;
4. **Atividade física** diárias. Ciclismo, corridas, caminhadas, além de dezenas de academias;
5. **Autenticidade.** Ele não tem vergonha de serem eles mesmos. Não há preconceitos tão evidentes, respeitam os próprios interesses e agem, sempre, dentro da Lei;
6. **Biblioteca.** Há várias bibliotecas e são muito bem frequentadas. E nelas as pessoas têm autonomia, entram de mochila, pegam os livros e estudam a vontade, em “n” espaços;
7. **Bom Humor.** Até os longevos, você não os vê reclamando, em geral, estão “de bem” com a vida;
8. **Confiança no governo.** As leis funcionam, então eles não as desobedecem;
9. **Clima.** O clima é parecido com o Brasil.
10. **Convívio.** As pessoas são simpáticas, agradáveis e empáticas. É um *Brasil que deu certo*;
11. **Cultura.** É bem presente o ecletismo e a diversidade cultural;
12. **Perfil.** A grande maioria possui a cultura do estudo e da pesquisa;
13. **Longevos.** Do jeito fraterno com que cuidam das crianças, eles cuidam dos longevos;
14. **Ponderação.** Não dramatizam (por exemplo, após um ciclone de quase 300Km por hora não se falam em mortos, porque eles evacuaram a área em tempo através de 5.500 homens atuando e fecham cerca de 100 escolas nas áreas de maior risco);
15. **Privacidade.** As pessoas procuram não invadir a privacidade do outro, nem com o olhar;
16. **Profissionalismo.** São extremamente detalhistas e têm alto padrão profissional;
17. **Segurança.** A segurança é prioridade zero, pois não há violência urbana. A polícia funciona. Ex: os bancos não possuem porta com detector de metais;
18. **Solidariedade.** Há um nível acima da média do senso de solidariedade uns com os outros;
19. **Trabalho.** Como valorizam a qualidade de vida, para eles o trabalho é MEIO e não FIM;
20. **Valores essenciais.** “Liberdade”; “família”; “qualidade de vida”; “respeito”;
21. **Voluntariado.** A prática de voluntariado é comum, diuturnamente, nos órgãos de interesse coletivo.

VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valores. Talvez por esse país ter sido uma prisão aberta da Inglaterra, em sua colonização, é fortemente impregnado com valores como liberdade e respeito ao próximo. Não invasão da privacidade e prioriza-se a qualidade de Vida.

Aprendizados. Estar em um país onde o holopensene possui esses valores, claros e inequívocos além de diametralmente oposto ao holopensene do *jeitinho* e da corrupção do Brasil, com certeza, gera um forte impacto positivo.

Introspecção. A introspecção contingenciada pelo não domínio do idioma, ao modo de um autismo involuntário, me propiciou em particular, a oportunidade de fazer um balanço de minha trajetória intermissivista na Conscienciologia, desde minha adesão à mesma, há 22 anos, em 12.02.1993, em Goiânia, GO.

Pré-intermissiologia. Sem sombra de dúvidas, ao viver naquele ambiente, com a multiplicidade de culturas, querendo interagir plenamente, mas cerceada pelo não domínio do idioma, restringindo-se apenas à interação energética, pude sentir um prenúncio do que seria a parte prática da pré-intermissiologia.

Preparação. Assim, esses fatores, decorrentes da vivência com aquela realidade, levaram-se a uma mudança de valores pessoais, no sentido de melhor me capacitar à assistência mais ampla, seja nesta ou numa próxima vida.

Mudanças. A primeira foi abrir espaço na agenda para cuidar do holossoma de modo mais equilibrado, investir no domínio de energias, além de aprender inglês, o quanto antes.

Reperspectivação. Ao retornar ao Brasil, optei em fazer algumas mudanças em minhas rotinas de voluntariado, privilegiando espaço para estudo e escrita de modo sistemático, além de cuidar da saúde, de maneira mais séria.

Agradecimentos. Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esse grande aporte proexológico na minha FEP.

Família. Agradeço especialmente a toda minha família que se uniu numa força-tarefa e, sem sombra de dúvidas, manteve o alento e o ânimo para juntos, superarmos essa dificuldade.

Amizade. Agradeço também o amor e a manifestação de amizade de muita gente, enviando as melhores energias que permearam essa vivência intensa de 90 dias na Austrália.

Imersão. Ao modo de uma atividade de imersão de ECP, de 3 dias, tivemos uma Imersão de 3 meses, “encapsulados” com atuação energética sincrônica de equipins e equipexes.

Cicatriz. E, todos que passamos essa experiência, vincamos essa cicatriz positiva no psicossoma, contribuindo para aprender a ser um pouco melhor consigo e com os demais.

Vida. Assim é a vida: “vivendo e aprendendo” sempre, em todo o lugar e circunstâncias.

REFERÊNCIAS.

1. **A vida na Austrália.** Attorney General’s Department. Robert Garran Offices, National Circuit. Barton ACT 2600. ISBN 978 1 921446 49 8. Publicado em Outubro de 2007.

2. **Guia para Estudantes Brasileiros na Austrália.** Embaixada do Brasil em Camberra. Redação e Design: Ana Paula F. Lacerda e Marina F. Lacerda. Austrália, dezembro de 2013.

Maria Izabel da Conceição é administradora, pós-graduada em Cooperativismo e Associativismo. Voluntária na Conscienciologia desde 1993.

MAIS VIVÊNCIAS
INTERNACIONAIS

CASAL INTERCULTURAL

Magali Ornellas

Grande parte da vitalidade de uma amizade reside no respeito pelas diferenças, não apenas em desfrutar das semelhanças.

James Fredericks

Definição. O *casal intercultural* é o formado pelas conscins parceiras, homem e mulher, de nacionalidades ou culturas diferentes, capazes de sobrepairar as tradições, hábitos, costumes, preconceitos, respeitando as diferenças, crescendo a partir das divergências e podendo vivenciar, de maneira sadia, a relação a dois.

Motivação. No exercício da autoinvestigação e intenção de contribuir com experiências xenofílicas pessoais, principalmente as relacionadas à convivência na condição de casal intercultural, decidi escrever este relato.

Objetivo. Objetiva-se com o texto despertar o interesse do contato e interação sadia entre pessoas de diversas nacionalidades, culturas e etnias, e também compartilhar parte da experiência pessoal na condição de casal intercultural.

Visão. Vivenciar o relacionamento intercultural é aprendizado intenso e prática enriquecedora nesta minha existência, a qual aprendi a enxergar perspectivas individuais bem diferentes, ampliando o *Weltanschauung* (visão de mundo).

Importância. Entendi os benefícios e a importância de coexistir com o diverso, e os ganhos, principalmente no crescimento pessoal e autoconhecimento. Foi através do entendimento do outro que expandi a compreensão sobre mim, e ouvindo o meu parceiro que desvendi alguns apriorismos pessoais.

Abertismo. Apesar de oportunidade ímpar, a condição da formação do casal com parceiro de nacionalidade diferente é desafiadora e exige maior abertismo consciencial para ocorrer.

Apriorismo. Pessoas com propensões tradicionalistas, dogmáticas, aprioristas, preconceituosas, fixadas em detalhes irrelevantes e monoglotas tendem a perder oportunidades de proximidade e intimidade com provável ou potencial parceiro e de aprender com o dessemelhante.

Afinidade. A barreira do preconceito e falta de universalismo pode nos separar de consciências as quais tivemos relações íntimas em outras vidas, podendo até ser antigos pais, mães, filhos ou irmãos. E quando deixamos a opinião *a priori*, sem exame crítico, ponderação, ou razão preponderar, perdemos às vezes a oportunidade de interagir com pessoas afins no campo afetivo ou de ideias.

Indicadores. Pude verificar o aumento da produtividade intelectual e a intensificação dos trabalhos interassistenciais a partir da união com o meu duplista. Considerei neste caso hipóteses de

indicação de afinidade intermissiva, de realização de trabalhos em conjunto anteriores, e convivência em diversas outras vidas. Percebi também, que mais importante do que falar o mesmo idioma, era falar o mesmo idioma evolutivo.

Interesses. Os interesses comuns apesar de *backgrounds* distintos mostram a força existente na atração dos afins. Por exemplo, eu nasci no Brasil e ele na Nova Zelândia, partes opostas do planeta, contudo nos reencontramos a partir dos interesses conscienciológicos, e hoje vivemos no Brasil.

União. Observei na vivência com o parceiro de país diferente, *expertises* complementares e vantagens na soma dos conhecimentos gerais. Principalmente na facilitação do trato com pessoas de outras culturas, utilização do idioma falado pelo parceiro, alcance da comunicação com maior número de pessoas e conseqüentemente, aumento do potencial para a realização de trabalhos interassistenciais.

Opção. O casal intercultural obtém mais proveitos na interrelação diária quando sabe reconhecer e optar pelo melhor de cada cultura, representados pelas condições positivas valorizadas e aplicadas por determinada população. No meu caso optei pela manifestação de maior assertividade dos Neozelandeses e pela espontaneidade dos brasileiros, e também, pela cultura menos machista dos Neozelandeses e pela cultura mais calorosa dos brasileiros.

Dificuldade. Por outro lado, quando os pontos negativos da cultura do parceiro ou parceira prevalecem no vínculo, tornam-se dificultadores da vida em comum, a exemplo do machismo, repressão, fechadismo ou individualismo marcantes em certos grupos sociais. Estes fatores podem contribuir para o término do relacionamento ou para infelicidade do casal.

Interdependência. No meu caso, por exemplo, observamos que tanto a cultura muito independente do meu parceiro quanto a cultura mais dependente das mulheres da minha cultura não eram positivas e optamos pela interdependência.

Interferências. Existem casais que se separam ou nem mesmo conseguem se unir devido às interferências familiares, seja porque a família não aceita a ligação ou porque se envolvem o tempo todo na vida do casal a ponto de sufocar o relacionamento.

Neofobia. Quanto mais tradicionais são os familiares, mais difícil para aceitarem pessoas de outras culturas na família. Querem evitar quaisquer intromissões nos usos e costumes. O apego à cultura mostra a neofobia instalada no núcleo familiar, renunciando mudanças nessa estrutura, muitas vezes milenar e anacrônica.

Tradições. Algumas vezes o parceiro ou a parceira se submete às tradições familiares para viabilizar a união com pessoa de certo grupo ou mesmo para ser aceito por membros da família, vindo até mesmo a sofrer *bullying* dos futuros parentes.

Racismo. O racismo cultural é disseminado através dos valores, das crenças, da religião, da filosofia, da arte e do idioma. As pessoas muitas vezes não se dão conta de estar dentro de sistema racista.

Leis. Em certos grupos existem leis, as quais proíbem o casamento com estrangeiros ou mesmo exigem a autorização do poder público para tal. O preconceito nem sempre é declarado por escrito. Na maioria das vezes é conhecido por todos e é esperada a união entre as pessoas de dentro do mesmo legado de crenças.

Xenofobia. A xenofobia em certos grupos é exaltada com vigor, faz parte inclusive, em alguns casos, dos ensinamentos discriminatórios nas escolas. Vários casais sofreram violência ou foram

assassinados por serem de culturas distintas e estarem juntos. Pessoas matam ainda hoje devido à intolerância ao diferente.

Semelhança. Interessante perceber as semelhanças existentes entre os xenófobos do mundo, os quais se parecem muito na forma preconceituosa de pensar e agir.

Oportunidade. Pessoas aprioristas têm dificuldade em avaliar a preciosidade presente na diversidade e os ganhos existentes neste ensaio evolutivo único, singular da vida humana. A Terra é local oportuno para experimentar a coexistência harmoniosa com pessoas de diferentes origens.

Prevenção. No caso dos familiares xenófobos, a distância pode ser prevenção para a coexistência saudável do casal. A solução para o casal manter-se junto, em alguns casos, pode ser mudar-se para outro país ou região mais desenvolvida e transigente e longe dos parentes contrários, os quais rejeitam, contestam ou não aprovam a união.

Extrapolações. Quando não ocorre a interferência familiar, a exemplo do meu caso, o êxito da vida em comum depende do parceiro e da parceira da dupla a partir do entendimento e/ou sobrepassamento cultural. Eu e meu parceiro procuramos não cultivar nenhum costume, ritual ou crença cultural retrógrada, conservadora ou atrasada. Estudamos alguns comportamentos culturais anacrônicos e incompatíveis com o nosso objetivo evolutivo, tais quais, *o homem não limpa a casa* ou *a mulher não ajuda a pagar as contas*. Fazemos isto sem perder o *gueixismo* mútuo, feminilidade ou masculinidade natural dos nossos gêneros.

Discordância. Quanto às discordâncias e divergências utilizei e utilizo igual alerta para as possíveis crenças enraizadas na minha consciencialidade, e aproveito sempre quando possível para refletir sobre possíveis equívocos ocasionados pelos meus condicionamentos culturais, os quais me oferecem novas opções de pensamentos e comportamentos.

Comunicação. O maior desafio encontrado até o momento foi a comunicação com o duplista, pois ocorre facilmente nos diálogos interpretações errôneas do dito. A transmissão e recepção de mensagem já apresenta grau de dificuldade para pessoas da mesma cultura, considere então duas pessoas as quais tem holopense cultural, língua materna, símbolos verbais e não verbais distintos.

Aprendizagem. Aprender o idioma e compreender a cultura é processo o qual necessita tempo e esforço, depende do exercício, acertos e erros os quais advém da experiência em conjunto. Ao longo do tempo a pessoa se torna mais sensível, ultrapassando os próprios limites também na observação e comunicação com outras pessoas estrangeiras.

Conscienciólogo. Na condição de consciencióloga, a superação de limitações mais proveitosas ocorreu pelas extrapolações das tradições através do universalismo, a exemplo de viajar para outros países, falar outros idiomas, experimentar realidades diferentes, ter contato com pessoas de nacionalidades diversas, conhecer formas de viver singulares, perceber diferentes padrões energéticos, conectar com a nova família estrangeira e conseguir se reconhecer parte integrante, cidadã do Cosmos, consciência em evolução, estudando este palco de diversidade e mantendo-se ligada ao processo da interassistência.

Neofilia. Percebo em nosso relacionamento o traço em comum da neofilia, almejamos as verdades relativas de ponta e buscamos não viver sob o jugo de doutrina bairrista, pontos os quais contribuem para a nossa coexistência harmoniosa. No meu ponto de vista, a convivência do casal está destinada ao fracasso quando ocorre a subjugação do parceiro ou parceira à cultura. .

Retrovidas. Ao experimentar a projeção consciente e a retrocognição compreendi já ter tido a oportunidade de viver em diversos gêneros, nações, culturas, etnias, sistemas de crenças e percebi a insignificância da defesa de posições tendenciosas, parciais, preconceituosas e o prejuízo ocasionado pela estagnação evolutiva do ser humano no cultivo de certas tradições doentias. A exemplo de *a mulher ser forçada a viver casamentos de submissão*, sem poder escolher a pessoa com a qual irá compartilhar o mesmo espaço em relacionamento íntimo, muitas vezes subjulgada pelo marido e escravizada pela família.

Exemplo. A união entre pessoas de culturas diferentes pode servir de exemplo para todos os parentes e amigos, os quais, com o tempo, observação e coexistência podem começar a aceitar novas ideias, colocar por terra algumas barreiras, diminuir os preconceitos, romper padrões estabelecidos, quebrar tabus e introduzir novas formas de comportamento mais avançados e universalista.

ABANDONAR TRADIÇÕES RETRÓGRADAS E NEOFÓBICAS INCENTIVADORAS DE ATITUDES PRECONCEITUOSAS NÃO DEVE SER COMPREENDIDO POR PERDA DA IDENTIDADE CULTURAL, E SIM GANHO DE IDENTIDADE CONSCIENCIAL MAIS UNIVERSALISTA.

Magali Ornellas graduada em Psicologia e Ciências Biológicas, especialista em Gestão de Pessoas e Dinâmica dos Grupos. Atualmente faz especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental; professora e voluntária da *Associação Internacional de Conscienciometria Interassistencial – Conscius*.

INTERCONTINENTAL MOVE – AN EVOLUTIONARY TECHNIQUE?

Jörn Schmidt

OBJECTIVE

There are different motivations for an intercontinental move. But one consequence is the same for all: it is a complete change of the existing **circumstances**. This article has the purpose to expand the imagination and motivate all those who are entertaining the idea to undertake such a move.

The author will use his experience, with an Europe-South America move, as a case study with the hope of helping others adapt to any impasses they may encounter in their own experiences. In addition the article also attempts to show the wealth of possibilities to accelerate ones evolution in such an undertaking.

In the author's case he sees this change as a chance to have *two* intraphysical lives in *one*. This is based upon there being *two* distinct successive sets of circumstances within *one* Existential Program. This creates *two* periods of life with such different tasks and focusses that the author perceives this as essentially *two* different lives.

Hypotheses. The author hypothesizes that a intercontinental move was planned in intermissive course and can subsequently be used intraphysically as an evolutionary technique.

Prior to the intercontinental move

INTERCONTINENTAL MOVES IN HISTORY

Regardless of the motivation, any move is either more supported by helpers or influenced by intruders.

Force. Not every continental move was carried out based on the individual's free will. Due to political conditions, wars or slavery many people were "relocated". These compelled circumstances almost always have an associated stigma. These can be found in the respective minority populations today.

Pecuniary motivation. Financial crises, harvest failures and social ills triggered population movements between the 4th and 6th centuries. Later waves of immigration developed in relation to "the new world", for example, to North America or South America. Even today politicians are keen to attract well-qualified workers to their countries. Previously, the motivations were typically born out of a life-threatening situation, nowadays there are many primitive motivations, such as greed or covetousness.

Escape. The motivation to change ones situation could come about as a result of a desire to run away “as far as possible” or due to a positive stimulating affect (often accompanied by euphoria).

Globalization. Today’s globalization seems to make it easier to overcome long distances. Communication via the internet is easy and inexpensive. Goods are transported relatively cheaply over long distances, and the volume of air traffic continues to grow.

Free will. We live at a time with the best opportunities for intercontinental moves.

In the author’s case an intercontinental move was made in order to live on a Conscientiology campus (Cognopolis).

DECISION PROCESS

Each decision begins with a change of the Holothosene.

Comfort zone. For decades, the author lived in a world in which he easily found his way. Family, friends, work and the entire life circumstances had given him the opportunity to a “happy” life. But after working more with self-research, identifying his broader evolutionary group and some Existential Program clauses, the will to leave this comfort zone grows.

Counterflow. After making the decision some strange adverse conditions happened. For example, trouble in a financially sensitive area which was previously balanced.

Hypotheses. The “supposed” counterflow is merely a “response” to the “movement” out of the comfort zone.

Temporal freedom. The author has taken a long “time out” to focus the decision-making process.

Monetary freedom. Previous financial decisions proved to be a great advantage during the change, as living expenses were covered by passive income. Daily life in Brazil is indeed cheaper than in Europe, but the question “How will I get food on the table and keep a roof over my head?” must be answered.

The evolutionary group at the campus has established a support network, for example to rent a cheap room in an apartment from a volunteer. This is useful especially for those who want to live on the campus for a limited period.

ISIC. The Pre-IC “Interassistential Services for the Internationalisation of Conscientiology” offers students assistance along the motto “Connect with others”. <http://www.isicons.org>

Groupkarmic freedom. The author has experienced great support from his family. For years he had been working with groupkarmic tasks. Now this understanding has been given in return. This is similar to how his friends have reacted. The author has seen many instances where researchers, who lived for quite some time in Cognopolis, needed to return to their comfort zone, because they do not have sufficient groupkarmic freedom. These groupkarmic energetic influences require an initial “harmonization”. Often researcher succumb to the risk of falling back into their old habits and enter into an existential self-mimicry.

Timing. Taking this decision too early, runs the risk of having to return. If made too late, one runs the risk that the opportune moment, in relation to the movement and necessities of the interassistential maximechanism, has passed.

Intensification of work with the helpers. In the phase prior to the move, the author sought to deeply cooperate with his helpers. Withdrawing from an egoistic-materialistic value system to live a more essential assistential-universalistic paradigm proved to be very helpful in the process. In addition, the author adopted the motto for a year: “Trust your helpers”. The affects from this appeared amazingly quickly. The author was preoccupied with the question: “How am I supposed to work?”. Although well informed and with a long-term plan, there was anxiety. By overcoming these fears the drama disappeared, and the helper could open up new previously unimagined possibilities. Now the challenge was to choose from among these possibilities. Later, upon determining the right time he was again supported by the helpers.

Lucidity. The author used consciential techniques to focus on his decision-process. Examples being conscientiotherapy and laboratories. In addition he did as much recin as he could to recuperate his cons and increase his lucidity.

After the intercontinental move

CLIMATE CHANGE

Maybe it sounds funny, but one must adapt to the differences in climatic conditions. Coming from the northern hemisphere it is amusing that the path of the sun is the opposite; the moon constantly looks different and at times looks like a smile; and Christmas takes place during summer. But, not everyone can withstand the high humidity and the seasons are markedly different than in Europe. The author feels as if Foz do Iguacu has 8 months of summer, 3 months of spring and 1 month of autumn. During the summer it is constantly warm for about 7 months (between 27° and 32°C) and very hot for one month. In autumn the relative humidity rises above 80%, and for about two weeks it is cold. A few days may even be below zero degrees.

CULTURE SHOCK

With the knowledge that a cultural shock will most probably come, the author had the opportunity to plan for it.

Lifestyle. The weather deeply influences Brazilians’ lifestyle. They are very open and friendly, celebrate and dance a lot. There is an abundance of food and warmth. The author perceives Brazilians as spirited and very enthusiastic, while organization and sustainability are not strengths. The author summarises a striking aspect of the mesology in this motto: “If it does not rain today, then maybe tomorrow”. The author considers that, depending on the situation, this can be a weak trait or a strong trait of Brazil.

Technology. Everything seemed somewhat makeshift, custom-built and safety standards appear to not exist - which to the author, an engineer, is particularly obvious. Other technical issues that caught the author’s attention are that every air conditioner is set too cold; and when it gets cold outside the houses get humid because the windows are very poorly insulated.

At the campus. The campus is like an island of researchers from around the world. The environment is very open with many people creating a culture of intercommunicability. Almost every institution has begun the processes of internationalizing and creating a reciprocal enriching networking.

Poverty. It is completely incomprehensible to the author why the seventh richest country in the world has such a bad educational standard. In Foz do Iguaçu, although there are no large favelas, like in Rio or São Paulo, poverty is a constant presence in the cityscape.

Insecurity. Around the city a variety of uniforms attract attention. The units of various police forces and military spread fear. Traces of the military dictatorship and the violence of crime are present everywhere. Foz do Iguaçu is located on the tri-border region of Brazil, Argentina and Paraguay, a transit point for drugs and contraband. In particular, the poverty in Paraguay propels people to engage in this desperate, and sad, lifestyle. Robberies, break-ins and serious crimes are common.

Bureaucracy. Brazil is much more bureaucratic than Germany. The author recommends creating a detailed plan for any given approval process, what documents are needed and what organization needs to certify them. Foreign documents have usually to be translated by an official translator and all documents must be reauthenticated by the Brazilian Consulate General.

Visa. The authorized stay has been reduced to 3 months and can be extended by 3 months only by leaving and re-entering the country. Upon entering the country the days remaining should be precisely monitored. The author recommends that after one extension the visitor reconfirms the number of days remaining with the Federal Police. In his case, he thought he had obtained the extension. Because of an extraphysical signal the author went to the Federal Police to double-check. In the computer the extension was not registered. Even though he had the stamp in his passport, it was not recognized. But he was fortunate, it was the last day to get an extension, otherwise he would have to spend 6 months abroad.

Approval processes. Important documents, such as permanent visa with RNE (Registro Nacional de Estrangeiro); Marriage certificate; Bank Account; recognition of a Diploma or professional qualifications require a great deal of time and many documents. All authorities have checklists with requirements, which helps a lot, but take care as the checklists often change.

Driving licence. It is advisable to have an international driving license issued from your country of origin. But in Brazil this will only be valid for you initial 3 months. An eye test must be carried out and the psychological test has to be fully completed. It consists of a 20 minute interview by a psychologist and a 6-part written examination. The author recommends you prepare well, and request the content at the examination office and gather information on the Internet. You will have to take the exam in Portuguese.

Tax number. For almost all contracts and to work the CPF is needed (Cadastro de Pessoas Físicas - tax identification number). You get this easily and it is required for a personal bank account in Brazil.

Workers book. Once you have a CPF you can apply for a Carteira de Trabalho (Workers Book) and then formally.

Health care. All Brazilians have the right to basic care - SUS (Sistema Único de Saúde). With a permanent visa / RNE you can be easily registered with SUS.

CHANGE OF ASSISTANTIAL TASKS

Once in a Mini-tertulia Waldo Vieira placed the hypothesis that intermissivists who completed an intercontinental move are preparing themselves to “autonomously” perform reurbanisation in the baratrosphere. The author supports this hypothesis.

Change of perceptions. During visits to Germany the author noticed his improved paraperceptions. Perception of the extraphysical baratrosphere was stronger and clearer. The inter-relationship of the extraphysical and intraphysical dimensions was also more apparent. The author hypothesizes that a beneficial by-product of his interassistantial work in Brazil was enhanced parapsychism, which was noticable upon temporarily visiting Germany. The author considers the time before the move to Brazil as a necessary preparation for an upcoming specialization in interassistantial tasks.

Assistance in the continent of origin. In the case of the author, the frequency of lucid projections in European baratrospheres has increased. When travelling to Germany many synchronicities happen in the first 2 weeks that involve spontaneous assistance, such as clarification, or additional Exteriorizations of energy outside of penta (personal energetic task). During these 2 weeks the author does not organize any appointments so as to be more available for assistantial tasks.

Rhythm of work. The author has noticed that he has changed his “rhythm of work”. He has the hypothesis that this is due to the different circumstances. In Europe the different extraphysical environments strongly influence daily intraphysical life. On a Conscientiology Campus the energies are much more heathy. Here it is common to integrate assistantial works in daily life, groupal interassistance like dynamics, many field courses or the different Tertúlias support the development of penta and one assistance. In Europe these supporting structures are far more rare. And so, a different rhythm of work is needed.

Role in the evolutionary group. The author hypothesizes that the role he had before the move was more related to his previous lives. Because of an intermissive course the author has been able to move in Brazil into a new role, one more coherent with his evolutionary needs and responsibilities.

Exchange volunteer. Interestingly, about one year after the author’s move, a volunteer from Foz do Iguaçu moved to Germany. This exchange revived the group recycling process in the evolutionary group in Germany, and in Foz.

Circle of friends. From among “old” friends the author maintains irregular contact with two people. But extraphysically he often encounters many old friends and their corresponding evolutionary groups. The hypothesis exists that assistantial work is being done extraphysically. One’s lucidity increases slowly and continuously. The author has noted a significant increase of acts of extraphysical clarification and rescue operations.

Evolutionary group. The broader evolutionary group has replaced a narrow set of friends. It is much larger than the author previously imagined.

Questions. The following is a list of useful questions to ask yourself:

- Do I know who accompanies my decision-making process? Am I helper support or controlled by intruders?
- What importance do I give the intercontinental move and how much time do I give to my decision-making process?
- How much financial security do I really need?

- Is the intercontinental move a clause of my Existential Program?
- How can I integrate myself into Foz's society?
- Can I be part of society; in all its various levels and with Paraguay / Argentina as neighbors?
- What are the optimal circumstances to fulfill my Existential Program (think big)?
- Do I feel safe and comfortable in my new environment?
- Am I dreaming and thinking in Portuguese yet?
- What do I really miss from my country of origin?
- How connected do I feel with my evolutionary group in my country of origin?
- What purpose and role in interassistential work can I better undertake now?
- Am I responsible for local assistential work - and if so, what?
- Have I had past lives in Central or South America?
- How can I recover my Cons (unity of lucidity) more quickly, recycling?
- How can I work better as a Minicog in the Maximechanism?
- How can I be a better example for others?
- How can I quickly settle in the new country, not risk being expelled from the country and how ethical is my behaviour (Visa)?
- How much security do I need in this aspect?
- How do Brazilians see the Germans, what are our strong and weak traits?
- How can I integrate the advantages of combining the strong traits of both continents?

CONCLUSION

Figuratively speaking, the author sees the intercontinental move evolutionary as a traveller who switched from a bullock cart to a high-speed train.

With this evolutionary technique, the author has tried to removed his ego from his "center" and is now focussed on penta. Within this process the assistential tasks also changed. Previously tasks were more in based around ego and groupkarmic assistance, after it is more groupal recycling and starting polykarmic assistance.

The proposal that an intercontinental change is an evolutionary technique needs further evaluation. The author would like to see other researchers share their experiences with him about it (joern.schmidt@freenet.de).

Promise. The author does not want to rule out another intercontinental move in this intraphysical life. The motivation for the next most likely being a preparation for the next intraphysical life.

Jörn Frederik Schmidt, born in 1965 in Frankfurt, Germany. Profession: Diploma in Electrical Engineering, certified project manager (GPM); practicing Coach (life coaching) and teacher of German. Active in Conscientiology since 2006. Penta-Practitioner since 2009. Volunteer in CIs: Ectolab; CEAEC; ISIC. Research-areas: Bioenergy and Ectoplasm; Consciential Basement.

German version – see below.

INTERKONTINENTALWECHSEL – EINE EVOLUTIVE TECHNIK? EIN RESÜMEE NACH DREI JAHREN

Jörn Schmidt

ZWECK

Es gibt unterschiedliche Motivationen für einen Interkontinentalwechsel. Aber eine Konsequenz ist bei allen gleich: es ist ein völliger Wechsel der bisherigen **Lebensumstände**. Dieser Artikel hat den Zweck, die Vorstellungskraft zu erweitern und all diejenigen zu motivieren, die sich mit dem Gedanken tragen einen solchen Schritt umzusetzen.

Der Autor benutzt seine Erfahrungen des Wechsels “Europa-Südamerika” als Fallstudie und hofft damit anderen zu helfen, sich auf Unwegsamkeiten einstellen zu können, die bei ihren eigenen Erfahrungen auftreten können. Und zusätzlich ein Ausschnitt für die Fülle an Möglichkeiten aufzuzeigen, wie man seine Evolution mit einem solchen Vorhaben beschleunigen kann.

Im Fall des Autors empfindet er diesen Wechsel gleichsam als *zwei* intraphysische Leben in *einem*. Dieses Empfinden basiert auf *zwei* unterschiedliche, aufeinander folgende Lebensumstände für *eine* Proexis (Programmierung des Existenzprogramms). Dadurch entstehen zwei Lebensabschnitte mit derart unterschiedlichen Aufgabenstellungen und Interessen, dass der Autor dies wie zwei unterschiedliche Leben empfindet.

Hypothese. Der Autor stellt die Hypothese auf, dass ein Interkontinentalwechsel im Intermissiven Kurs geplant und dann intraphysisch als eine evolutive Technik genutzt werden kann.

Vor dem Interkontinentalwechsel

INTERKONTINENTALWECHSEL IN DER HISTORIE

Was auch immer die Motivation ist, jeder Wechsel ist entweder mehr durch Helfer unterstützt oder mehr von Intrusoren beeinflusst.

Zwang. Nicht immer wurden Kontinentalwechsel aufgrund der persönlichen freien Entscheidung durchgeführt. Aus politischen Verhältnissen, Kriegen oder durch die Sklaverei wurden sehr viele Menschen “deportiert”. Die zwanghaften Umstände haben fast immer auch eine Stigmatisierung ausgelöst. Diese kann man noch heute in den entsprechenden Bevölkerungsminderheiten finden.

Monetär motiviert. Finanzkrisen, Ernteausfälle oder soziale Missstände haben schon zwischen dem 4. und 6. Jahrhundert Völkerwanderungen ausgelöst. Später entwickelten sich Auswanderungs-

wellen in “die neue Welt”, beispielsweise nach Nord- oder Südamerika. Auch heutzutage sind Politiker daran interessiert, gut qualifizierte Arbeitskräfte in ihre Länder zu locken. Früher waren die Motivationen in der Regel aus einer überlebensbedrohlichen Situation heraus geboren, heutzutage sind es oft niedrigere Gründe, wie beispielsweise Gier oder Habsucht.

Flucht. Die Motivation, etwas dadurch zu verändern, indem man sich “so weit wie möglich” von dem entfernt, was man verändern möchte oder aus einem positiven Affekt (oft von Euphorie begleitet) heraus.

Globalisierung. Mit der heutigen Globalisierung scheint es einfacher zu sein, große Distanzen zu überwinden. Kommunikation über Internet ist einfach und kostengünstig. Waren werden über große Distanzen relativ günstig transportiert oder das Flugaufkommen wächst ständig.

Freier Wille. Wir leben in einer Zeit mit den besten Möglichkeiten für einen Interkontinentalwechsel, die es jemals gab.

Im vorliegenden Fall hat der Autor einen Interkontinentalwechsel vorgenommen, um an einem Campus der Bewusstseinswissenschaft zu leben (Cognópolis).

ENTSCHEIDUNGSPROZESS

Jede Entscheidung beginnt mit der Veränderung des Holo-Gegefe.

Komfortzone. Über Jahrzehnte hatte der Autor in einer Welt gelebt, in der er sich gut zurecht gefunden hat. Familie, Freunde, Arbeit und die ganzen Lebensumstände hatten ihm die Möglichkeit auf ein “glückliches” Leben gegeben. Aber nachdem er mehr mit der Selbstforschung arbeitete, seine größere evolutive Gruppe identifizierte und Teile seiner Proaxis erkannt hatte, wuchs der Wille, diese Komfortzone zu verlassen.

Gegenfluss. Nachdem die Entscheidung gefällt war, ereigneten sich merkwürdig, widrige Umstände. Beispielsweise gab es in einem sensiblen Bereich, in dem bisher finanzielle Ausgewogenheit war, Ärger.

Hypothese. Der vermeintlich auftretende Gegenfluss ist lediglich die “Reaktion” auf die “Bewegung” aus der Komfortzone.

Zeitliche Freiheit. Der Autor hat sich eine lange “Auszeit” genommen, um den Entscheidungsprozess zu fokussieren.

Monetäre Freiheit. Es hat sich als großer Vorteil erwiesen, dass der Autor vor dem Wechsel finanziell investiert hat, um so die laufenden Kosten zu decken. Das tägliche Leben ist zwar in Brasilien günstiger als in Europa, aber die Frage: “Wie bekomme ich Essen auf den Tisch und ein Dach über den Kopf?” muss beantwortet sein.

Die evolutive Gruppe am Campus hat ein Netzwerk aufgebaut und hilft sich gegenseitig, zum Beispiel für Mitwohngelegenheiten bei einem Volontär. Das ist vor allem auch für diejenigen hilfreich, die eine befristete Zeit am Campus leben wollen.

ISCI. Das Pre-IC “Interassistanzial Services for the Internationalisation of Conscientiology” bietet Studenten Hilfe nach dem Motto “Connect with others” an. <http://www.isicons.org>

Gruppenkarmische Freiheit. Eine große Unterstützung hat der Autor durch seine Familie erfahren. Seit Jahren hatte er mit ihr gruppenkarmisch gearbeitet. Jetzt gab sie ihm dies als Verständnis zurück. Ähnlich reagierten seine Freunde. Der Autor hat die Erfahrung gemacht, dass immer wieder Forscher, die bereits eine längere Zeit in der Cognopolis (am Campus) lebten, zurück in das Umfeld ihrer Komfortzone gehen müssen, weil sie noch keine gruppenkarmische Freiheit besitzen. Diese energetischen Einflüsse bedürfen zunächst noch einer "Harmonisierung". Oft sind diese Forscher der Gefahr erlegen, wieder in ihre alten Gewohnheiten zu verfallen und eine existenzielle Selbstmimikry (Imitat von sich selbst) zu durchlaufen.

Richtiger Zeitpunkt. Setzt man seine Entscheidung zu früh um, läuft man Gefahr, wieder zurück zu müssen. Ist man zu spät, läuft man Gefahr, dass die vorteilhaften Gelegenheiten in Bezug auf die Bewegungen des interassistenziellen Maxi-Mechanismus verpasst sind.

Intensivierung der Helferarbeit. In der Phase vor dem Wechsel hat der Autor massiv die Zusammenarbeit mit seinen Helfern gesucht. Sehr hilfreich war dabei der Prozess, sich vom egoistisch-materialistischen Wertesystem zu lösen und die wesentlicheren assistenziell-universalistischen Paradigmen zu leben. Zudem hat der Autor für ein Jahr das Motto "Vertraue deinen Helfern" verfolgt. Erstaunlich schnell hatte sich ein Effekt daraus gezeigt. Der Autor hatte sich mit der Frage beschäftigt: "Wie soll ich meinen Beruf ausüben können?". Obwohl er sich gut informierte und eine langfristige Planung gemacht hatte, wurde er nervös. Mit der Überwindung seiner Ängste verschwand das beginnende Drama und die Helfer konnten neue, ungeahnte Möglichkeiten aufzeigen. Jetzt war er plötzlich in der Situation, wählen zu können.

Später, in der Phase der Wahl des richtigen Zeitpunktes hatte er wiederum Helferunterstützung.

Luzidität. Der Autor verwendete bewusstheitliche Techniken, um sich auf seinen Entscheidungsprozess zu konzentrieren, zum Beispiel bewusstheitliche Therapien und Labors. Darüber hinaus machte er so viel intrabewusstheitliches Recycling, wie er konnte, um seine Cons (Luziditätseinheit) zurückzugewinnen und seine Luzidität zu erhöhen.

Nach dem Interkontinentalwechsel

KLIMAWECHSEL

Vielleicht klingt es komisch, aber der Klimawechsel hat Eigenheiten, an die man sich gewöhnen muss. Es ist amüsant für jemanden der nördlichen Hemisphäre, dass der Sonnenlauf andersherum geht, der Mond ständig anders aussieht und einen ab und zu anlächelt oder Weihnachten im Sommer stattfindet. Aber nicht jeder verträgt die hohe Luftfeuchtigkeit gut und die Jahreszeiten sind anders geprägt als in Europa. Der Autor empfindet sie in Foz als 8 Monate Sommer, 3 Monate Frühling und 1 Monat Herbst. Wobei es im Sommer etwa 7 Monate konstant warm ist (zwischen 27° und 32°C) und etwa einen Monat heiß. Im Herbst steigt die relative Feuchte auf über 80% und etwa zwei Wochen lang ist es kalt. Einige kurze Tage kann es sogar unter null Grad werden.

KULTURSCHOCK

Mit dem Wissen, dass sich höchst wahrscheinlich ein Kulturschock einstellen wird, hatte der Autor die Gelegenheit sich darauf einzustellen.

Lifestyle. Das Wetter beeinflusst erheblich den Lebensstil der Brasilianer. Sie sind sehr offen und freundlich, sie feiern und tanzen viel. Es herrscht ein Überfluss an Nahrungsmitteln und Wärme. Der Autor erfährt die Brasilianer als temperamentvoll und leicht begeisterungsfähig, während Organisation und Nachhaltigkeit nicht gerade zu ihren Stärken zählen. Der Autor fasst diesen auffälligen Aspekt im mesologischen Motto: "Wenn es heute nicht regnet dann vielleicht morgen" zusammen. Der Autor ist der Ansicht, dass dies, je nach Situation, ein starker oder schwacher Wesenszug der Brasilianer ist.

Technik. Es wirkt alles etwas gebastelt und Sicherheitsstandards fehlen - was dem Autor als Ingenieur besonders augenfällig ist. Andere technische Beispiele, die dem Autor aufgefallen sind: es gibt überall Klimaanlage, die viel zu kalt eingestellt werden; wenn es kalt ist, wird es in den Häusern auch feucht, weil die Fenster sehr schlecht isoliert sind.

Am Campus. Der Campus ist wie eine Insel für Forscher aus aller Welt. Es herrscht ein offenes Ambiente mit vielen Leuten, die eine interkommunikative Kultur kreiert haben. Fast alle Institute haben Prozesse der Internationalisierung begonnen und pflegen ein reziprok bereicherndes Networking.

Armut. Es ist für den Autor völlig unverständlich, warum das siebt reichste Land der Welt einen solch schlechten Bildungsstandard hat. In Foz gibt es zwar keine so großen Favelas, wie sie aus Rio oder São Paulo bekannt sind, aber die Armut ist im Stadtbild ständig präsent.

Gewalt. Im Stadtbild fallen unterschiedlichste Uniformen auf. Die verschiedenen Polizei- und Militäreinheiten verbreiten Angst. Die Spuren der Militärdiktatur und die Gewaltbereitschaft in der Kriminalität sind überall präsent. Foz do Iguaçu befindet sich direkt an dem Dreiländereck: Brasilien, Argentinien und Paraguay, einem Umschlagplatz für Drogen und Schmuggel. Vor allem die Armut in Paraguay treiben Menschen dazu, in Foz ihr Unwesen zu treiben. Überfälle und Einbrüche sind an der Tagesordnung, schwere Verbrechen sind keine Seltenheit.

Bürokratie. Brasilien ist sehr viel bürokratischer als Deutschland. Der Autor empfiehlt, für Genehmigungsverfahren einen genauen Plan zu erstellen, welche Dokumente notwendig sind und von welcher Organisation diese bestätigt werden müssen. Ausländische Dokumente müssen in der Regel von einem offiziellen Übersetzer übersetzt werden und alle Dokumente müssen wiederum authentifiziert werden, die deutschen Dokumente von einem brasilianischen Generalkonsulat.

Visum. Der genehmigte Aufenthalt wurde auf 3 Monate reduziert und lässt sich um 3 Monate verlängern, indem man einmal aus- und einreist. Ab Einreise in das Land sollten die Anzahl der Tage genau überwacht werden. Der Autor empfiehlt, nach der Verlängerung die verbleibenden Tage bei der Polícia Federal (Bundespolizei) bestätigen zu lassen. In seinem Fall dachte er, dass er die Verlängerung bekommen hätte. Aufgrund eines extraphysischen Signals ging der Autor noch einmal zur Überprüfung zur Polícia Federal. Im Computer wurde die Verlängerung nicht registriert. Obwohl er den Stempel in seinem Reisepass hatte, wurde dies nicht anerkannt. Aber er hatte Glück, denn es war der letzte Tag, um die Verlängerung zu erwirken. Ansonsten hätte er 6 Monate im Ausland verbringen müssen.

Genehmigungsprozesse. Wichtige Dokumente, wie beispielsweise: permanentes Visum mit RNE (Registro Nacional de Estrangeiro), Heirat, Konto auf einer Bank, Anerkennung des Diploms oder Berufsanerkennungsverfahren, benötigen viel Zeit und viele Dokumente. Alle Behörden haben Check-Listen mit Anforderungsprofil, was hilfreich ist - aber Achtung, die Check-Listen ändern sich oft.

Führerschein. Es empfiehlt sich, einen internationalen Führerschein im Herkunftsland ausstel-

len zu lassen. Dieser ist aber in Brasilien nur für 3 Monate gültig. Für die Anerkennung muss ein Augentest durchgeführt und der psychologische Teil des Führerscheins komplett absolviert werden. Er besteht aus einem etwa 20-minütigem Psychologen-Interview und einer 6-teiligen schriftlichen Prüfung. Der Autor empfiehlt, sich auf diese Prüfung gut vorzubereiten und die Inhalte bei der Prüfungsstelle anzufragen und sich im Internet zu informieren. Die Prüfung muss auf Portugiesisch abgelegt werden.

Steuernummer. Für nahezu alle Verträge und zum Arbeiten benötigt man seine **CPF** (Cadastro de Pessoas Físicas - die Steuernummer), man bekommt diese einfach, benötigt aber ein persönliches brasilianisches Konto.

Arbeitsbuch. Mit einem CPF bekommt man das formelle Carteira de Trabalho (Arbeitsbuch).

Krankenversicherung. Alle Brasilianer haben das Recht auf eine Grundversorgung – **SUS** (Sistema Único de Saúde). Mit permanentem Visum/RNE kann man sich unbürokratisch registrieren lassen.

WECHSEL DER ASSISTENZAUFGABEN

Waldo Vieira hatte einmal in einer Mini-Tertúlia die Hypothese aufgestellt, dass Intermittentisten, die einen Interkontinentalwechsel vollzogen haben, sich darauf vorbereiten, eigenständig Reurbanisierung in den Barathrosphären durchzuführen. Der Autor unterstützt diese Hypothese.

Wahrnehmungsveränderung. Bei den Besuchen in Deutschland ist dem Autor seine veränderte Parawahrnehmung aufgefallen. Die extraphysischen Barathrosphären treten viel stärker und klarer in Erscheinung. Die Wechselbeziehungen der extraphysischen und intraphysischen Dimensionen sind augenscheinlicher. Der Autor hat die Hypothese, dass als nützliches Nebenprodukt zu seiner interassistenziellen Arbeit in Brasilien sich sein Parapsychismus weiterentwickelt, was er spürbar bei seinen zeitweisen Besuchen in Deutschland wahrnimmt. Der Autor betrachtet die Zeit vor dem Wechsel nach Brasilien als eine notwendige Vorbereitung auf eine bevorstehende Spezialisierung für interassistenzielle Aufgaben.

Assistenz im Herkunftskontinent. Im Fall des Autors haben sich die luziden Projektionen in den Barathrosphären Europas verstärkt. Bei Reisen nach Deutschland passieren innerhalb der ersten 2 Wochen viele Synchronitäten, die spontane Assistenz, wie beispielsweise Klärungsaufgaben oder zusätzliche Abgabe von Energien außerhalb der Penau (persönliche energetische Aufgabe), erfordern. Während dieser zwei Wochen hält sich der Autor frei von Terminen, um so mehr für assistenzielle Aufgaben zur Verfügung zu stehen.

Arbeitsrhythmus. Dem Autor ist aufgefallen, dass er seinen "Arbeitsrhythmus" verändert hat. Er hat die Hypothese, dass dies an den unterschiedlichen Umständen liegt. In Europa beeinflussen die unterschiedlichen Barathrosphären stark das tägliche Leben. Auf einem Campus der Bewusstseinswissenschaft sind die Energien viel gesünder. Hier ist es üblich, assistenzielle Arbeit in das tägliche Leben zu integrieren, gruppenassistenzielle Arbeit, wie Dynamiken, viele Feldkurse oder unterschiedliche

dliche Tertúlias unterstützen die Entwicklung der Penau und seine Assistenz. In Europa sind diese hilfreichen Strukturen viel seltener. Von daher ist ein anderer Arbeitsrhythmus notwendig.

Rolle in der evolutiven Gruppe. Der Autor hat die Hypothese, dass seine Rolle, die er vor dem Wechsel einnahm, mehr Relation zu seinen Vorleben hatte. Aufgrund des Intermissiven Kurses, hatte der Autor die Möglichkeit, in Brasilien in eine neue Rolle zu wechseln, eine, die mehr Kohärenz mit seinen evolutiven Notwendigkeiten und Verantwortlichkeiten hat.

Volontär-Austausch. Interessant ist, dass etwa ein Jahr nach dem Wechsel des Autors ein Volontär von Foz nach Deutschland gezogen ist. Dieser Austausch hat die gruppenkarmischen Arbeiten in der evolutiven Gruppe in Deutschland und die in Foz belebt.

Freundeskreis. Von den “alten” Freunden hält der Autor nur noch zu zweien unregelmäßig Kontakt. Extraphysisch trifft er aber häufig viele alte Freunde mit ihren entsprechenden evolutionären Gruppen. Es liegt die Hypothese nahe, dass hierbei Assistenzarbeiten geleistet werden. Die Luzidität steigert sich langsam und kontinuierlich. Der Autor verzeichnet eine deutliche Steigerung für extraphysische Klärungsaufgaben und Bergungen.

Evolutionäre Gruppe. An die Stelle der Freunde steht jetzt die große evolutive Gruppe. Sie ist sehr viel größer als es der Autor sich bisher vorgestellt hat.

Fragen. Liste hilfreicher Fragen, die sich der Autor gestellt hat:

- Weiß ich, wer meinen Entscheidungsprozess begleitet; habe ich Helferunterstützung oder bin ich von Intrusoren gesteuert?
- Für wie wichtig halte ich den Interkontinentalwechsel und welche Zeit gebe ich meinem Entscheidungsprozess?
- Wie viel finanzielle Sicherheit brauche ich wirklich?
- Ist der Interkontinentalwechsel ein zu erreichendes Ziel meiner Proaxis?
- Wie kann ich mich in die Gesellschaft von Foz integrieren?
- Kann ich ein Teil von ihr sein - mit all ihren unterschiedlichen bürgerlichen Schichten und Paraguay / Argentinien als Nachbarn?
- Was sind die optimalen Lebensbedingungen zur Vollfüllung meiner Proaxis - wie kann ich das optimieren (think big)?
- Fühle ich mich sicher und wohl in meiner neuen Umgebung?
- Träume und denke ich in der portugiesischen Sprache?
- Was vermisse ich wirklich aus meinem Heimatland?
- Wie verbunden fühle ich mich mit meiner evolutiven Gruppe aus meinem Heimatland?
- Welche Aufgabe und Rolle kann ich jetzt besser für die interassistenzielle Arbeit übernehmen?
- Bin ich verantwortlich für eine lokale Assistenzarbeit hier – und wenn ja, welche?
- Hatte ich bereits Vorleben in Mittel- oder Südamerika?

- Wie kann ich am schnellsten meine Cons (Luziditätseinheit) zurückgewinnen, recyceln?
- Wie kann ich jetzt besser als Minitelchen im Maximechanismus arbeiten?
- Wie kann ich ein Beispiel für andere sein?
- Wie kann ich mich schnell im neuen Land niederlassen, das Risiko der Abschiebung mindern, und wie ethisch verhalte ich mich dabei (Visa)?
- Wie viel Sicherheit brauche ich diesbezüglich?
- Wie sehen die Brasilianer die Deutschen, was sind unsere Schwächen und Stärken?
- Wie kann ich die Vorteile der Kombination der Stärken aus beiden Kontinenten persönlich integrieren?

RESÜMEE

Bildlich gesprochen fühlt sich der Autor mit dem Interkontinentalwechsel evolutiv wie ein Reisender, der von einem Ochsenkarren in einen Hochgeschwindigkeitszug umgestiegen ist.

Mit dieser evolutiven Technik hat der Autor versucht sein Ego aus seinem "Zentrum" zu entfernen und ist jetzt auf die Penau fokussiert. Innerhalb dieses Prozesses haben sich die assistenziellen Aufgaben ebenfalls verändert. Die vorherigen Aufgaben basierten mehr auf ego- und gruppenkarmisscher Assistenz, danach mehr auf Gruppen-Recycling und beginnende polykarmische Aufgaben.

Der Vorschlag, dass ein Interkontinentalwechsel eine evolutive Technik ist, bedarf weiterer Evaluationen. Der Autor würde es begrüßen, wenn andere Forscher ihre Erfahrungen darüber mit ihm teilen. joern.schmidt@freenet.de

Aussicht. Der Autor möchte nicht ausschließen, einen weiteren Interkontinentalwechsel in diesem Leben durchzuführen. Dann mit der Motivation, für das nächste intraphysische Leben dort zu investieren.

Jörn Frederik Schmidt, geboren am 6.4.1965 in Frankfurt, Deutschland. Beruf: Diplom-Ingenieur (FH) der Elektrotechnik, zertifizierter Projektmanager (GPM); praktizierender Coach (life coaching) und Deutschlehrer. Seit 2006 in der Bewusstseinswissenschaft tätig. Penau-Praktikant seit 2009. Volontär in den ICs: Ectolab; Ceac; ISIC. Forschungsgebiete: Bioenergien und Ektoplasma; Bewusstseinskeller

AUTO-ORGANIZAÇÃO
EM VIAGEM

CHECK LIST DO(A) INTERCAMBISTA À ÁFRICA DO SUL

Tony Musskopf (Org.)

Objetivo. Este *check list* é dedicado aos voluntários e voluntárias da Conscienciologia que desejam realizar intercâmbios internacionais na África do Sul. O texto é um *guia turístico*, não turístico. Aqui você irá encontrar uma série de dicas práticas e orientações para planejar e realizar seu intercâmbio conscienciológico internacional em *South Africa* (SA).

Aviso. Papel aceita tudo. Os organizadores deste documento não se responsabilizam por eventuais omissões, erros não-intencionais ou informações desatualizadas que possam levar a prejuízos aos voluntários viajantes. Lembramos que este *check list* se aplica à África do Sul e não a outros países do continente africano. Cada intercambista internacional deve organizar sua viagem com detalhismo máximo, por sua conta e risco.

I) PLANEJAMENTO DA VIAGEM:

01. **Duplismo.** Viaje sempre acompanhado de seu duplista evolutivo. Não viaje sozinho. A itinerância-duplista reforça a autodefesa do casal e evita assédios de base afetivo-sexuais. Aos intercambistas ainda sem duplista recomenda-se realizar o intercâmbio na companhia de amigos voluntários afinizados aos objetivos da viagem.
02. **Saúde.** Recomenda-se fazer um *check up* de saúde com meses de antecedência de sua viagem. A INTERCONS oferece serviço de assessoria médica aos viajantes. Não viaje com problemas de saúde pendentes ou com enfermidades que possam se agravar no Exterior.
03. **Dinâmica.** Do ponto de vista parapsíquico, sugere-se participar da Dinâmica Parapsíquica da África antes de sua viagem com objetivo de fazer *rapport* com o holopense africano e estar aberto a *insights* e inspirações da equipex relativas à itinerância. Onde e Quando: Salão das Dinâmicas do CEAEC, todos os sábados das 15h às 17h30.
04. **Estudo.** Estude tudo o que puder sobre as cidades e lugares para onde você irá viajar. Conheça a história, a geografia, a cultura a economia e o clima político atual. Leia livros e guias de viagem. Assista filmes e documentários a respeito. Acesse os jornais *online* locais. Visite as cidades e *spots* através do *Google Maps* e *Google Street View*. Leia *blogs* de viajantes. Converse com quem esteve nestes lugares. Aplique o Cosmograma. Além de estabelecer *rapport* com as consciências e os holopenses africanos este estudo é útil no planejamento da viagem.
05. **Dossiê.** Organize-se. Abra pastas com documentos de sua itinerância. Crie arquivos e planilhas no computador. Faça um *dossiê* completo.
06. **Data.** Ao estabelecer a data de sua viagem considere pelo menos estas variáveis: a) Será alta ou baixa temporada turística? O clima é propício? Será estação de chuvas (com aumento

dos casos de malária) para as regiões aonde vou? Haverá megaevento esportivo, religioso, político ou festivo?

07. **Roteiro.** Planeje um roteiro ou cronograma detalhado de sua viagem, dia a dia, com horários de voos, translados, atividades, contatos, refeições, etc. Não programe muitas atividades por dia. Sugere-se um compromisso por dia ou turno. É preciso ser flexível às extrapautas. Tal roteiro irá ajudá-lo a manter-se em foco, prevenir ociosidades, evitar gastos imprevistos e acidentes de percurso.
08. **Orçamento.** A partir deste roteiro minucioso é possível você fazer um orçamento detalhado das despesas de sua viagem.
09. **Retorno.** Planeje e organize também a sua ausência quando estiver viajando. Deixe tudo calçado do ponto de vista familiar, profissional, a exemplo de contas a pagar, rotinas da casa, *pets*, etc. para você não ter surpresas desagradáveis e acúmulo de pendências quando retornar de viagem.
10. **Compromissos.** Alivie sua agenda na véspera da viagem. Não marque compromissos importantes que demandam muita energia na véspera de sua viagem e não se sobrecarregue logo após seu retorno.
11. **Auxiliar.** Defina quem será seu(s) *auxiliar(es) em terra*, ou seja, aquela pessoa quem irá cuidar dos seus *pets*, de sua casa e de eventualidades durante o período em que você estará viajando (amparador intrafísico).
12. **Visto.** Brasileiros não necessitam de visto para viagens de até 90 dias (turismo e/ou negócios) para a África do Sul. Basta apenas apresentar o passaporte com validade de até 1 mês (da data de retorno ao Brasil), com pelo menos 2 páginas em branco e apresentar o *Certificado Internacional da Vacina* contra febre amarela, que deve ser tomada pelo menos 10 dias antes do embarque.
13. **Vacina.** A aplicação da vacina contra febre amarela (*yellow fever*) é obrigatória para admissão de viajantes em diversos países, inclusive para a maioria dos países africanos, incluindo a África do Sul. Para que tenha eficácia, a vacina deve ser aplicada pelo menos 10 dias antes da data da viagem. A vacina tem validade de 10 anos. Você poderá tomar a vacina gratuitamente em qualquer posto de vacinação. Procure uma Unidade de Saúde mais próxima de sua residência (Secretaria Municipal ou Estadual de Saúde). Mas não basta apenas tomar a vacina, é preciso comprovar que você está imunizado contra a febre amarela e/ou outras doenças através do *Certificado Internacional de Vacinação e Profilaxia (CIVP)* cuja validade é a mesma da vacina. Este Certificado deverá estar sempre com você em suas viagens. Por isso, carregue-o sempre junto com o passaporte. Para obter o *Certificado Internacional de Vacinação* você deverá ir à ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Leve consigo: documento oficial com foto, CPF e comprovante de sua vacina contra febre amarela obtida no posto de vacinação. Em Foz do Iguaçu, a ANVISA localiza-se na Avenida Paraná, 3.830 (aproximadamente 500 metros após a delegacia de Polícia Federal), o atendimento é de segunda a sexta das 8h30-11h30 e 14h30-17h30; telefone: (45) 3522-3821.
14. **Seguro.** Faça um seguro de saúde internacional em uma agência de viagens de sua confiança. Este seguro é obrigatório para voluntários intercambistas internacionais da Conscien-

ciologia. Contrate seguro com coberturas amplas e informe-se com seu agente de viagens sobre como acionar o seguro no seu país de destino. Guarde consigo cartões e telefones para acesso fácil em caso de emergência.

15. **Vouchers.** Guarde em uma pasta a cópia impressa de todos os *vouchers* com a reserva de hotéis ou *guest houses* onde você ficará hospedado. Envie *e-mail* para o hotel ou *guest house* para certificar-se de que sua reserva está confirmada. Imprima cópia destes *e-mails* e comprovantes de pagamento das reservas e leve tudo consigo na viagem.
16. **E-tickets.** Guarde em uma pasta a cópia impressa de todos os *e-tickets* de seus voos domésticos e internacionais. Ligue para a Companhia Aérea para certificar-se de que seu voo está confirmado, bem como data, horário e assentos.
17. **Cartão de Crédito.** Informe o destino e o período de viagem ao seu banco para que o mesmo possa autorizar despesas no seu cartão de crédito internacional. Em alguns bancos este comunicado/autorização pode ser feito diretamente pelo *Internet Banking*. Ah, e certifique-se de que seu cartão de crédito *tem crédito de folga* para suas despesas de viagem e não está próximo da data de expirar.
18. **Conexões.** Evite comprar voos com horários apertados de conexões, especialmente se forem de companhias aéreas diferentes. Se um voo doméstico atrasar, você poderá perder o embarque do voo internacional. Lembre-se que é preciso apresentar-se com antecedência *mínima* de 2 horas no aeroporto para embarques internacionais.
19. **Câmbio.** Você pode comprar Rands Sul africanos (ZAR) em casas de câmbio 24h do aeroporto de Guarulhos, SP. Pode-se, por exemplo, comprar a moeda no Banco Safra, localizado no Piso de Embarque do Terminal de Passageiros 1 Asa B (próximo à praça de alimentação) e no Terminal 3. É possível telefonar e solicitar com antecedência quantia desejada de Rands sul africanos. Aceita-se cartão de débito e de crédito. Telefone: (11) 2413-8100.

II) VÉSPERA DA VIAGEM:

20. **Bagagem de Mão.** Leve na bagagem de cabine o *kit de sobrevivência básico* do intercambista, caso a bagagem despachada seja extraviada. Dentre os itens essenciais estão, remédios, documentos, itens de higiene e roupas.
21. **Vigilância.** Para evitar atrasos nos aeroportos ou problemas com a Vigilância Sanitária nacional e internacional, evite transportar frutas, vegetais, sementes, plantas e produtos de origem animal.
22. **Normas.** Para evitar transtornos antes da viagem, siga as regras de segurança aérea. Não transporte grandes quantidades de líquidos (garrafas) na bagagem de mão. Gel, espuma de barbear, pasta de dente e líquidos devem estar acondicionados em recipientes com menos de 100ml cada e deverão ser guardados em uma pequena bolsa de plástico transparente (de 20 x 20 cm) com fecho hermético. Maiores quantidades de líquidos são permitidas na bagagem de porão da aeronave.
23. **Malas.** Use malas sempre identificadas e fechadas com chaves ou cadeados. Prefira malas leves, com casco rígido e rodinhas. Sempre feche as malas com cadeados. Recomenda-se vedar as malas (*Protect Bag*) e sempre identificá-las com seu nome e cidade de destino.

24. **Livros.** Todos os voluntários intercambistas internacionais estão convidados a levarem consigo livros da Conscienciologia para doação em suas viagens ao Exterior. Consulte a equipe da INTERCONS para selecionar as obras, obter dicas sobre doação de livros e contatos de bibliotecas internacionais. Portanto, reserve um volume em suas malas para acondicionar livros.
25. **Franquia.** A franquia de bagagem para voos domésticos é de 2 malas com 23Kg cada. Mas atenção: para voos internacionais pela *South African Airways* a franquia é 2 malas totalizando 32Kg por passageiro. Consulte sua companhia aérea para informações atualizadas. Calcule o peso de sua bagagem em uma balança doméstica para evitar surpresas no *check in* e o pagamento de taxas de excesso de bagagem.
26. **Camel Travel.** Levar carga pesada de livros na bagagem a longas distâncias é tarefa que exige técnica (daí o apelido bem humorado: *Camel Travel*). Eis nossas recomendações:
 - a. Acomodem bem os livros nas malas de modo que não amassem nem sofram qualquer tipo de dano.
 - b. Se possível, embrulhem em saco plástico grosso ou tipo bolha (os que estão sem embalagem) e misture no meio das roupas para dar amortecimento e não configurar mala só de publicações.
 - c. Evite muitos livros repetidos. Foz do Iguaçu é rota de drogas e contrabando, por isso a Receita e a Polícia Federal poderão querer abrir as malas para inspeção ao passar no Raio-X.
 - b. No aeroporto de Foz do Iguaçu, caso perguntem, diga que os livros são para doação e que você é do CEAEC (instituição conhecida pela maioria do *staff* do aeroporto local).
 - e. Caso perguntem, o importante é explicar que as obras *não* serão vendidas, mas doadas gratuitamente para bibliotecas.
27. **Bibliodiáspora.** Os livros a serem doados precisam ser carimbados, etiquetados e selecionados para as bibliotecas onde ainda não foram entregues. Lembre-se: a Intercons tem registro de todas as doações de livros pelo mundo e existem milhares de livros em estoque para serem doados. Assim, antes de doar livros combine com os voluntários da Intercons o itinerário de bibliotecas e quais livros serão doados para evitar repetições de acervo e retrabalho. Ao doar os livros, avise-nos! Envie um *e-mail* para nós (intercambioconscienciológico@gmail.com) informando: títulos dos livros doados; idiomas dos livros; respectivas quantidades; nome da biblioteca ou instituição que recebeu a doação; cidade; país; forma de doação (em mãos ou correios); seu nome completo (temos uma planilha eletrônica pronta e caso queira utilizá-la é só solicitar para nós).
28. **Mochila.** Para circular nas cidades e regiões, inclusive a pé, recomenda-se levar uma mochila leve ou bolsa de mão prática, não espalhafatosa (para evitar assaltos).
29. **Meteorologia.** Na véspera da viagem, consulte a previsão do tempo, temperatura e umidade local da próxima semana em sua cidade de destino para fazer os *ajustes finos* de sua bagagem.
30. **Antecipação.** Para evitar correrias e desgastes desnecessários, não deixe para fazer suas malas na última hora. Você poderá perder horas preciosas de sono (e piorar seu *jet lag*) fazendo malas em cima da hora.
31. **Ritmo.** Reduza o ritmo de afazeres para evitar acidentes de percurso na véspera da viagem. Durma, hidrate-se e alimente-se bem para aumentar sua imunidade física e energética.

32. **Jet Lag.** Na véspera de sua viagem, se possível, vá gradualmente ajustando o seu relógio biológico com o horário sulafricano. Durma e acorde mais cedo para acostumar-se com o horário local. Ao chegar no país de destino, durma, mantenha-se acordado e faça as refeições *conforme o horário local* para adaptar-se mais rapidamente. Tenha contato com a luz solar. Se sua estadia for curta, mantenha o biorritmo do país de origem, se possível. O ideal é o viajante descansar bem nos primeiros dias para depois aproveitar a viagem e evitar *forçar a barra* e querer sair para conhecer novidades ainda cansado do voo.
33. **E-mail.** Envie um *e-mail* para você mesmo com cópia (*backup*) de toda documentação de sua viagem. Assim você poderá acessar códigos de reserva de voos, de hospedagens, endereços, horários, telefones em caso de extravio de bagagem. Outra possibilidade é fotografar e digitalizar o passaporte e outros documentos como cartões de visita para tê-los à mão.
34. **Auxiliar.** Deixe um roteiro com telefones e endereços úteis, dados dos voos, itinerários, hotéis e lugares onde você estará ao longo de sua viagem para seus familiares e/ou *auxiliares em terra*, caso eles precisem fazer contato com você em caso de emergência. Envie o mesmo *email* para a INTERCONS: intercambioconscienciológico@gmail.com para o caso de emergências internacionais.
35. **Cartão.** Imprima cartões de emergência com seus dados em inglês contendo: nome, tipo sanguíneo, número do seguro-saúde, se é alérgico a medicamento/substância, endereço, telefone e *e-mail* para contato em caso de emergências, etc. Guarde estes cartões sempre consigo e com sua bagagem de mão.
36. **Web Check-in.** Prefira fazer *web check-in* em casa para evitar filas, poupar tempo e reservar os melhores assentos para seu voo.
37. **Translado.** Planeje e confirme os seus translados aos aeroportos meticulosamente para evitar atrasos e imprevistos.

III) AEROPORTOS E VOOS:

38. **Pré-embarque.** Faça refeições leves e evite bebidas gaseificadas *antes* dos voos.
39. **Roupas.** Use roupas confortáveis durante a viagem. Evite cintos, calçados e vestimentas apertadas que possam prejudicar a circulação sanguínea, especialmente durante longos períodos de voo. Leve agasalho para proteger-se do ar condicionado da aeronave.
40. **Comida a bordo.** Leve barra de cereal ou lanches embalados (*snacks*) para voos de longa duração. Caso necessite de alimentação especial, solicite à Companhia Aérea no momento da compra de sua passagem.
41. **Antecedência.** Chegue ao aeroporto pelo menos 2 horas *antes* do horário de partida dos voos internacionais e ao menos 1 hora *antes* dos voos domésticos.
42. **Milhagem.** No despacho de bagagens, lembre-se de solicitar suas milhagens junto à Companhia Aérea para acumular pontos para as próximas itinerâncias.
43. **Raio-X.** Esteja preparado(a) para eventualmente retirar calçados, casacos e cintos, além de abrir bagagens de mão para verificação no raio-X.

44. **Pressurização.** Para evitar desconforto nos ouvidos devido à pressão atmosférica no interior da aeronave, faça movimentos de mastigação amplos ou masque uma pastilha.
45. **Em Voo.** Durante os voos, hidrate-se, alimente-se e faça alongamentos especialmente com as pernas para ativar a circulação. Evite viajar resfriado para prevenir problemas timpânicos devido à pressurização da cabine.
46. **Celular.** Ao chegar ao aeroporto de sua cidade de destino (*OR Tambo International Airport*), compre e instale um *chip* pré-pago em seu celular para que você possa fazer chamadas telefônicas locais. Salve os números locais de seus contatos/colegas e informe seu novo número a eles. Além de créditos, sugerimos que você compre pacote de dados para navegar na *Internet* e utilizar o GPS de seu *smartphone*. Sugestão de companhia telefônica: Vodacom.
47. **Tomada.** Compre adaptador(es) de tomada para plugar seus aparelhos eletrônicos brasileiros. Você pode encontrá-los em lojas do aeroporto em Johannesburg (são mais baratos do que os vendidos no Brasil).
48. **Abordagens.** Ignore qualquer ajuda oferecida por estranhos nos aeroportos e não pegue táxis. Pré-agende os translados com seu hotel ou *Guest House*.

IV) EM JOHANNESBURG E OUTRAS CIDADES SULAFRICANAS

49. **Objetivo.** Antes de sair pelas ruas, estabeleça um objetivo claro do que fazer, para onde ir, como chegar lá, com quem encontrar e como retornar. Não saia a esmo, sem objetivo ou destino pré-definido.
50. **Grupo.** Saia sempre em dupla ou em grupo. Evite andar desacompanhado. Avise para quem ficar aonde você vai e que horas pretende retornar.
51. **Folga.** Calcule seus translados sempre com tempo de folga. Em Johannesburg, por exemplo, há horários de *rush* com pontos de engarrafamento. Não programe múltiplos compromissos em 1 dia.
52. **Discrição.** Seja discreto ao andar pelas ruas e no meio de multidões. Não use roupas chamativas, por exemplo, vestir-se de branco da cabeça aos pés. Evite comportar-se igual a um *turista deslumbrado*, tirando fotos, abrindo mapas e agindo com euforia.
53. **Mulheres.** Do ponto de vista cultural, é importante que as viajantes mulheres não deem muita confiança aos homens sulafricanos, pois eles podem interpretar que elas estão disponíveis e abrir espaço para intrusões afetivo-sexuais. Simpatia em excesso pode ser mal interpretada.
54. **Tênis.** Para caminhar, prefira tênis ou um calçado leve que lhe dê agilidade, segurança e conforto.
55. **Cab.** Use apenas *Cab* agendado previamente com o hotel / *guest house*. Não pegue táxis nas ruas, pois não são confiáveis. Jamais pegue *Vans*.

56. **Gautrain.** O *Gautrain* é ótima opção de deslocamento entre bairros de Johannesburg. É organizado, seguro e de ótima qualidade. As estações do trem urbano são capilarizadas com serviços de ônibus da *Gautrain* de boa qualidade. É possível, por exemplo, ir do Aeroporto OR Tambo à Sandton, Rivonia e até Pretoria via *Gautrain*. É preciso adquirir e carregar o *Gautrain Gold Card* somente nas estações. É proibido comer/beber nas instalações do *Gautrain*. Consulte horários, tarifas e regras em: www.gautrain.co.za.
57. **Automóvel.** Por medida de segurança a INTERCONS não recomenda que os intercambistas dirijam veículos na África do Sul. O trânsito de Johannesburg, a pressão holopensênica africana sobre os conscienciólogos, os efeitos do *jet lag* e a direção na mão inglesa são praticamente um convite para acidentes de percurso no país estrangeiro.
58. **Expediente.** O horário comercial em Johannesburg geralmente começa às 9h e por volta das 15h-16h já se inicia a hora do *rush*.
59. **Toque de recolher.** Não ande pelas ruas à noite. É perigoso. Tanto na Savana quanto na África Urbana é preciso usar a *técnica do toque de recolher*.
60. **Ruas.** Atenção ao atravessar as ruas, pois na SA a mão é inglesa.
61. **Mapas.** Os mapas distribuídos em hotéis, *malls* ou mesmos os do GPS são muito úteis aos viajantes jejunos.
62. **Segurança.** Antes de visitar alguma cidade, bairro, lugar ou mesmo ponto turístico, descubra se é local seguro. A atitude e cuidados de segurança do viajante em Johannesburg, Pretoria, Cape Town ou outras cidades assemelha-se à constante vigilância de quem vive no Rio de Janeiro ou em São Paulo, guardadas as devidas proporções.
63. **Porta-dólar.** Sugere-se usar porta-dólar na cintura entre as roupas para guardar documentos, cartões e dinheiro ao circular pelos centros urbanos.
64. **Alimentação.** Evite saladas cruas, carnes mal passadas e *aventuras gastronômicas*. Prefira alimentos bem cozidos.
65. **Água.** Beba sempre água mineral engarrafada ou refrigerantes. Evite água de torneira ou sucos feitos com “*líquido torneiral*”.
66. **Umidade.** Devido à baixa umidade relativa do ar recomenda-se muita hidratação e uso de manteiga de cacau nos lábios. Também pode-se pendurar toalhas úmidas nos quartos para dormir com mais conforto. Para evitar ressecar o nariz, pode-se utilizar *spray* com soro fisiológico (por exemplo, Salsep®).
67. **Clima.** Ainda em relação ao clima seco e quente sugere-se levar protetor solar, óculos escuros e chapéu. E para evitar problemas de saúde decorrentes do clima adverso, recomenda-se levar antialérgico respiratório, multivitamínicos ou vitamina C contra estados gripais.
68. **Aeroportos.** O *OR Tambo* é o principal HUB para voos internacionais da África e recebe voos de todo o mundo. O *Lanseria Airport*, há cerca de 50 minutos de Santon City (sem *rush*), é usado para voos domésticos.

69. **Rosebank.** A *Rosebank Station* em Johannesburg fica anexa ao *The Zone* e ao *Rosebank Mall*. Esses locais anexos possuem lojas, restaurantes, supermercados, bancos, escritórios, farmácia, caixas de ATM e vários outros serviços. É uma espécie de *mall* ao ar livre. Possui segurança.
70. **Sandton.** *Sandton City* é a área financeira de Johannesburg, onde há a bolsa de valores da África do Sul, sedes de empresas nacionais e multinacionais, além da *Nelson Mandela Square*, local de entretenimento, restaurantes, teatro, museus, biblioteca, *malls*, etc. As galerias de lojas estendem-se por vários quarteirões e andares.
71. **Gorjetas.** Costuma-se dar gorjetas em restaurantes e serviços de *cabs*.
72. **Voltagem.** Verifique se os aparelhos eletrônicos que você está levando para viagem são *bivolt* ou funcionam na voltagem do país.
73. **Apagões.** Johannesburgo tem tido apagões por volta de 18h e 22h. Por isso, vale levar lanterna pequena e sempre evitar sair na rua ao anoitecer.
74. **Malária.** As zonas de maior incidência de malária são na região norte (KwaZulu-Natal) e nordeste da África do Sul, que corresponde ao *Kruger Park* (Mpumalanga e Limpopo). As precauções incluem um remédio antimalária e um repelente contendo 30% de DEET (pode-se comprar em farmácias locais) e que deve ser borrifado sobre a pele e a roupa. Vestir-se com calça e camisa de manga comprida em cores suaves e usar calçado com meia.
75. **DDI.** Os códigos telefônicos para discagem internacional da África do Sul são: Código Int.: 27; Cape Town: 021; Johannesburg: 011; Pretória: 012; Para ligar para o Brasil disca-se: 0800-99-00-55 + nº desejado.

Tony Musskopf pesquisa a Conscienciologia desde 1990. É graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, e é especialista em Psicopedagogia. Autor de diversos artigos científicos, verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* e do livro “Autenticidade Conscencial”.

SITES E CONTATOS ÚTEIS:

South African Airways	www.flysaa.com 11 3065-5115
Gautrain	www.gautrain.co.za
Consulta a Opções de Hospedagens	www.booking.com / www.expedia.com.br / www.hoteis.com
Vital Card – Seguro de Saúde	www.vitalcard.com.br
Banco Safra, Aeroporto de Guarulhos	(11) 2413-8100
Anvisa	www.anvisa.gov.br Em Foz do Iguaçu: (45) 3522-3821.
Wikipedia da África do sul	http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_do_Sul
Courtyard Rosebank (Hotel em frente à Centro Comercial e Rosebank Station – Gautrain)	27 (11) 880-2989 (consulte os <i>sites</i> de buscas de hotéis)
Strathavon B&B Guest House (Guest House a cerca de 10 min de Taxi da Nelson Mandela Square)	www.strathavon.co.za
Consulado da África do Sul no Brasil	http://www.africadosul.org.br/saber_africa.html
Embaixada Brasileira em Pretória	177 Dyer Road / Hillcrest Office Park Woodpecker Place / 1st floor / Hillcrest / Pretoria, 0083 Seg-Sex 09:00 às 12:00 Emergências: + 27 (12) 653.64.68
Consulado do Brasil em Cape Town	22 Riebeeck Street, Triangle House - 21st Floor Cidade do Cabo – 8001 (00xx27) 21 421-4040/1/2 (00xx27) 021 421-4040/1/2 Urgency: (00xx27) 82077-8496 ou 082077-8496
Malaria Hot Line	083-900-8424
Mish (Taxista sulafricano indicado por Tony e Tathiana. Trabalha junto ao Strathavon Guest House)	079 2597-079 / 0110471-479

OVERVIEW DA ÁFRICA DO SUL

Idiomas: Inglês, Africâner, Xhosa, Zulu, Venda, dentre outros (11 línguas oficiais).

Moeda: Rand Sul African: 1 ZAR = R\$ 0,26 (Data-base: Junho de 2015).

Fuso Horário: + 5h (no horário de verão brasileiro: + 4h).

Visto: Não precisa (90 dias). Apenas passaporte e certificado de vacinação contra febre amarela.

Clima: costuma ser seco (em Johannesburg).

Capitais: Pretória (executiva); Cidade do Cabo (legislativa); Bloemfontein (judiciária).

Capital Econômica: Johannesburg, com 4.434.827 habitantes (Censo 2011).

Demografia: 50 milhões habitantes (Brasil = 200 milhões).

Etnias: negros (79,3%), brancos (9,1%), *coloured* (9,0%), indianos e asiáticos (2,6%).

Imigração: 5 milhões de imigrantes ilegais (3 milhões do Zimbawe).

Religião: cristãos (79,7%).

Homicídios: 2º lugar em assassinatos *per capita* (ONU, 2000).

Estupros: 1º lugar em estupros *per capita* (ONU, 2000). Epidemia HIV/AIDS.

Assaltos: 1º lugar em assaltos *per capita* (ONU, 2000).

Classe Média: vivem em condomínios fechados com muros-câmeras-concertina-segurança 24h.

Desigualdade Social: Buffalo City, Johannesburg e Ekurhuleni = *top* mundial (ONU, 2010).

Armas Nucleares: primeiro país no mundo a desmontar e renunciar às armas nucleares.

Economia: segunda maior da África, perdendo apenas para a Nigéria.

Diplomacia: Mediador de conflitos entre nações africanas na última década.

Províncias: 9 províncias.

Centros Econômicos: Cape Town, Port Elizabeth, Durban e Pretória e Johannesburg.

Imigrantes: xenofobia aos imigrantes devido a ocuparem empregos (alto índice de desemprego).

AIDS: 5 milhões infectados. Órfãos da AIDS.

Hospital: maior hospital do Mundo, o *Hospital Chris Hani Baragwanath* em Soweto.

Transplante: Primeiro transplante de coração humano feito pelo Dr. Christiaan Barnad (1967).

Nobelistas: Max Theiler (vacina contra a febre amarela); Allan McLeod Cormack (tomografia com-

putadorizada); Aaron Klug (técnicas cristalográficas de microscopia eletrônica); Sydney Brenner (biologia molecular).

Astronomia: Grande Telescópio Sulafricano, o maior telescópio óptico no hemisfério sul.

Educação: 2ª melhor índice da África, perdendo apenas para Cabo Verde (Wikipedia).

Fuga: Vem sofrendo *fuga de cérebros* (perda de talentos) nos últimos 20 anos.

Apagões: Comuns. Estatal fornecedora de energia: Eskom. Voltagem padrão: 220V.

Cultura: Altíssima diversidade étnica.

Esportes Nacionais: futebol (negros), rugby (brancos) e críquete (brancos).

Humanidade. A África do Sul é considerada o Berço da Humanidade segundo a UNESCO.

Apartheid: Ocorreu entre 1948-1994 e ainda há muitos resquícios, estigmas e testemunhas vivas.

Black Economic Empowerment (BEE): espécie de *política de cotas* com objetivo de reduzir as desigualdades socioeconômicas entre brancos e negros.

CONSCIENCIOLOGIA E COGNÓPOLIS

A *Conscienciologia* é uma ciência que estuda a *consciência* inteira, ou seja, nossa personalidade, ego, *self* ou essência com todos os seus corpos, as múltiplas dimensões onde se manifesta, suas várias existências passadas e futuras e suas interações com as energias.

Tal ciência de vanguarda nasceu a partir dos esforços do médico, lexicógrafo, professor e pesquisador independente, Waldo Vieira.

O professor Vieira vem pesquisando a consciência e suas manifestações parapsíquicas há mais de meio século, é autor de dezenas de livros, tratados e dicionários sobre o assunto e é fundador e co-fundador de várias instituições internacionais dedicadas ao estudo da Conscienciologia e suas especialidades.

Em 1995, Vieira e uma equipe de pesquisadores-voluntários radicaram-se em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil com objetivo de construir nesta cidade um *campus* de altos estudos da Conscienciologia.

Em torno da pedra fundamental desde empreendimento floresceu a *Cognópolis* ou *Cidade do Conhecimento* que hoje abriga um verdadeiro bairro ou *campi* da Conscienciologia habitado por centenas de pesquisadores-voluntários residentes e visitantes vindos de várias cidades do Brasil e Exterior.

A infraestrutura da *Cognópolis* reúne dezenas de instituições conscienciológicas parceiras, voltadas para o ensino e pesquisa da Conscienciologia, com laboratórios, bibliotecas, salas de aula, espaços culturais e de entretenimento, áreas de preservação ambiental, além de empresas, condomínios residenciais e estrutura hoteleira.

O local foi escolhido por ser uma região trinacional (entre Brasil, Paraguai e Argentina), multiétnica e multicultural, além de possuir alta concentração de bioenergias advindas de suas riquezas naturais, incluindo o Parque Nacional do Iguaçu que abriga as Cataratas do Iguaçu, considerada uma das 7 Maravilhas da Natureza.

Tal complexo científico é otimizado para as pesquisas da consciência, livres debates, amadurecimento pessoal, desenvolvimento do parapsiquismo interassistencial e para a vivência da cosmoética grupal, sendo estas as bases para implementação do *Estado Mundial Pacífico*.

A *Cognópolis* é berço de iniciativas sociais pioneiras e uma usina de neoideias. Por exemplo, a *Enciclopédia da Conscienciologia* é o projeto suprainstitucional que envolve centenas de pesquisadores e reúne milhares de verbetes com objetivo de sistematizar as teorias e práticas da Conscienciologia e suas especialidades.

A filosofia de todo este trabalho assenta-se no voluntariado, isto é, nos esforços sem fins lucrativos de incontáveis mulheres e homens, pesquisadores independentes, profissionais e especialistas de diversas áreas, que doam sua *expertise* para materialização e expansão da Conscienciologia.

Outras *Cognópolis* da Conscienciologia estão sendo construídas no Planeta. Juntas, as *Cognópolis* e seu corpo de voluntários constituem a *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional*.



